UM LUGAR DE CURA

Encontrando Deus nos momentos de dor



JONI EARECKSON TADA

JONI
EARECKSON
TADA

UM LUGAR DE CURA

Encontrando Deus nos momentos de dor

Tradução
Aquiles Queirós



THOMAS NELSON
BRASIL®
Rio de Janeiro, 2016

Título original: *A place of healing*
Copyright © 2010 por Joni Eareckson Tada.
Edição original por David C. Cook. Todos os direitos reservados.
Copyright de tradução © Vida Melhor Editora S.A., 2011.

As citações bíblicas são da *Nova Versão Internacional* (NVI), da Biblica, Inc., a menos que seja especificada outra versão da Bíblia Sagrada.

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seus autores e colaboradores diretos, não refletindo necessariamente a posição da Thomas Nelson Brasil, da HarperCollins Christian Publishing ou de sua equipe editorial.

Publisher *Omar de Souza*

Editores *Aldo Menezes e Samuel Coto*

Coordenação de produção *Thalita Ramalho*

Produção editorial *Luiz Antonio Werneck Maia*

Revisão *Camila Dornellas Serniker*

Diagramação *Abreu's System*

Capa *Douglas Lucas*

Podução de ebook *S2 Books*

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

T126l

Tada, Joni Eareckson
Um lugar de cura: encontrando Deus nos momentos de dor/ Joni Eareckson Tada; [tradução Aquiles Queirós]. - Rio de Janeiro: Thomas Nelson

Brasil, 2016.

Tradução de: A place of healing
ISBN 9788578608354

1. Sofrimento - Aspectos religiosos - Cristianismo. 2. Vida cristã. 3. Teodicéia. 4. Cura pela fé. I. Título.

CDD: 248.86

CDU: 27-184.8

Thomas Nelson Brasil é uma marca licenciada à Vida Melhor Editora S.A.
Todos os direitos reservados à Vida Melhor Editora S.A.
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso
Rio de Janeiro – RJ – CEP 21042-235
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212 / 3882-8313
www.thomasnelson.com.br

Para Gracie Rosenberger e Barbara Coleman

Duas de minhas “companheiras na dor”.
Cada dia essas mulheres vivem onde nossos piores temores ameaçam nos levar. Ainda assim elas o fazem com consumada confiança em Deus e com graça no trato com a família e os amigos.
Obrigada, Gracie e Barbara, por inspirarem-me a fazer o mesmo.

Sumário

Capa

Folha de rosto

Créditos

Dedicatória

Obrigada por tudo isso

Prefácio

Introdução

Um - Relatório da frente de batalha

Dois - Deus e a cura: Qual é a verdadeira pergunta?

Três - Curador e Senhor

Quatro - Que benefício há em minhas dores?

Cinco - Como posso seguir adiante desse jeito?

Seis - Como posso trazer-lhe glória?

Sete - Como posso recuperar minhas esperanças?

Oito - A cura definitiva

Nove - O sofrimento e a colheita

Dez - Agradeço ao Senhor, Deus, por esta cadeira de rodas

Epílogo

Notas

Obrigada por tudo isso

Curar e socorrer. Essas palavras combinam muito entre si. Quando alguém batalha com a dor, uma mão auxiliadora é muito apreciada. E não sou exceção, especialmente enquanto trabalhava neste livro. Houve dias de dor física tão intensa que tinha de lutar para conseguir escrever uma simples página. Mas Deus, em sua graça, colocou algumas pessoas incrivelmente auxiliadoras em meu caminho.

Como por exemplo Larry Libby. Já trabalhei com meu amigo e editor de confiança em livros anteriores, mas nunca tive de me apoiar tanto nele como agora, neste livro. Larry conseguiu como que usar um estetoscópio na minha alma e dar linguagem a inquietações e murmúrios que vêm de dentro do meu coração — e, por isso, sou eternamente grata. Se a leitura deste livro fizer alguém se aproximar mais de Deus e de sua Palavra, terei de agradecer a você, Larry.

E estou sempre me apoiando na Wolgemuth & Associates. Robert e Bobbie Wolgemuth são amigos de longa data com os quais harmonizei em muitos hinos, sem contar sua colaboração nos livros anteriores. Eles também estão familiarizados com o caminho de dor que venho trilhando há tantos anos, e, portanto, agradeço por suas orações, Robert e Bobbie. Estou em débito com a sempre crescente equipe da Wogelmuth & Associates, especialmente com Erik e

Andrew — Deus os abençoe por abrirem as portas para que eu passasse com minha cadeira de rodas.

Ao ótimo pessoal da David C. Cook, que me ajudou a dar um grande empurrão neste livro, de Dan Rich a Don Pape: obrigada por estender a plataforma da Cook para mim, para que eu pudesse compartilhar minha história com uma nova geração de leitores. Estou especialmente grata a Erin Prater e Susan Tjaden, que se tornaram grandes torcedoras do livro, cuidando e ajudando a refinar cada página e parágrafo.

Houve muitas ocasiões na Joni and Friends em que tive de me afastar do computador e simplesmente deitar para dar uma pausa a meu corpo. É necessária uma equipe de pessoas não somente para pesquisar e digitar, mas para me manter sentada confortavelmente em minha cadeira de rodas e seguir em frente. Meus colegas — Judy Butler, Francie Lorey, Rainey Floreen, Amy Donahue e Jaime Chambers — merecem uma rodada de aplausos pelas muitas vezes que me deram uma ajuda.

Por fim, agradecimentos especiais a meu querido marido, Ken, que tem caminhado fielmente ao lado de minha cadeira por todos esses anos, assistindo-me em cada sofrimento e em cada momento de felicidade. Ken e eu oramos para que as ideias que compartilho neste livro possam erguer o espírito dos leitores para novas alturas de confiança em nosso maravilhosamente soberano Deus — ele é nosso *socorro* presente para cada necessidade. Ele é nosso lugar para a cura.

Prefácio

Sempre tive o mais profundo respeito por Joni Eareckson Tada, mesmo sem nunca tê-la conhecido pessoalmente. Já a ouvi falar em palestras, a escutei no rádio, comprei suas obras de arte — na verdade, minha mulher é quem comprou — e li seus livros. Ela tem convivido com a deficiência por mais de quarenta anos, e tem feito isso com fé e esperança. É uma pessoa notável!

Há dez anos, fui diagnosticado com esclerose lateral amiotrófica (ELA), também designada por doença de Lou Gehrigh. É uma doença fatal e incurável. Os doutores me deram de dois a cinco anos para viver e, na maior parte desses anos eu estaria debilitado. A enfermidade rouba dos nervos a habilidade de trabalhar e assim os músculos desistem de fazê-lo. O futuro será com cadeiras de rodas, tubos de alimentação e aparelhos para auxiliar a respiração.

Assim como Joni, vivi além das previsões dos médicos. Então fiquei animado em ler *Um lugar de cura.* Não consegui parar de ler este livro. As questões que Joni suscitou e as lutas que compartilhou foram como se ela estivesse lendo minha mente. Tenho as mesmas questões e batalhas. Chorei enquanto lia, e, vez por outra, também dei gargalhadas. Era como se ela estivesse escrevendo para mim.

Gosto do fato de que Joni esteja escrevendo em meio a terríveis crises de dor. Eu, geralmente, não estou feliz com pessoas que não "caminharam pelos vales da sombra da morte". Quero ouvir as pessoas que estão atravessando esse vale agora. Elas me oferecem mais encorajamento e esperança. E este livro está repleto de encorajamento e de esperança.

Joni é franca e honesta a respeito de sua dor. Mesmo que eu não sinta dor em minha enfermidade, sinto como se ela estivesse falando comigo — de coração para coração e de alma para alma. Ela é honesta a respeito da questão da cura. Nunca conheci ninguém que tivesse se curado da ELA. Sei que Deus é capaz de realizar grandes feitos — assim como ele é capaz de curar Joni. Mas, acima de tudo, ela é honesta sobre como lida com a dor, com as batalhas e com o sofrimento.

Ela nos conta histórias de sua própria vida e das vidas de outros, e preenche o livro com citações da Bíblia (essa é a melhor parte do livro). Este é um livro para todo mundo que, assim como eu, luta a cada dia e para os que se importam e auxiliam aqueles que batalham. Posso resumi-lo em uma palavra: *brilhante.* Ou talvez *encorajador.* Ou talvez *bíblico.* Ou talvez *honesto.* Ok — ele não pode ser resumido a uma palavra. É a história de uma pessoa lidando com a dor e as batalhas e que, ao contá-las, oferece esperança para o resto de nós, que batalham.

ED DOBSON

Autor de *The year of living like Jesus* [O ano para viver como Jesus] e *Prayers and promises when facing a life-threateningillness* [Orações e promessas para quando enfrentamos uma doença que ameaça a vida].

Introdução

O sofrimento constitui indubitavelmente o maior dos desafios para a fé cristã, e tem sido assim a cada geração.
JOHN STOTT

Era uma linda manhã de domingo e os cultos haviam terminado. Estava circulando pelo estacionamento da igreja em direção à minha perua quando um belo rapaz, que se apresentou como David, me interrompeu.

— Você é Joni? — ele perguntou.

Eu sorri, acenando positivamente.

— Oh, que bom! — David exclamou. — Sou visitante aqui, tinha a esperança de encontrá-la hoje. Tenho orado muito por você.

Meus olhos se arregalaram.

— Sério?! Sobre o quê?

— Sua cura. Venho orando para que você saia dessa cadeira de rodas.

Naquele momento, meu espírito hesitou. David era um visitante. Ele havia vindo à igreja na esperança de me encontrar, e queria me ver curada. Não tenho como contar a você a quantidade de pessoas com quem me encontrei que

tinham feito a mesma coisa. Nas igrejas, nas esquinas, nos centros de convenção e em shopping centers lotados. Alguns desses encontros foram um pouco avassaladores — quase que assustadores.

Mas não nesse dia, com esse jovem.

Ainda assim, tive de conter sentimentos perturbadores. Uma vez, há alguns anos, vários homens apareceram na porta de nossa casa de fazenda, no estado de Maryland, e todos tinham sido levados lá pelo Espírito Santo para me curar... ou para casarem-se comigo! Então, talvez você entenda minha reticência.

— Bem, eu nunca recuso uma oração de cura —, garanti a David.

Esse cara não perdeu tempo em começar os trabalhos, iniciando o que soou como um discurso preparado:

— Você já pensou que talvez seja o pecado se interpondo no caminho de sua cura? Que você talvez o tenha desobedecido de alguma forma?

Antes que eu pudesse responder, David folheou sua Bíblia — ambos ainda parados naquele estacionamento — e leu do Evangelho de Lucas: “Vieram alguns homens trazendo um paralítico em uma maca e tentaram fazê-lo entrar na casa, para colocá-lo diante de Jesus. Não conseguindo fazer isso, por causa da multidão, subiram ao terraço e o baixaram em sua maca, através de uma abertura, até o meio da multidão, bem em frente de Jesus” (5:18-19).

Ele fechou sua Bíblia e me fez lembrar que aquele paralítico havia sido curado. E que eu poderia ser curada também, se pelo menos eu confessasse meus pecados e tivesse fé. E acrescentou: — Joni, *deve* haver algum pecado em sua vida com o qual você ainda não lidou.

Disse a ele que minha consciência estava limpa perante o Senhor (ele pareceu-me um pouco cético quanto a isso), e reiterei que sempre recebia de bom grado orações de cura. Agradeci a ele por sua preocupação, mas disse que não achava que se tratasse de uma questão de fé.

Para David, isso não foi o suficiente. De acordo com o que lhe tinha sido ensinado, se eu era uma cristã, se não havia pecado conhecido em minha vida e se eu tinha fé que Deus poderia curar… bem, então eu seria curada. Deus então não queria todo mundo curado? Jesus então não queria que todos estivessem bem? É claro que sim. Era tão óbvio!

— Joni — disse ele —, você deve padecer de falta de fé. Quero dizer, olhe para você: ainda está em sua cadeira de rodas!

Pensei um momento sobre o relato bíblico que ele acabara de ler e pedi que voltasse a abrir sua Bíblia na mesma passagem, Lucas 5.

— Ok — eu disse — você tem razão a respeito de uma coisa, David. Assim que desceram o paralítico pelo telhado e o colocaram no chão, à frente de Jesus, ele foi curado. Mas veja o versículo 20. Diz que quando Jesus "viu a fé daqueles quatro amigos" o homem foi curado.

— E daí?

— Você não entende? Ele não exigiu nada do homem debilitado. Ele estava procurando pela fé dos homens que o içaram pelo telhado. Deus não requer minha fé para cura, mas ele requer a sua. A responsabilidade não é minha, David. Se está nos planos de Deus erguer-me dessa cadeira de rodas, ele precisa da *sua* fé! Assim, continue acreditando, meu amigo. A responsabilidade é *sua!*

A fé, no entanto, não é o ponto central.

O ponto central estará sempre em Jesus Cristo e em sua vontade para aqueles que sofrem. Possuir uma grande fé em Cristo é acreditar em um grandioso Salvador, e as Escrituras dão boas-vindas à fé de qualquer pessoa que acredite na vontade de Jesus em curar. Nos dias que estão por vir, entre essas pessoas poderia muito bem estar David.

H

Será que precisamos dizer isso?

Deus certamente promove curas hoje em dia, não há dúvidas a esse respeito. Para chegar a qualquer outro veredicto teríamos de ignorar tanto o claro testemunho da Palavra de Deus como os sinceros depoimentos de tantos irmãos e irmãs gratos e exultantes em todo o mundo que nada querem além de trazer glória ao nome de seu Salvador e Curador.

Refletindo sobre minha recente experiência no estacionamento com David, porém, talvez até mesmo a declaração "Deus promove a cura hoje" precisasse de um escrutínio mais meticuloso.

Será que ele sempre cura? Será que ele cura qualquer pessoa que venha a ele com fé? Será que ele intervém miraculosamente na vida de todos aqueles que oram para livrarem-se de enxaquecas... esclerose múltipla... câncer de próstata... um caso grave de gripe ou... no meu caso, de dor crônica?

E, se a resposta for "não", por que é não? E por que ele cura alguns e não cura outros?

Note bem que eu não suscitei a tetraplegia nem o ferimento na coluna vertebral nesse contexto. Aqueles dias em que implorava a Deus para me erguer da cadeira de rodas ficaram para trás. Eu ainda estou na minha cadeira de rodas, mas estou feliz. E, nesse nível, fui curada. E muito.

Nesse exato momento, a grande questão para mim é só a respeito da dor. (Sim, eu sei que você provavelmente está se perguntando como uma pessoa completamente paralisada pode sentir dor. Confie em mim. Na *minha idade*, ao menos, isso é possível, e eu sinto.) Francamente, se essa dor não fosse tão crônica, tão arrebatadora por vezes, eu a deixaria em paz. Mas, assim como eu costumava dizer a ele anos atrás quando acabara de me acidentar, encontrei-me de novo orando: "Senhor, não posso viver assim pelo resto da minha vida!".

Pelo menos, não acredito que possa. Não estou "voltando atrás" em qualquer coisa que tenha escrito a respeito de

curas miraculosas em artigos ou mesmo em meu livro de 1978, *A step further* [Um passo adiante]. (Nossa, realmente já se passaram mais de trinta anos...) Mas essa urgência tem me forçado a olhar para trás nas Escrituras que me eram familiares e reconsiderá-las, examinando-as um pouco mais atentamente, a partir de novos ângulos — e de uma perspectiva diferente.

Meus amigos, esta é uma nova área para mim.

Como disse uma vez Josué aos filhos de Israel: "Vocês nunca foram desse jeito antes." E comigo se passa a mesma coisa. Nunca estive em um lugar parecido em toda minha vida. Mas, assim como os israelitas encontraram o Senhor em ambas as margens (e também no meio) do rio Jordão, estou encontrando sua presença, seu conforto e sua fidelidade neste estranho e estrangeiro país do sofrimento ampliado.

Este livro não se propõe a ser uma revisão teológica detalhada e exaustiva sobre cada versículo da Bíblia que parece aludir a curas miraculosas. Muito do porquê de Deus fazer o que ele faz, e curar quando ele cura, mantém-se oculto sob um manto de mistério divino, e eu certamente não vou sair revelando esses mistérios insondáveis nestas poucas páginas. Em vez disso, convidarei você a juntar-se a mim em uma jornada contemporânea e muito pessoal enquanto retorno a algumas das questões fundamentais sobre a vida (e a cura), o sofrimento e a perseverança, a desilusão e a esperança.

Quero encorajar você a olhar para o alto durante suas batalhas cotidianas para focalizar a hora da cura definitiva que nos aguarda a todos. A hora em que os olhos serão abertos, os ouvidos daqueles que estão surdos serão destampados, as línguas dos que não podem falar gritarão de alegria, e os coxos saltarão como cervos (Isaías 35, paráfrase). Oh, que dia glorioso será esse!

Para aqueles entre nós que não vivenciam um milagre de cura física nesta vida, será possível aguardar mais tempo? É

possível se apegar à esperança? E, mais do que se apegar e aguardar, será possível aprender o que *devemos* aprender durante nosso "período no cativeiro"? (É assim que me sinto nos dias em que a dor realmente me põe louca).

Será que oro pela cura da minha dor crônica? Pode apostar que sim.

Será que a obterei? *Se Deus quiser, sim.* "O que quiseres, Senhor", assim oro. "Se for para dar a ti mais glória e propagar seu evangelho mais rapidamente, aqui estou!". Sempre, e para todo o sempre, quero estar submissa ao Pai e obediente à Palavra de Jesus, sabendo muito bem que se eu tivesse tudo o mais na vida e isso me faltasse, eu nada teria.

Por que não é esse o objetivo final? Que Jesus obtenha a glória, seja por eu deixar a cadeira de rodas, livre das dores, para dizer às pessoas que minha cura é prova genuína do poder assombroso de Deus... ou seja por eu continuar sorrindo em minha cadeira de rodas, não a despeito de minha dor, mas por conta dela, sabendo que tenho lições a aprender, um caráter a ser lapidado, outras pessoas feridas com quem me identificar, um mundo em sofrimento para alcançar pelo evangelho e um Salvador em sofrimento com quem posso desfrutar de maior intimidade. E cada pedaço é uma prova genuína do amor e graça de Deus.

Este livro que você tem nas mãos é um relato sobre o momento que estou atravessando neste instante. Pelos últimos cinco anos estive no ringue lutando com um inimigo que parece crescer a cada momento, tornando-se mais astuto e odiosamente agressivo a cada mês que se passa. Estou falando de minha batalha contínua contra a dor, pois algumas vezes ela se apresenta lenta e destruidora, outras vezes virulenta e aparentemente insuportável. De fato, enquanto escrevo estas palavras, estou consultando outros especialistas para ver se há algo — qualquer coisa — que possa ser feito por uma agonia excruciante que eu gostaria de deixar para trás, feliz e grata.

Quis entremear esse aspecto da minha vida também nessas páginas. Não para torná-las sensacionais, mas simplesmente porque é aí que estou e quem eu sou agora. Como você verá, escrever um livro sobre a cura divina a partir de uma plataforma de sofrimento intenso dá uma urgência ao assunto que evita que ele se torne frio ou acadêmico.

A cura — ou mesmo uma breve trégua na guerra contra a dor — certamente está entre as coisas em que mais penso ultimamente.

Não… deixe-me refazer o que acabo de escrever. Trazer honra ao nome do meu Salvador e Rei é o mais relevante, não importando se ele decide me dar alívio agora ou somente mais tarde, em sua casa paterna. De qualquer modo, ele me socorrerá e me salvará e, por fim, irá coroar-me de júbilo.

Como ele sempre tem feito.

Um

Relatório da frente de batalha

Se Deus nos manda para caminhos árduos,
nos fornece sapatos fortes.
CORRIE TEN BOOM

Não há tempo para escrever um livro.

Mas tenho de tentar.

Não será fácil. E não será sábio. Não obstante, se você estiver lendo estas palavras, ele foi concluído e o livro foi publicado. Graças sejam dadas a Deus!

Então, note bem. Estou assumindo uma tarefa que os escritores mais experientes nem tentariam, e me dispondo a levar a cabo uma incumbência que os historiadores militares nem sonhariam em cumprir. Estou escrevendo em meio ao que estou atravessando, na violência do fogo cruzado, sob o peso das circunstâncias, e na agonia da dor incessante. Estou registrando minhas notas da zona de combate antes que a fumaça se dissipe, antes que as metralhas acabem de cair, antes que as armas se calem, antes que o capim e as flores do campo tenham crescido sobre as cicatrizes da guerra.

Escrevo com grande urgência. Minha vida está mudando e quero falar sobre essas questões de sofrimento na vida de quem crê — e sim, do poder de cura inegável de Deus — enquanto posso. Dor incessante, como podem testemunhar todos que vivem sob esse jugo, torna extremamente difícil pensar, trabalhar, relacionar-se, planejar e — como eu descobri recentemente — aproveitar uma oportunidade de falar em público.

Não faz muito tempo, fui convidada a falar para uma turma da Universidade Biola aqui, em Los Angeles, Califórnia. Fui convidada a participar do curso da Dr. Kathy McReynolds sobre "A teologia do sofrimento e da deficiência", um curso projetado pela universidade e pelo Instituto Cristão sobre a Deficiência (Christian Institute on Disability) aqui no Centro Internacional da Deficiência Joni e Amigos (*Joni and Friends International Disability Center*). A Dra. McReynolds havia me pedido para comparecer e fazer uma palestra para seus 65 alunos sobre como Deus redime o sofrimento. E alguns de seus alunos, como ela havia me dito, tinham questões mais profundas que essa.

A turma se reuniu em uma daquelas salas de aula da parte antiga do campus, e esta não tinha janelas e era pouco ventilada. O professor havia colocado um ventilador próximo a uma das portas, o que agradeci. Ainda assim, sem janelas e em um dia quente do Sul da Califórnia, a sala imediatamente ficou abafada e fechada.

Antes mesmo que me apresentassem à turma, senti aquelas sensações familiares das paredes se fechando sobre mim.

Claustrofobia, minha velha inimiga.

É a mesma sensação que me vem quando acordo às duas horas da madrugada, depois que o efeito do analgésico passou e quando Ken já está dormindo profundamente. Nesses momentos escuros, na calada da noite, não sou fisicamente capaz de me livrar de um cobertor quente demais, e a rigidez de ter ficado na mesma posição por

horas me sobrecarrega com uma dor que me desafia a tentar voltar a dormir.

A doutora McReynolds me apresentou à classe e eu passei os olhos pela sala antes de iniciar a palestra. Alguns jovens, calouros recém-chegados, inclinavam seus ombros para frente, atentos na expectativa (assim me disseram) de uma coisa brilhante e inspiradora. Outros estavam mais relaxados, se espreguiçando, batucando com os lápis. Estes provavelmente eram os com "questões profundas". Bem, sejam bem-vindos ao clube.

Comecei no ponto que havia começado tantas vezes: com meu próprio testemunho. Aquela cálida manhã de verão na Baía de Chesapeake. A balsa, o mergulho, o impacto, o acidente, a imobilização no hospital de Baltimore... Os longos anos de tratamento e terapia, e o começo de um ministério inimaginável. De lá, saltei para a grande questão sobre os desígnios e a vontade de Deus. Como Deus pode ter permitido que isso acontecesse em minha vida? Ainda que eu tentasse renovar a história, tenho de admitir que houve ocasiões em que tudo pareceu meio batido, um pouco ladainha para meus próprios ouvidos.

Mas não dessa vez.

Urgência renovada

Neste momento da minha vida, as questões me chocam com urgência renovada, assim como fizeram naquele momento na sala de aula. Ainda que eu tivesse me esforçado bastante para ajustar meu espartilho ortopédico diante da classe e ainda que eu tivesse sido erguida, posicionada cuidadosamente e reposicionada repetidas vezes naquele dia, eu estava sentindo dor.

Estava sentindo *muita* dor.

Com quinze minutos de apresentação, eu já me via me contorcendo na minha cadeira de rodas e mordendo o lábio, com grande dificuldade até para expressar pensamentos e

ideias familiares. E a sala estava *tão* quente. Eu tinha de me esforçar até para respirar.

De algum jeito, consegui me arrastar durante os 45 minutos que me foram designados. E pareceu arrastado, mesmo. Será que os estudantes ganharam alguma coisa com isso? As expressões em seus rostos diziam que pelo menos alguns tinham se comovido, talvez profundamente. Certamente ninguém mais estava se espreguiçando ou batucando com o lápis. Será que Deus teria feito algo misterioso com minha penosa apresentação — algo além do que eu poderia razoavelmente esperar? (E quantas vezes ele de fato já fizera isso!)

Após uma curta pausa, passamos ao segmento de perguntas e respostas. A maioria das perguntas era francamente previsível mas, por alguma razão, uma dessas perguntas comuns e previsíveis de repente me tocou mais fundo, afetando algum nervo que, sem que eu soubesse, ainda não tinha sido fustigado.

— Você mencionou que está atravessando uma temporada de dor —, o estudante começou. — Entendo que isso a faria desviar de sua missão principal. Por que você acha que Deus permitiu isso?

Sim, por quê?

Por que Deus permitiu isso? Tenho quase sessenta anos! Para que tanta agonia nesse ponto da minha jornada, depois de aguentar tantos anos, perseverando e procurando servir a ele?

A pergunta simples, assim como as fortes correntes sob águas plácidas, atingiu-me como uma onda de nova dor. Não é como se eu não tivesse lidado com o mesmo problema mais de um milhão de vezes. Já tinha enfrentado a pergunta “por que Deus permite isso?” em ocasiões incontáveis, em inúmeras situações e em múltiplos idiomas durante o curso da minha vida como paralítica, mas... por alguma razão, achei terrivelmente difícil responder naquele momento. *Será que é por que eu estou cansada? A falta de sono faz isso*

com as pessoas. Será que foi por que a sala estava abafada e o ventilador não funcionava? Será que foi por que eu havia parado de rogar em paz a Deus por sua misericórdia?

Minha garganta se fechou e meus olhos se encheram de lágrimas. Comecei a responder. Tinha as palavras na ponta da língua, mas tive de parar. Tentei respirar a passos curtos para recuperar a compostura, mas meu nariz começou a escorrer e as lágrimas escaparam da minha pálpebra inferior.

Sim, eu estava perdida, e todos os estudantes sabiam disso.

E agora?

Não queria fazer uma cena. Não queria que tudo aquilo parecesse uma armação. Mas o que poderia fazer senão seguir em frente balbuciando minha resposta?

— Eu, eu tenho pensado sobre essa pergunta por... muitas e muitas vezes e... eu... nunca disse isso em público... mas... ultimamente tenho me perguntado... Bem, é assim. Por décadas fiquei sem sofrer. Sem sofrer muito. Sim, sou tetraplégica e isso é duro, mas o pior já tinha ficado para trás. Estou acostumada. Quase me esqueci de como era ter mãos que funcionam. Mas essa dor, é... é como se Deus estivesse me reapresentando ao sofrimento, é como... se eu estivesse sentindo de novo e parecesse novo para mim.

— Por quê? Eu não sei. Talvez... talvez ele tenha permitido isso para que o que vocês acabaram de ouvir nesses últimos 45 minutos não soasse como uma ladainha, como uma coisa ensaiada, ou parecesse banalidade. A Bíblia diz: “somente poucos de vocês deveriam se tornar mestres”. E talvez seja esse o porquê.

A sala de aula ficou silenciosa. Erguendo-se discretamente do banco da primeira fila, veio meu maravilhoso Ken com um lencinho de papel, e eu nem liguei de os estudantes estarem me vendo assoar o nariz. Na verdade, acho que nem eles se importaram.

Você não pode ensinar sobre o sofrimento usando um livro. Você pode se colocar diante da classe, dar uma palestra, e até mesmo mostrar uma apresentação esperta de PowerPoint, mas como você poderia comunicar a verdade para que suas palavras tornem-se como um ferro de marcar em brasa sobre um coração de cera?

Como você discute o assunto do sofrimento? Compartilhar seu sofrimento é como transfundir seu sangue para outra pessoa, infundindo verdades poderosas, verdades capazes de transformar vidas nas veias espirituais de outra pessoa. E isso você não consegue só com palavras. Ou melhor, você não deveria. Como é que você pode aprender sobre o sofrimento se não for sentindo você mesmo a dor? Mas, misericordiosamente, nenhum daqueles 65 estudantes teve de quebrar o pescoço naquele dia ou enfrentar dores lancinantes. Tinham apenas que crer que as lágrimas eram reais… e que o “Homem dos Lamentos” pode mesmo redimir os sofrimentos.

Para mim e para eles.

A batalha da minha vida

E aqui estou: reunindo esses pensamentos e colocando-os no papel, trabalhando com um editor e começando um livro quando algumas pessoas poderiam dizer que não é hora de fazer isso. “Espere um pouco, Joni”, dizem. “Distancie-se e ganhe outra perspectiva. Guarde sua energia. Concentre-se em ficar melhor.”

Os líderes militares famosos que escrevem suas memórias são geralmente aposentados, mas eu ainda estou na batalha. Grandes generais da história, como Grant, Lee, Pershing, Eisenhower, Montgomery e Churchill escreveram após anos de reflexão. (Imagino a cena: uma cadeira de balanço na varanda, aroma primaveril de lilases e um bloco de anotações.) Mas estou escrevendo essas palavras em

meio às hostilidades, enquanto a poeira e a fumaça da guerra ainda pairam sobre o campo de batalha.

De fato, encontro-me na batalha da minha vida. Estou no olho do furacão, como dizem e, honestamente, não faço ideia do quanto essa batalha irá durar ou como esse conflito será resolvido.

Como disse, é uma hora imprópria para escrever um livro sobre o processo de cura.

Nesse exato instante, meu grande adversário não é a variedade de dores associadas à tetraplegia. Não, isso é algo novo e malévolo que entrou na minha vida. Manifestou-se primeiro como uma pontada de dor em meu pescoço. Bem quando eu começava a "reconciliar-me" com esse campo de batalha, um novo, e ainda mais feroz ataque foi disparado em um novo *front* — a base da minha coluna. Os ataques persistentes de agonia física pelos quais passei ao longo dos últimos dois anos vão muito além do que eu poderia ter imaginado.

Eu realmente não tenho palavras para descrever.

Depois de manter-me no hospital por dias e dias, e de me fazer passar pelo que me pareceu ser o conjunto completo dos testes conhecidos na humanidade, os médicos enfim descobriram o culpado — ou um dos culpados. É uma fratura em meu sacro — aquele osso grande e triangular na base da coluna vertebral. Não é de se admirar que eu estivesse em tão mal estado! Não é de se admirar a dor irradiando pelo meu abdômen. O fato é que, cada vez que me sentava, estava sentada sobre o próprio ferimento.

Já que me era impossível sentar na posição vertical na cadeira de rodas, por menos tempo que fosse, vim trabalhando sobre uma pequena cama em meu escritório. Alguns dias, tento ficar sentada até aguentar, tentando completar o máximo de trabalho que me é possível antes que a dor me faça voltar à cama.

Como você pode imaginar, isso vem elevando a complicação de tudo o que faço à décima potência. Eis um

pequeno exemplo:

Não faz muito tempo, estava sentada em meu estúdio, tentando gravar meu programa semanal de rádio, *Joni and friends*, uma atividade que tem me dado satisfação há décadas. Nessa ocasião, no entanto, encontrei-me diante de uma escolha problemática: poderia cingir meu espartilho ortopédico extra-apertado, permitindo-me respirar o suficiente para poder falar, mas também aumentando em muito minha dor. Ou, poderia afrouxar o espartilho, diminuindo a dor, mas tornando a gravação muito difícil. Então fiz ambas as coisas. Era ler uma página ou outra, apertar o espartilho, ler de novo, afrouxá-lo de novo. No fim, consegui, mas tudo pareceu lento demais.

A verdade é que, ao longo do último ano, enfrentei alguns dos dias e semanas mais difíceis da minha vida — rivalizando com aqueles primeiros dias no Hospital de Baltimore após meu acidente.

Um medo honesto

Será que minha vida está começando a entrar em colapso? Será que cheguei ao limite do que posso aguentar? Será que meus amigos, colegas e — Deus queira que não — meu marido chegaram ao limite do que eles podem aguentar em meu nome? Por quanto tempo será que eu — ou eles — suportarei? São essas as perguntas que me assombram.

Finalmente, depois de todos esses anos, estou honestamente começando a esgotar as pessoas. São elas — umas oito ou mais — que graciosamente se oferecem para colocar-me de pé de manhã — ou, no caso de Judy e de meu marido Ken, me ajudam a passar a noite. Antigamente, bastava meu marido para ajudar-me a deitar e, muitas vezes, eu nem precisava de seu auxílio ao longo da noite. Ele me deitava no meu lado, colocava os travesseiros, e eu dormia confortavelmente até a manhã.

Isso não funciona mais.

Tampouco funcionam os relaxantes musculares. Nem ibuprofeno. Nem mesmo a associação paracetamol e hidrocodona (Vicodin). Nem (e lamento dizer isso) remédios mais fortes que esses.

Eu tenho desprezo por tomar medicamentos. Nasci de duas famílias de gente forte e robusta, com ancestrais alemães, escoceses e suecos. Minha árvore genealógica é uma constituição sólida.. Ao longo dos anos (segundo o que meus pais me contaram), eu tinha orgulho de suportar bem a dor e tomar no máximo uma ou duas aspirinas. Foi assim que fui criada, e era assim que eu lidava com a dor.

Os remédios não funcionam por muito tempo, de qualquer modo. E os efeitos colaterais podem, algumas vezes, ser piores que a aflição original. Seria um pouco como aqueles comerciais na TV que prometem que sua pele ficará sedosa e macia com tal remédio, mas que trazem risco de doenças renais, hepatite, boca seca, náusea e impulsos suicidas! Quem quer uma pele sedosa com tudo isso?

Falando sério, nada parece funcionar. Quase todos os dias, em ponto, acordo às duas da manhã com dores lombares lancinantes — particularmente no *quadratus lumborum* e no *iliopsoas.* (Conheço bem meus grupos musculares.) Para o leigo, isso se traduz em lombar esquerdo sobre minha bacia, juntamente com o abdômen esquerdo e na parte interna da minha coxa. Pode não significar muito para você, mas essas partes do meu corpo — paralisada como estou sem sentir o resto dos meus membros — ganham vida com dores palpitantes nas altas horas da madrugada.

Algumas vezes consigo voltar a dormir. Na maior parte das vezes mordo meu lábio até que meu choro seja escutado por Ken que, infelizmente, agora tem de dormir em um quarto adjacente ao que compartilhamos por tantos anos. É então que ele aparece, com os olhos semicerrados, tentando não acordar-se demais para poder voltar a dormir. Então, no piloto automático, ele me vira. Costumava ser no meu outro lado, mas eu não consigo tolerar mais. Então fico de bruços

por duas horas. Então acordo de novo às quatro da manhã, e, com sorte, isso me mantém até que minhas amigas cheguem, às 7h30.

Não costumava ser assim. Honestamente.

Nunca costumava manter um cronograma de sono. Não costumava choramingar. Nunca costumava ficar acordada me perguntando se conseguiria levantar-me da cama. E, acima de tudo, não me lembro de passar por tanta ansiedade ou medo. Alguma ansiedade e medo são compreensíveis, mas suspeito que seja o efeito colateral dos remédios.

É por isso que tenho medo de estar esgotando meus amigos. E meu marido. Agora, quando minhas amigas começam a rotina de exercícios de manhã, é preciso pelo menos uma hora a mais de alongar e puxar meus músculos: "Oh, por favor, poderia puxar o músculo das minhas costas? Assim, empurre com força… isso. Pode ir mais fundo, cravar os dedos."

Agora elas me olham de um jeito estranho. Costumava ser divertido o processo de levantar. Nós cantávamos. Dizíamos umas às outras: "Hoje vamos trabalhar para Jesus!". Mas, hoje em dia, damos o máximo que pudermos.

Mas uma coisa está melhor.

Estamos muito mais dependentes de Deus para nos ajudar.

E para nos manter lúcidos.

Porque eu nunca estive mais consciente de que sou um alvo para o demônio e sua horda.

Um alvo

O adversário sabe muito bem o que meu exemplo de confiança em Deus significou para os cristãos ao longo dos anos, desde a época em que publiquei meu primeiro livro, *Joni,* lá em 1976, até os dias de hoje. Será que Satanás leu meu livro? Eu seriamente duvido, pois há Jesus demais

naquelas páginas para o gosto dele. Não obstante, ele sabe do meu amor pelo Salvador e me odeia por isso.

Meu inimigo provavelmente delegou algum capitão do baixo escalão dos infernos para me atazanar. Meu adversário astuto sabe que eu ao menos me acostumei com a tetraplegia. Ele reconhece que minha paralisia total e permanente não é mais para mim a batalha que era. Está consciente de que minha restrição profunda ajudou-me a desenvolver minha dependência desesperada por Deus quando acordo de manhã. E, francamente, ele despreza tudo isso.

Ele detesta saber que minha confiança em Deus ressoa na glória do Pai. Ele detesta pensar em minha capacidade interna aprimorada, para a louvação e júbilo no céu, como recompensa por minha perseverança em quarenta anos de cadeira de rodas. Ele odeia o modo como minha parceria com Cristo em seus martírios alimenta a glória do Salvador. Considera odioso que eu tenha aclamado a disciplina, como está escrito em Hebreus 12 nos anos passados, e ele repugna ver-me "caminhando" mais longe na fraternidade de sofrimento com Jesus.

Isso lhe dá asco.

Eis a razão do ataque em massa a meu corpo, minha mente, meu espírito e em meus amigos que me amam e respeitam. É guerra. E, como todas as guerras, não é algo bonito de se ver.

Mas há alguma coisa terrena sobre minha resposta a Deus, deixando Satanás ainda mais enojado. Acredito que ele encara as enfermidades e deficiências como seu último bastião para difamar o bom caráter de Deus. O sofrimento é a última fronteira que ele explora para empastelar a confiabilidade de Deus. O demônio regozija-se em incitar as pessoas a reclamarem "como pode um Deus bom ter permitido que meu filho nascesse com tão terrível defeito?", ou perguntar "como posso confiar em um Deus que permite que o câncer leve meu marido embora em seis meses?" e a

argumentarem “como posso acreditar em um Deus que inclui a doença de Alzheimer e o autismo em seus planos para as pessoas?”

Meu adversário sabe que o Senhor usou meu testemunho pessoal muitas vezes, de várias maneiras, em muitas nações diferentes, para desanuviar pensamentos sombrios como esses. Certamente, ele está a par do quanto o ministério de *Joni e seus amigos* tem sido usado por Deus para promover sua graça e bondade entre os que sofrem em alguns dos cantos mais sombrios do globo. Ele sabe que estou bem consciente, pois lutamos não contra a carne e o sangue da enfermidade e da deficiência, mas contra as forças e poderes que esfregam as mãos de contentamento ao esmagar as esperanças das pessoas com deficiências, afundando-as mais ainda no desespero e no desencorajamento (Efésios 6:12).

Não é de se estranhar que eu tenha um alvo tão grande no meu *quadratus lumborum.*

Jesus do campo de batalha

Este capítulo o surpreendeu um pouquinho? Será que você não voltou às páginas para conferir se a autora era a mesma que você pensava?

Será que você se viu contrariado, talvez, com as metáforas de guerra que usei para descrever minha vida em seu estágio atual? Você alguma vez também imaginou sua caminhada com Jesus nesses termos?

Aqui em nosso ministério, recusamo-nos a apresentar uma imagem de um Jesus “gentil, submisso e ponderado”, como em um retrato meloso e sentimental. Isso porque lidamos com tantas pessoas que sofrem; e, quando você está em grande sofrimento, não consegue ajuda ou inspiração de uma visão xaropada do Senhor, como aquelas imagens sentimentais e açucaradas com as quais muitos de nós nos acostumamos. Entende o que quero dizer? Jesus com o

cabelo partido ao meio, cercado de crianças rechonchudas e de andorinhas.

Vamos lá, admita: quando seu coração está sendo apertado como uma esponja, e você se sente como se jogassem soda cáustica em sua alma: você não vai querer um Jesus franzino, pálido e emotivo, em meio a cordeirinhos, passarinhos e criancinhas, não é mesmo?

Você quer um Jesus guerreiro.

Você quer um Jesus de campo de batalha. Você quer seu Evangelho rigoroso e robusto pronto a comandar suas sensibilidades para ficar alerta.

Para ser honesta, a maioria de nossos hinos e músicas devocionais de nossa cultura pouco contribuem para desfazer essa imagem. Uma das palavras mais citadas nos hinos do passado é “doce”. Esse é um termo que não tem mais o efeito que costumava ter. Quando você está em um lugar sombrio, quando os leões aproximam-se, quando você precisa de muita ajuda para resgatá-lo da impossibilidade, você não quer nada “doce”. Você não quer cores pastéis e suavidade.

Você quer alguém Poderoso. Você quer braços fortes que não te deixem cair — não importa o que aconteça.

Por exemplo, eu simplesmente amo aquele lindo hino antigo (que era o favorito de meus pais), “Vim ao jardim sozinho”. Lembra-se daquele verso que diz: “Ele fala e o som de sua voz é tão doce, os pássaros entoam seu cantar?” É um sentimento bonito, e sei bem que um pensamento como esse é capaz de reconfortar. Mas é, na verdade, o reforço de uma idealização romântica do século XIX. Nós douramos Jesus com tanto “orvalho nas pétalas de rosa” que muitas pessoas perderam o contato com ele ou simplesmente deram as costas.

Por que algumas pessoas vivem em torno de uma imagem sentimental? Bem, pare para pensar: um Cristo coberto de açúcar nada pede de nós: nem convicção nem compromisso.

Por quê? Porque é uma imagem que não tem verdade nem poder.

Temos de tentar mudar essa imagem.

E a única maneira de fazê-lo é refletirmos sobre a ressurreição.

É claro, os românticos tentam colorir a ressurreição com lírios e pássaros canoros. Mas, deixe as emoções de lado por um momento e pense nos fatos: um homem morto (um cadáver em carne cinzenta, fria) ergueu-se de seu túmulo e caminhou para fora da sepultura.

Amigos, isso é quase assustador. Não há nada açucarado a respeito disso. E é uma descrição precisa do poder de Jesus. Essa realidade tem poder, é uma verdade onde você pode se agarrar. Algumas pessoas acreditam que Jesus veio para fazer coisas doces e agradáveis, como, por exemplo, transformar pessoas más em boas. Não é assim. Como alguém já disse, nosso Senhor e Salvador veio transformar pessoas mortas em vivas, e não há nada sentimental a respeito disso.

Em momentos diferentes da minha vida, me agradou ver as velhas imagens de Jesus fazendo carinho em cordeirinhos fofos ou caminhando com os cabelos ao vento, vestido com uma túnica branca que parecia ter acabado de chegar da lavanderia. Mas, nos dias de batalha, essas velhas imagens já não me dizem nada. Preciso de um Jesus do campo de batalha ao meu lado aqui nas trincheiras perigosas e tumultuadas da vida. Preciso do Jesus que vem ao resgate, pronto para derrotar a dor, a morte e até o próprio inferno para me encontrar, segurar minha mão e levar-me com segurança.

Chegará em breve, assim espero, o momento em que eu poderei de novo desfrutar das caminhadas casuais no jardim com ele, admirando as gotas de orvalho nas pétalas de rosas. Mas, no momento atual, se é para eu “suportar os sofrimentos, como um bom soldado”, como prega 2Timóteo

2:3, preciso de um companheiro de armas, um comandante forte que encare minha batalha particular.

E é exatamente quem ele é e o que tem feito.

Campo de batalha

O livro de Tiago diz: “Entre vocês há alguém que está doente? Que ele mande chamar os presbíteros da igreja, para que estes orem sobre ele e o unjam com óleo, em nome do Senhor” (Tiago 5:14).

É claro que já li essa passagem centenas de vezes e, ainda que não estivesse “doente”, eu queria fazer alguma coisa — tudo o que eu poderia fazer nessa batalha feroz — para obedecer às Escrituras. E assim, não faz muito tempo, após o culto de domingo, em uma tarde brilhante de sol, quando ainda estava na cama, sentido dores, o Pastor Bob e nosso pequeno grupo de anciãos entraram em meu quarto. Eles pareciam tão grandes e deslocados! Sequer imaginavam que naquele momento entravam em uma zona de guerra (acontece sempre que você tenta obedecer às Escrituras).

Ao abrirem suas Bíblias, pude sentir os espíritos sombrios recuando — os espíritos de desencorajamento e dúvida que me assombraram ao longo dos últimos dias. Mas com esses cristãos — meu marido, Ken, entre eles — sentia-me a salvo pela primeira vez. Eles leram as Escrituras, oraram e então apresentaram um pequeno frasco de óleo.

Quando o Pastor Bob aproximou-se da cama, pedi que me desse uma bênção na conclusão de sua oração por minha cura: o signo da cruz na minha testa. Tendo crescido na fé Episcopal Reformada, sabia que isso era um sinal físico externo de, bem... um selo, um tipo de amém. Assim seja. Seja como Deus quer.

Bob orou: “Senhor Deus, Vós podeis, com um pensamento, simplesmente mandar a dor que Joni sente embora, então oramos para que, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, cureis Joni desse sofrimento duradouro e

angustiante.” E então, tocou minha testa com óleo e selou sua oração.

É isso mesmo. Bastaria um pensamento seu em direção a mim, Senhor. Apenas um pensamento vindo de vós.

O próprio conceito da facilidade e simplicidade com que Deus me tocaria e me livraria da dor, confortava-me enormemente. Uma nova paz instalou-se no quarto, uma paz que eu não sentia há dias. Espíritos sombrios de desapontamento com Deus haviam sumido e minha confiança nele havia sido renovada.

Nesse momento, o ancião Dave ajoelhou-se à beira da minha cama e começou a cantar uma canção que falava de um dos medos com os quais eu batalhava naqueles dias:

Aquele que iniciou em ti uma boa obra
Aquele que iniciou em ti uma boa obra
Será fiel em concluí-la
Será fiel em concluí-la
Aquele que iniciou uma obra
Será fiel em concluí-la em ti. [1]

Eu solfejei sobre a harmonia e cantamos com vigor o velho hino de Steve Green.

Pois quem pode viver sem ter um propósito? Quem pode sobreviver sem uma razão para viver? Se você for um servo de Deus — e você é — você recebeu uma ordem. Muitos mandamentos. E se ele pede que você faça alguma coisa (e ele pediu), você recebe uma razão para viver a cada manhã quando desperta. O Deus que iniciou em mim uma boa obra a concluirá! O Pastor Bob folheou a Bíblia até o Salmo 57:2-3 e o leu como se fosse uma bênção. “Clamo ao Deus Altíssimo, a Deus, que para comigo cumpre o seu propósito. Dos céus ele me envia a salvação, põe em fuga os que me perseguem de perto; pois Deus envia o seu amor e a sua fidelidade.”

Eu havia sido perseguida há tempo suficiente por aqueles espíritos sombrios. E, quando o pastor e os anciãos partiram, Ken e eu estávamos determinados a procurar pela redenção de Deus na minha dor. Porque a dor é uma bênção dolorosa, mas é, ainda assim, uma bênção. É uma companhia estranha e sombria, mas é uma companhia, simplesmente porque passou pelas mãos inspetoras de Deus. É uma convidada que não é bem-vinda, mas é uma convidada. Sei que isso me leva a um lugar mais próximo e mais íntimo na minha fraternidade com Jesus, então recebo a dor como se estivesse recebendo a mão esquerda de Deus. (É melhor a mão esquerda que mão alguma).

Talvez o simples dar-me conta de algo tão redentor seja cura suficiente.

Não sei quando essa temporada de dores irá terminar. Talvez, com a graça e a sabedoria de Deus, ele dirá “Já basta!” e banirá toda a dor em minutos. Ou talvez ele diga: “Já basta!”, permitindo-me sair dessa habitação temporária deteriorada para entrar no “edifício [de Deus], uma casa eterna no céu, não construída por mãos humanas” (2Coríntios 5:1).

Enquanto isso, essas minhas aflições — essa temporada de dor multiplicada — é o pano de fundo contra o qual Deus mandou-me levar adiante seu louvor. É também a coisa que devo tomar por “boa, agradável e perfeita vontade”, como diz Romanos 12. Deus pede-me que eu não apenas procure aceitá-la, mas abrace-a, sabendo muito bem que, em algum lugar bem no fundo (em algum lugar secreto que ainda tenho de descobrir) jaz a mais alta bondade.

Sim, oro para que minha dor possa ser removida, que ela pare. Porém, oro ainda mais para ter força de suportá-la, a graça de tirar dela proveito e a devoção de oferece-la a Deus como sacrifício de louvor. Minha força de orar nesses dias é rala, confesso. Assim, para poder concentrar na oração, não posso me dissipar em buscar somente bênçãos físicas. No lugar disso, devo passar meu tempo buscando crescimento

espiritual, e orando para o progresso do Reino de Deus sobre o mundo sombrio. Pois essas orações são uma forma de fazer-me conhecer Deus e conhecê-lo de forma mais profunda, mais alta, rica, ampla e completa; muito mais completa do que se eu atravessasse a vida confortavelmente em minha cadeira de rodas.

Até esse momento, em que escrevo este capítulo, ele escolheu não me curar, mas me manter.

Quanto mais intensa a dor, mais próximo é seu abraço.

Essa é uma das verdades que eu gostaria de relatar, se Deus me ajudar, nas páginas seguintes.

Dois

Deus e a cura: Qual é a verdadeira pergunta?

Há uma guerra acontecendo. Todas as conversas sobre o direito do cristão de viver uma vida de luxo, "como filho do Rei", parecem ocas nessa atmosfera — especialmente considerando-se que o próprio Rei se despojou para a batalha.
JOHN PIPER

Na primeira e segunda décadas da minha paralisia, havia temporadas em que meus anseios para uma cura completa e para uma volta à "vida-como-deveria-ser", oprimiam meu coração. Não que esses anseios tenham ido embora nesta minha quinta década sobre a cadeira de rodas. Tem mais a ver com minha mudança de perspectiva.

Em primeiro lugar, qualquer conceito de "normal" ficou tão para trás no passado, que soa mais como um sonho distante. Um bom sonho, sim, mas que gradual e gentilmente desbota com os anos, como uma foto querida em um velho álbum de retratos. Após quarenta e tantos anos de tetraplegia, é difícil dizer o que seria para mim uma vida normal.

Além disso, como mencionei, encontro-me em uma fase totalmente nova da batalha. Não são tantos os

desapontamentos ou as frustrações ocasionais com os quais estou lidando agora. São os ataques incessantes: onda depois de onda de dor latejante, em minha região lombar e bacia. Agora, quando penso em “cura”, é mais na forma de pedir a meu Pai alívio da intensidade do sofrimento no lugar da habilidade de colher uma flor, cavalgar ou dançar em um prado verdejante.

Alívio da dor crônica — ainda que eu permaneça paralisada — seria um “normal” jubiloso, pacífico e contente para mim nesses dias... e é tudo pelo qual eu poderia pedir. Não me lembro de onde tirei essa citação de Mary Jane Iron, mas é bem próxima da minha visão sobre o que seja o “normal”:

> “Dia normal, tenha consciência do tesouro que você é. Não me deixe atravessá-lo em busca de um amanhã raro e perfeito. Um dia, eu irei afundar minhas unhas na terra, ou enfiar a cara no travesseiro, ou esticar-me rígida, ou erguer minhas mãos para os céus em ansiar, mais que tudo, por sua volta.”

É essa a minha visão sobre o “normal”.

Se pararmos para pensar, eu não sou sequer uma tetraplégica normal. Eu já ultrapassei a expectativa de vida para uma pessoa com o meu nível de paralisia. O fato, nu e cru, é esse: muitas pessoas nas minhas condições simplesmente não vivem tanto quanto eu tenho vivido. Então meus pensamentos não têm sido tanto em voltar àquela vida que eu deixei em 1967, e sim em entrar na nova vida e corpo que me esperam.

Anseios? Sim, meu coração está cheio de anseios, do mesmo modo que estava quando eu tinha meus vinte e poucos anos, ansiando pelos prazeres simples de um corpo que funciona como deveria. Mas agora estou bem mais próxima do meu novo corpo da “Joni-que-está-para-ser” do

que o corpo jovem e saudável da “Joni-que-eu-era”, ferida em um acidente de mergulho.

Oh… e o que “está para ser” é muito, muito melhor do que “o que era”.

Meus desejos pousaram-se no céu e na presença imediata de meu Senhor Jesus. E por que não? A Bíblia diz que já sou uma cidadã do céu. Não tenho de atualizar meu passaporte ou preencher formulários de mudança de endereço. A Bíblia diz que já cresci com Cristo, sentei-me com Ele no céu. Nem tenho de “procurar meu lugar” quando chegar lá porque meu lugar já estará reservado. É uma “uma herança que jamais irá perecer, macular-se ou perder o seu valor. “Herança guardada nos céus” para mim. Viva 1Pedro 1:4!

A Bíblia diz que Jesus, na casa de seu Pai, preparou um aposento para mim onde eu poderei vê-lo todos os dias. Não vou precisar de GPS para encontrar uma mansão celestial, solitária, em uma ruela em um canto qualquer de um planeta distante.

E quanto àqueles homens e mulheres, no livro dos Hebreus, tentavam lidar com a perseguição e a perda de tantos pertences terrenos, estou à espera de “uma pátria melhor, isto é, a pátria celestial” (Hebreus 11:16). E tenho a firme segurança (você não faz ideia de quão firme e quão segura) de que Deus “preparou[-me] uma cidade”.

E que cidade será! Se você ler a descrição da Nova Jerusalém no livro do Apocalipse, ao pé da letra e não simbolicamente (é o que eu faço, mas fica a seu critério), será um cubo imenso, radiante, translúcido, flutuando sobre a Nova Terra, medindo 2.500 quilômetros em cada direção e piscando como um grande diamante em um oceano de luz. E posso dizer com confiança: não haverá rampas para cadeiras de rodas, instruções em Braille ou vagas para estacionamento de deficientes em nenhum lugar na cidade! De fato, se houver uma escada espiral de 2.500 quilômetros da base até o topo, eu vou corrê-la todas as manhãs, antes do café da manhã! Você consegue imaginar? Dando a volta

ao mundo, sem nunca cansar-se, correndo com os anjos, banhado em cores além do espectro, ascendendo de glória em glória! Então, quando penso em cura física, não o faço da mesma forma como a considerei e busquei um dia.

Não obstante, já tive de lidar com essas questões por toda minha vida. Aqui na *Joni and Friends*, atendemos inúmeras ligações, cartas, e-mails, além de passarmos muitas horas aconselhando pessoas para quem a cura física é parte dominante de suas mentes.

Nas poucas páginas deste capítulo curto, gostaria de focalizar no que considero ser a questão central sobre a cura miraculosa. Do modo que a vejo, a pergunta nunca foi realmente "Deus pode curar?"

É claro que ele pode.

Qualquer pessoa que acredite em Deus irá reconhecer isso. Ele é o Poder, o Todo-Poderoso Criador e Sustentador do universo, cujo braço "não está tão encolhido que não possa salvar, e o seu ouvido tão surdo que não possa ouvir" (Isaías 59:1). E nosso Senhor Jesus, que solenemente proclamou não nos abandonar ou esquecer, não perdeu seu amor ou compaixão e nem o poder de curar quando partiu da Terra para ascender a seu Pai. Sim, nosso Grande Deus pode curar qualquer um, em qualquer lugar, em qualquer momento, de qualquer aflição.

Ponto final.

Fim do parágrafo.

Tampouco a pergunta é "Deus está curando hoje, no século XXI?" Com certeza, ele está. A cada vez que você se livra da gripe ou cura-se de uma cirurgia, é Deus desempenhando o que diz o Salmo 103:3. Não importa que tipo de doença ou aflição que superemos, foi seu poder que realizou. Além disso, quão absurdo seria dizer que ele, de alguma forma, saiu do negócio de milagres depois da última página do livro dos Atos. Quem pode negar as notícias de cura milagrosa entre os filhos de Deus em todos os cantos do mundo? Não só isso, quem iria querer negar? Tenho um Deus que

certamente intervém em todos os tipos de situações impossíveis no mundo hoje e age poderosamente para cumprir seus propósitos. Há casos sem conta entre nós que passaram pela experiência de curas milagrosas como essas, até mais do que poderíamos registrar. Muitos desses testemunhos vêm de pessoas que estão maduras na fé, abençoadas com sabedoria divina, e muitas são do próprio campo da medicina.

Não, os milagres não desapareceram subitamente depois da era apostólica. No entanto, temos de lembrar que os milagres também eram a forma com que Deus "autenticava" o ministério verdadeiro dos apóstolos genuínos, durante os primeiros dias da Igreja (havia mesmo um bando de falsos apóstolos à solta naquele tempo!). O apóstolo Paulo afirmava que a igreja podia ver que ele era verdadeiro, e não um apóstolo falso, por conta de seu modo de vida e das "marcas de um apóstolo: sinais, maravilhas e milagres" (2Coríntios 12:12). Então, temos de levar isso em consideração quando questionamos sobre milagres acontecendo em grande escala hoje. As maravilhas de cura eram a forma de Deus destacar aqueles homens erguidos por ele para começar e liderar a Igreja. Esses homens curavam doentes, e como!

A verdadeira pergunta

Então chegamos a ela. Hoje, a verdadeira pergunta não é se Deus pode curar ou se ele está curando; é se Deus irá curar todos aqueles que o abraçarem verdadeiramente na fé. Em outras palavras: podemos contar que ele irá dizer sim a nossos pedidos de cura? São favas contadas, barbada, que a cura miraculosa será sempre sua primeira e melhor opção?

Algumas pessoas afirmam ser isso e insistem que, se você não está sendo curado, é somente porque você não tem a fé necessária ou talvez porque você tem algum pecado oculto em sua vida. Outros insistem que não: curas miraculosas

pertencem a outra época; por isso não devemos esperar nem mesmo buscar tais intervenções divinas.

Deixe-me dar minha resposta à pergunta — à verdadeira pergunta — em apenas 13 palavras. Não é uma conclusão à qual eu tenha chegado levianamente, cheguei a esse ponto firmemente, após quarenta anos de paralisia e décadas de trabalho com pessoas desabilitadas ou em sofrimento pelo mundo.

Eis no que acredito: Deus reserva-se o direito de curar ou não… quando vê que assim cabe.

Há ocasiões em que me sinto quase segura de que sei o que seria melhor em dada situação. Senhor, toca o corpo dessa mulher e a levantai. Senhor, cura esta criança! Senhor, alivia as dores desse homem! Senhor, reverte os efeitos dessa doença terrível.

Mas o fato é: há um limite para o que posso saber ou compreender, o ponto até onde posso ver, e somente compreendo um pouco do que vejo. Com o Paulo, às vezes tenho que gritar: “Ó profundidade da riqueza da sabedoria e do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e inescrutáveis os seus caminhos!” (Romanos 11:33).

Não faz muito tempo, as palavras desse velho hino fixaram-se na minha mente:

> *Não tenho os meios para compreender*
> *O que Deus quis, o que Deus designou*
> *Só sei que à sua mão direita*
> *Está Aquele que é meu Salvador!* [2]

Há tantos projetos que Deus revelou. Esses eu realmente sei e compreendo. Mas há tantos outros que ele escolheu não revelar (e pode não revelar nesse lado do céu). Como, por exemplo, quando ele escolhe aparecer e, de forma sobrenatural, curar uma pessoa, mas não outra.

Como você certamente sabe, há ramos do cristianismo em que os indivíduos realmente acham que têm “os meios para

compreender o que Deus quis, o que Deus designou", quando se trata de doença ou enfermidade. Vão sempre dizer que a cura é a vontade e o desejo de Deus. E, se você não estiver sendo curado, então há algo errado com você, com sua fé.

Recordo-me de uma entrevista na televisão que concedi há muitos anos. Não é comum sentir-me desconfortável ao participar de uma conversação ao vivo, diante das câmeras. Mas essa experiência eu jamais esquecerei.

Não tenho de dar o nome do famoso apresentador da televisão cristã, mas basta dizer que nossa conversa televisionada não transcorreu muito bem. Do momento em que o diretor fez a contagem regressiva dos segundos finais, e a luz da câmera acendeu-se em vermelho, senti um desconforto inconfundível. As perguntas eram diretas, abruptas e algumas vezes grosseiras.

Olhando para trás, toda a cena me parece surreal (e nem um pouco uma entrevista de verdade). Sentia-me mais como uma testemunha, acareada por um advogado astuto. Era perfeitamente óbvio o seu intuito: ele queria fazer-me declarar que as décadas de tetraplegia eram na verdade resultado da minha falta de fé. Em outras palavras, se Deus desejasse me curar, poderia tê-lo feito há muito tempo, se eu tivesse realmente "acreditado".

Não diria tal coisa, porém. Não seria verdade.

Então firmei-me com Efésios 1 e outras passagens das Escrituras que confirmam que Deus obra tudo de acordo com seu plano. E, muitas vezes (na verdade, quase sempre), esse plano permite que o sofrimento e a tetraplegia continuem por razões boas e bem pensadas, muitas delas não poderemos compreender ou discernir desse lado do paraíso.

O apresentador não parecia impressionado com essa linha de pensamento. Ele já havia decidido que sabia mais do que eu, que a vontade de Deus era sempre curar, e que o problema estava todo comigo. Então, ele escutou-me, inflexível e sem comentar, até que a entrevista aproximou-se

do fim. Até que ele se voltou para a pequena plateia que estava no estúdio e para a câmera, falando com as pessoas que estavam assistindo àquele programa.

Ele explicou a seus espectadores que, mesmo sendo óbvio que Joni não havia sido curada de suas enfermidades, eles — os espectadores — poderiam ser curados. Através da confissão dos pecados e de fé suficiente para acreditar, eles poderiam obter aquilo que Joni, tristemente, não havia obtido. As pessoas na plateia televisiva que obedecessem à fórmula correta poderiam — deveriam — ser curadas.

Antes que eu pudesse interromper, ou falar algo em minha defesa, as câmeras passaram para outro quadro do programa. A luz vermelha da câmera se apagou. A entrevista terminara.

Não acreditei no que acabara de acontecer! Será que esse ícone da televisão cristã não teria lido as passagens das Escrituras, nas quais Deus fala especificamente a seus seguidores — até aos seguidores de grande fé — para esperar pelos sofrimentos? Ou como os sofrimentos de Cristo deveriam transbordar para nossa vida? Ele nunca lera em Atos 14 que devemos enfrentar muitas dificuldades antes de entrar no Reino de Deus? Esses são alguns pontos superficiais dos ensinamentos contidos no Novo Testamento!

O homem podia ter um ministério imenso e milhões de espectadores, mas estava errado. Deus é soberano e só ele decide quem será curado e quem não será. Sim, fé é vital para que algo aconteça e “sem fé é impossível agradar-lhe”. Mas o foco da fé deve estar sempre em Jesus Cristo. Ninguém se aproximará de Cristo se não tiver primeiro compartilhado dos seus sofrimentos.

Pare um minuto e reflita sobre as maravilhosas palavras do apóstolo Pedro, que escreveu: “Para isso vocês foram chamados, pois também Cristo sofreu no lugar de vocês, deixando-lhes exemplo, para que sigam os seus passos” (1Pedro 2:21). Cristo e a maneira com a qual abordou o sofrimento deve ser nosso foco especialmente quando o

peso da Cruz carregada parecer maior do que podemos aguentar.

Nossa! É preciso fé de verdade para seguir o exemplo do Salvador em meio ao Seu próprio sofrimento!

Uma carta de Linda

Acredite em mim. Sei que isso não é mera discussão acadêmica ou papo furado em algum refeitório de seminário. A cada dia, incontáveis pessoas em sofrimento e com o coração partido colocam seus pedidos, esperanças e anseios a respeito dessas questões diante do Senhor.

Aqui na *Joni and Friends*, como mencionei anteriormente, eu recebo muitas cartas de pessoas que estão lutando contra a cegueira, doenças devastadoras, consequências de acidentes, ou talvez aquelas pessoas que tiveram um bebê afligido por uma grave deficiência. Meu coração dói diante de cada carta ou e-mail que leio.

Uma mulher chamada Linda recentemente escreveu que havia levado seu filho para uma cruzada de cura. O menino, segundo ela, possui a doença dos ossos de vidro (osteogênese imperfeita) E, ainda que ela e seu marido orassem incessantemente, nada acontecia naquela cruzada. Já se passou um bom tempo e a criança ainda lutava com aquela dolorosa deficiência. Em sua carta para mim, Linda confessou que um incidente com um “curador” quase acabara com sua fé.

Como já declarei, nas ocasiões em que Deus escolhe, certamente há intervenção e cura. Mas é verdade que, mesmo quando cristãos devotos e de bons corações oram em grande fé, muitos dos olhos ainda permanecerão cegos. Muitos bebês serão natimortos. Muitos cânceres não serão erradicados antes daquela “cura-de-uma-vez-por-todas”, que é o novo corpo e a nova vida na presença de Cristo. E, também, muitos paraplégicos e tetraplégicos nunca

recuperarão o uso de seus braços e pernas que não funcionam.

A Bíblia, simplesmente, não ensina que Deus irá sempre curar aqueles que vierem a Ele em fé. Ele, soberanamente, reserva-se ao direito de curar ou não curar, como lhe aprouver.

Até mesmo quando Jesus caminhava sobre a Terra, só um reduzido número de pessoas, aquelas que estavam mais próximas dele, foram curadas. Sim, ele alimentou quatro mil pessoas, e cinco mil em outra ocasião. Mas, ainda assim, muitos judeus continuaram esfomeados. Ele expulsou demônios em todos os lugares pelos quais passou, mas muitos demônios ainda permaneceram entranhados. Ele trouxe pessoas de volta à vida — apenas algumas, de fato; e essas pessoas também morreram depois de algum tempo.

Em minha conversa com Linda, incentivei que ela lesse o primeiro capítulo do Evangelho de Marcos. Em resumo: depois que se espalharam por Cafarnaum as notícias sobre Jesus curando a sogra de Simão, a cidade inteira trouxe seus doentes e debilitados diante da casa. O dia acabara, mas Jesus continuava pregando o Evangelho e reafirmando suas palavras ao curar pessoas. Então está escrito que, no dia seguinte, bem cedo, aquelas pessoas voltaram, trazendo mais amigos e parentes que precisavam de cura.

Jesus, no entanto, não estava na casa.

Simão e seus companheiros foram procurar por ele e, quando o encontraram, provavelmente orando em algum lugar nas colinas sobre Cafarnaum, disseram: “Jesus, todos estão procurando por você.” Tradução: “Há uma porção de gente que precisa de cura. De fato, há alguns em situações realmente desesperadoras. Você apenas tocou a superfície!”

Então, você poderia imaginar que Jesus, ao ouvir isso, tenha saltado de onde estava, arrumado a túnica e voltado rapidamente para aquelas pessoas carentes que o esperavam com muita fé, não é mesmo? Não foi exatamente assim que aconteceu. Se você ler Marcos 1:38, pode até

imaginá-lo erguendo-se vagarosamente e tirando o pó de sua túnica. Então ele responde, depois de um momento de reflexão: “Vamos para outro lugar, para os povoados vizinhos, para que também lá eu pregue. Foi para isso que eu vim.”

Passado um certo tempo desde a decepção com a cruzada de cura, Linda começa a ver que Deus é bem maior, mais sagrado e soberano, muito além do que ela se dera conta. Ela está aprendendo que Deus está no controle. Não somente pelo bem de um menininho que ainda tem a doença dos ossos de vidro, mas, também, por causa dela.

Será que Linda vai desistir? Ela vai deixar de orar pela cura de seu filho? É claro que não. O Evangelho de Lucas nos lembra de orar e não desistir.[3] O próprio Jesus nos incentiva a continuar perguntando, buscando e batendo em sua porta. Deus, em sua graça e compaixão, poderia escolher curar o menino. Mas, caso aconteça, será em seu tempo, de acordo com seus propósitos poderosos. E, para Linda, ainda que seu coração doa, isso é bom o suficiente.

Em um livro perspicaz escrito há mais de oitenta anos (ao qual voltarei com mais profundidade no capítulo seguinte), um missionário de nome Henry Frost escreveu sobre muitos de seus amigos que, pediam por cura através de orações, mas que estavam satisfeitos em deixar o resultado nas mãos de Deus. De fato, alguns deles foram curados, e outros, não. Será que todas essas pessoas fizeram suas orações com convicção? Sim, Frost observou, mas não foi tanto por conta da convicção de que suas orações específicas seriam atendidas, mas por causa de sua convicção no Poder, no Amor e na Sabedoria de Deus.

Ele escreveu:

> “A atitude geral daqueles que oraram e, portanto, dos que exercitaram sua fé, foi de que eles acreditavam que Deus pudesse curar; que ele curaria se fosse por sua glória e para o bem

> da pessoa que estava doente e, finalmente, que ele pudesse ser confiado implicitamente a fazer o que fosse melhor.”

Frost acrescentou:

> “Eles oraram, deixando a questão de suas súplicas com o Pai celestial, tendo a confiança de uma criança, repetindo sua oração de cura até que seu pedido fosse conhecido, e aceitando a resposta quando ela viesse, não importando qual fosse, em confiante e submissa louvação.” [4]

Os desejos de Deus e os meus desejos

Há algum tempo, em um evento da *Joni and Friends*, eu conheci um homem em uma cadeira de rodas chamado Lloyd. Ele sofrera um acidente de carro havia sete anos e, como resultado, ficou paraplégico, ou seja, suas pernas não funcionavam. À medida que a noite chegava, eu podia dizer, a partir da expressão no rosto de Lloyd, que alguma coisa o havia emocionado profundamente. Ver e interagir com pessoas que tinham maiores deficiências que ele era o bastante para ajudar seu coração.

Quando o evento terminou, aproveitei a oportunidade para conversar com ele. “Bem”, ele me disse, “eu já estive em três cruzadas de cura e... estar aqui é muito mais significativo. Preciso me engajar em mais atividades como essas.”

Lloyd e eu tivemos a oportunidade de conversar sobre o que acontece em cruzadas de cura. Compartilhei disso uma vez quando, há alguns anos, também estava desesperada para ser curada. Minha irmã Jay e eu ouvimos falar de Kathryn Kuhlman, uma famosa curadora de fé que viria a Washington para se apresentar no salão do hotel Hilton. Chegaram a nós histórias sobre pessoas que, em suas

cruzadas na Filadélfia e Pensilvânia, haviam se livrado do câncer. Eu me perguntei se deveria comparecer ao culto de cura em Washington.

Uma manhã, enquanto Jay estava fazendo com minhas pernas os exercícios de movimento e alcance, Ernest Angley apareceu na televisão. Era um sujeito meio estranho, que usava uma peruca malfeita e ternos que não combinavam, e Jay e eu gostávamos de assisti-lo. Minha irmã e eu paramos os exercícios e vimos pessoas jogarem fora suas muletas ou levantar-se de suas cadeiras de rodas, muitas erguendo suas mãos e declarando-se livres da dor.

— Você acha que Deus poderia curá-la? — Jay perguntou, olhando para a tela da TV.

— Talvez seja a hora —, respondi. E assim, perguntando-me se essa não seria a resposta à oração de tantas pessoas, encontramo-nos a caminho do Washington Hilton, e do culto de cura abarrotado de gente no salão de baile. Lembro-me muito bem dessa noite.

Miss Kuhlman estava vaporosa no palco sob os holofotes, vestida de branco, e meu coração disparou enquanto orava: “Senhor, a Bíblia diz que vós curais todas as nossas enfermidades. Estou pronta para que o Senhor me livre dessa cadeira de rodas. Por favor, atenda-me.” Mas o holofote sempre parecia focalizar outra parte do salão onde curas, aparentemente, estavam acontecendo. Eles nunca apontaram o holofote para a parte dos cadeirantes, onde estavam todos os “casos difíceis”: tetraplégicos como eu, sobreviventes de derrames, crianças com distrofia muscular e homens e mulheres rígidos com esclerose múltipla.

Deus respondeu. E, de novo a sua resposta foi “não”.

Quando acabou a cruzada, eu era a número 15, na fila de 30 cadeirantes que esperavam para sair pelo elevador, todos nós tentando ultrapassar as pessoas de muletas. Lembro-me de olhar para as pessoas desapontadas e quietamente confusas e pensar: “Algo está errado com esse quadro. Será

que essa é a única forma de lidar com o sofrimento? Tentar removê-lo desesperadamente? Livrar-se dele? Curá-lo?”

Lloyd perguntou-me: Como você conseguiu resolver isso, Joni?

Respirei fundo e fiquei silenciosa por um momento.

— Lloyd —, disse vagarosamente. — Eu realmente resolvi. Resolvi a questão com um único versículo da Bíblia. Salmos 37:4: “Deleita-te também no SENHOR, e ele te concederá o que deseja o teu coração.”[5]

Lloyd olhou-me curioso. Sei o que ele estava pensando. Esse versículo parece justamente com uma promessa de cura!

— Posso ler seus pensamentos, Lloyd — disse com um sorriso — mas deixe-me explicar melhor.

E assim, durante a nossa conversa, expliquei sobre como, após a cruzada de Kathryn Kuhlman, eu embarcara em uma jornada para deleitar-me no Senhor:

— Comecei a ler mais a Bíblia, a orar e a pedir a Deus para revelar-se — disse a ele. Pedi que me mostrasse seu coração, me desse sua paixão pelos desgarrados, me mantivesse longe da tentação e me ajudasse a ser uma testemunha melhor.

— No processo de minha busca, absorvi Deus. Defini como objetivo simplesmente deleitar-me nele. Não com o propósito de agarrar-me a alguns desejos que eu esperava serem concedidos no momento em que eu me deleitasse nele. Não, foquei-me no que Deus poderia fazer por mim. Não pensando em como ele poderia me agradar, mas em como eu poderia agradá-lo. Vivia colocando meus anseios e desejos em xeque e, no lugar disso, certifiquei-me de que meu objetivo era simplesmente o de desfrutar pelo Senhor ser quem ele é! Isso bastava! E você não pode adivinhar o que aconteceu!

Lloyd balançou a cabeça e não tentou adivinhar.

— Deus atendeu os desejos do meu coração! — disse.

Lloyd olhou para minha cadeira de rodas e novamente para meu rosto. Estava tentando entender.

— É verdade, eu disse. Ele realmente o fez. Aconteceu que, como eu estava me deleitando em Deus, ele miraculosamente substituiu minha lista particular de anseios e desejos com sua própria lista. Seus desejos tornaram-se os meus. E quais são eles? Que o Evangelho avance, o Reino avance, a Terra seja declarada sua de direito, os desgarrados sejam salvos e sua glória seja conhecida.

— E nesse momento me dei conta, Lloyd, que minha cadeira de rodas era a chave para ver tudo isso acontecer, especialmente já que o poder de Deus sempre se mostra melhor na fraqueza. Então eis-me aqui, sentada: feliz por não ter sido curada por fora, mas, sim, por ter sido curada por dentro. Curada dos meus próprios anseios e desejos centrados somente em mim.

Lloyd respirou fundo, fez silêncio por um momento, olhou de volta para sua própria cadeira de rodas e então… sorriu.

De que forma ele cuida de nós?

Vez por outra, como mencionei na introdução, ainda encontro pessoas que querem orar pela minha cura física.

Como já disse, nunca decepciono ninguém que queira interceder por mim. Mas, recentemente, quando uma mulher chamada Karen perguntou se poderia orar por mim, primeiramente pedi que ela orasse especificamente por assuntos em minha vida que realmente precisavam de cura, tais como minha tendência ao egoísmo, minha atitude preguiçosa com relação à disciplina espiritual e temas assim.

Eu podia ver que isso não era o que Karen tinha em mente. Ela queria me ver levantar e caminhar. Naquele momento. Após termos orado, ela continuou insistindo sobre o cuidado de Deus e sua compaixão por “gente como você, em sua cadeira de rodas”.

Ela indicou 1Pedro, capítulo 5, em que Deus nos diz para depositar nele toda nossa ansiedade, porque ele irá cuidar de nós.

— Joni — ela disse — Deus não quer nos magoar. Ele quer ajudá-la. Faz parte da natureza dele. Deus faria grandes sacrifícios para aliviá-la das fortes dores e de uma deficiência.

Quando Karen compartilhou isso comigo, a primeira coisa que me veio à mente foi o modo pelo qual Deus cuidou de Timóteo. O texto bíblico diz que esse jovem tinha de lidar com enfermidades frequentes, e não há registro de que tenha encontrado cura. Ao invés disso, o apóstolo o aconselhou a fazer uso de um pouco de vinho medicinal para apascentar seu estômago.[6]

Deus também cuidava de Tiago, mas Tiago foi morto por Herodes por conta de seu testemunho.[7] Deus cuidava de João, mas permitiu que ele fosse exilado e abandonado em uma ilha solitária.[8] Ele cuidava de Estêvão, desde as primeiras pedras que atingiram seu rosto inocente e disposto até a última, que o fez partir de seu corpo esgotado.[9] Ele cuidava do companheiro de Paulo, Trófimo, a quem o apóstolo teve de deixar enfermo em Éfeso, mesmo sendo este último desesperadamente necessário para o ministério.[10]

Deus não gosta de nos ver em dificuldades, mas sua Palavra indica claramente que ele permite que as feridas ocorram. Porém, isso não significa que ele deixou de cuidar de nós, ou de se preocupar conosco. Deus expressa seu cuidado de modos diversos. Como muitos já disseram, algumas vezes ele nos livra das tempestades, enquanto em outras ele nos livra por meio delas.

E ainda que aconteça da tempestade levar toda nossa vida, ele nos livra e leva ao melhor e mais jubiloso lugar. Um lugar que jamais poderíamos ter desejado mesmo em nossos mais belos e agonizantes sonhos.

Basta ver o que aconteceu com Paulo no fim de sua vida. Jogado em uma cela sombria, ele escreve com confiança para seu amigo Timóteo (na última das cartas que escreveria): “O Senhor me livrará de toda obra maligna e me levará a salvo para o seu Reino celestial.” (2Timóteo 4:18). Um pouco depois, um soldado romano ergueu sua espada e, com um golpe certeiro, matou o velho apóstolo. Eis um ataque maligno do qual Deus obviamente não livrou Paulo. No lugar disso, aquela espada tornou-se uma chave abençoada, abrindo os portões do paraíso para que Paulo pudesse entrar! Este é só outro exemplo para explicar por que curar e escapar dos sofrimentos não são sempre prioridades de Deus com relação a nós.

Em outras ocasiões, estando Paulo em sua cela, ele seguramente depositou toda sua ansiedade em Deus e tinha a confiança de quem cuidava de toda a situação. De fato, o próprio Senhor apareceu para Paulo e disse: “Coragem! Assim como você testemunhou a meu respeito em Jerusalém, deverá testemunhar também em Roma” [11].

O Senhor veio até Paulo. Falou com ele e o encorajou. Isso não é prova de que ele se importava? E, mesmo depois dessa visita encorajadora, Paulo continuou encarcerado por, pelo menos, mais dois anos. Será que Deus teria parado de se importar com Paulo durante aqueles longos 24 meses de confinamento? É claro que não. Assim, Deus fez prova do quanto Paulo era importante ao dar para ele a paz que o permitiu escrever de sua cela: “Aprendi o segredo de viver contente em toda e qualquer situação” [12]

Não poderia Deus, simplesmente, romper as correntes que prendiam Paulo, escancarar os portões da prisão e deixá-lo partir? Quem duvida que Deus o poderia ter feito? Ele fez algo semelhante com Paulo e Silas em Filipos, com um grande terremoto! Ele fez, duas vezes, para o apóstolo Pedro. Mas não seria igualmente miraculoso ele ter se encontrado com Paulo naquela masmorra e dado a ele um contentamento sobrenatural? Seria esse um milagre menor?

Você pode não estar na prisão (ou até pode), mas pode estar deitado em um leito de hospital ou na sua cama, lutando há semanas contra uma enfermidade. Ou ainda pode estar acamado por conta de uma cirurgia no joelho ou na bacia. Você pode estar atravessando dificuldades no seu casamento, repleto de circunstâncias infelizes ou falta de saúde, que vêm se arrastando há meses.

Bem, atente hoje para a verdade de 1Pedro 5, e deixe todas as suas ansiedades com o Senhor. Ele pode não tocar miraculosamente seu joelho ou bacia, arrombar as portas de sua prisão, apagar instantaneamente sua enxaqueca, erguê-lo hoje à noite de seu leito convalescente, erguê-lo da sua cadeira de rodas, ou mudar imediatamente o coração de sua esposa ou esposo. Mas ele lhe dará o contentamento, profundo, em toda e qualquer situação.

Alguns podem até perguntar: "Você sempre teve esse contentamento, Joni?" E eu teria de responder que não. Lembro-me muito bem do primeiro Natal que passei fora do hospital e da minha primeira visita ao lar desde o acidente. Deprimida e amedrontada, lembro-me de ir à igreja com minha família na véspera do Natal. Um dos cânticos de Natal permaneceu fixado em minha memória. Lembro-me de cantar, com lágrimas a escorrer dos olhos:

Salve o Príncipe da Paz nascido dos céus!
Salve o Filho da Justiça!
Luz e vida a todos ele traz,
Erguido com cura em suas asas.

Quando chegamos ao terceiro verso de "Hark, the Herald Angels Sing" ["Ouçam, cantam os anjos anunciadores"], pensei: "Tenho certeza de que, ainda nesse Natal, vou levantar-me da minha cadeira de rodas — erguida com cura em suas asas!"

Mal sabia eu (e não sei se teria compreendido, mesmo se vocês tivessem me explicado) que, no tempo devido, Deus iria curar-me. Porém, em um nível em que nunca havia sonhado. Apenas dois anos mais tarde, em outro Natal, encontrei a própria paz e o contentamento que haviam sumido de mim. Também encontrei júbilo, simplesmente porque abracei seus desígnios para minha vida.

E quais são seus desígnios?

Que você e eu estejamos na melhor das posições, no melhor lugar, nas circunstâncias mais precisas, em que Deus possa ser glorificado ao máximo.

Para mim, aconteceu desse lugar ser uma cadeira de rodas.

Aconteceu de ser esse o meu lugar de cura.

Não ignore os milagres ao seu redor

Muitos cristãos não veem Deus em suas provações. Se nenhum milagre dramático estiver acontecendo — se as inundações não recuarem ou se o câncer não entrar em remissão — eles acham que Deus não está agindo. Isso é porque eles pensam naqueles milagres com efeitos especiais hollywoodianos, ao estilo do filme *Os dez mandamentos.* "Aquelas dez pragas do Egito... puxa, aquilo era Deus mandando ver!"

Bem, sim. Trovões e saraivadas, rios de sangue, exércitos de gafanhotos e sapos na cama do Faraó (para grande desconforto do ator Yul Brynner) ajudaram a fazer um grande filme nos anos 1950. Ah! Mas se apenas pudéssemos assistir (nos bastidores) ao verdadeiro filme de como Deus dirige o mundo!

A infinita complexidade de tudo! Os milagres que Deus faz! Basta pensar no modo miraculoso como ele arranca o bem para fora do mal, como se tirasse leite de pedras, o modo pelo qual Deus opera nos bastidores, sempre sondando as piores estripulias de Satanás. Pense no miraculoso e divino

equilíbrio dos sistemas climáticos que garantem a chegada do verão, em como Deus até infiltrou graça e salvação, atrás dos arames farpados dos campos de extermínio soviéticos. Perceba o modo miraculoso pelo qual Deus convoca o exato número de leucócitos para derrotar nossas enfermidades.

Eu digo a você uma coisa: se ao menos pudéssemos ver o modo como Deus opera nos bastidores, poderíamos ter uma visão bem ampla do milagre. As obras — invisíveis, delicadamente equilibradas e concebidas de forma sublime — de nosso grande Deus eis o que é verdadeiramente surpreendente. Enquanto isso, Deus somente quer nossa confiança nele.

Assim como Jesus disse ao cético Tomé em João 20:29, logo após a ressurreição: “Por que me viu, você creu? Felizes os que não viram e creram.”

Então, por que ainda duvidamos? Sabemos que Deus está sempre movendo, empurrando, puxando e fazendo as coisas acontecerem nos bastidores. Por que nos torturamos? Por que não conseguimos confiar nele? Por que não podemos acreditar na “boa, agradável e perfeita vontade de Deus” para nossa vida? Cada um de nós deve testemunhar milagres ocorrendo na vida cotidiana! Talvez seja porque, em nossas cabeças, não temos papel de embrulho suficiente para fazer pacotes arrumados com tais verdades(?). É preciso fé para se dar conta de que o Deus todo-poderoso *está* movimentando miraculosamente nossa vida todos os dias.

Meu amigo e minha amiga: nossa incapacidade de compreender uma situação não a torna falsa ou menos miraculosa. Conte seus milagres hoje. Conte das vezes em que foi por um triz. Conte os sorrisos e palavras de encorajamento, as expressões de gratidão enviadas hoje. Conte da segurança e bem-estar de seus filhos e netos. Conte os milagres de poder louvar Deus livremente, em um país como este em que vivemos. Conte dos milagres pela graça, do qual 1Pedro 1:12 diz-nos que “até os anjos

anseiam observar”. E agradeça a ele. Honestamente, a cura chegará até aos ossos.

Em João 14:12, Jesus disse: “Aquele que crê em mim fará também as obras que tenho realizado. Fará coisas ainda maiores do que estas, porque eu estou indo para o Pai.”

Descobri algo interessante que acontece quando você “fixa sua fé em Jesus”. Você começa orando e pedindo pelos assuntos que ele quer que sejam alcançados, em lugar de concentrar-se na sua própria lista de orações. Você ora pelo sucesso do Evangelho e até para que montanhas sejam removidas para que sua palavra avance. Ora para que o desespero e o desencorajamento sejam aliviados, em muitos lugares tenebrosos ao redor do globo. Pede que as almas sejam apascentadas e para que o povo de Deus desfrute da paz permanente. Você ora por vidas que se relacionem com Deus com intensidade e profundidade. Você ora por júbilo e paz na Igreja sem tanto barulho e fanfarra.

São, esses, alguns dos maiores milagres pelos quais passo a cada dia, e eu não os trocaria pelo milagre menor de ser curada da tetraplegia.

Henry Frost concordava com esse ponto de vista. Em seu estudo de pessoas conhecidas que oraram por cura, mas não a receberam, ele observou que “bênçãos espirituais especiais foram dadas às pessoas a que permitiram a enfermidade e que a maioria das pessoas, se não todas, foi ao fim compelida a testemunhar que a enfermidade se provara melhor do que a saúde poderia ter sido”.[13]

O missionário veterano e amigo de Hudson Taylor acrescentou essa nota:

> Se me permitissem falar de minha própria experiência nessa conexão, eu testemunharia em favor do fato de que as lições mais profundas, preciosas e reveladoras que Deus permitiu-me ensinar foram aprendidas em

> consequência de suportar minhas muitas experiências de enfermidade.
> Isso é particularmente verdadeiro em respeito à vida de oração, à vida de louvor, à vida de dependência em relação a Deus e à vida que se escolhe viver não pelo que se vê, mas pelo que não se vê, não pelo temporário, mas pelo eterno…
> Sinto que, se tivesse perdido esses sofrimentos pelos quais eu passei, teria sido nada menos que uma calamidade.
> Tenho certeza de que algumas vezes deparei-me com a recusa de Deus em curar mesmo quando estive mais em comunhão com ele.[14]

E assim tem sido minha vida.

Uma resposta “não” tem expurgado o pecado da minha vida, reforçado meu compromisso com ele, forçando-me a depender de sua graça, conectando-me a outros cristãos, estimulando a sensibilidade, disciplinado minha mente, ensinando-me a gastar meu tempo com sabedoria… tem ampliado meu mundo além do que eu poderia ter sonhado se não tivesse passado por aquele acidente em 1967.

Minha aflição tem esticado minha esperança, feito com que eu conheça melhor a Cristo, auxiliando-me a ansiar a verdade, levando-me a arrepender-me dos pecados, incentivando-me a dar graças em tempos de tristeza, reforçado minha fé e fortalecido meu caráter. Ficar nessa cadeira de rodas tem significado conhecê-lo melhor, sentindo seu júbilo a cada dia.

Se isso não pode ser considerado um milagre em seu livro então — e estou dizendo com toda a gentileza — prefiro meu livro ao seu.

Três

Curador e Senhor

Cristo de fato morreu para destruir a doença, e ele ainda o fará. Mas ele não diz que irá fazê-lo agora.
HENRY FROST

Houve ocasiões, em que assisti a um programa de cura na televisão enquanto era exercitada, vestida e erguida da minha cadeira de rodas.

É uma experiência um pouco surreal.

Lá estou, deitada na cama, com deficiências e incapaz de cuidar de mim mesma, ouvindo as fantásticas mensagens e assistindo às pessoas subirem ao palco de muletas, para então saírem de lá sem precisar delas.

— Jesus não quer você doente e debilitada, diz o locutor com voz de trovão. Ele quer fazer por você o que fez hoje por outros, bem na sua frente. Você também pode sentir seu poder de cura. Deposite sua fé nas suas promessas!

Enquanto assisto, penso sempre sobre outras pessoas doentes e debilitadas espalhadas pelo país, que assistem ao mesmo programa. No que elas estão pensando? Estariam fazendo a si as mesmas perguntas que me fiz anos atrás? Perguntas como “Será que Deus ainda cura as pessoas milagrosamente, hoje? Se for assim, será que ele quer curar

a todos ou só a alguns? E, no que devo pensar, caso minhas orações para cura não tenham respostas, diferente do que acontece com as pessoas na TV?”

Como mencionei no capítulo anterior, uma das bases que tenho para poder responder a estas e outras perguntas parecidas veio em forma de livro, escrito por um homem chamado Henry Frost, um missionário canadense de uma geração anterior. Seu livro *Cura milagrosa* foi publicado pela primeira vez em 1931. Além de ser um contemporâneo do grande missionário pioneiro Hudson Taylor, Frost serviu como o primeiro diretor da Missão da China Continental (hoje em dia, Overseas Missionary Fellowship) para a América do Norte.

Cura milagrosa não é um livro novo, sob nenhum aspecto. E também não é tão fácil de ler quanto o jornal da manhã. Na verdade, o tom da escrita soa bem pomposo e antiquado para ouvidos modernos. Mas eu duvido que você consiga encontrar um tratamento mais sensato e equilibrado sobre o assunto da cura divina. O que me atraiu para esse livro, primeiramente, foi o fato óbvio de que Henry Frost não estava disposto a desmerecer nenhum princípio teológico específico. Em vez de abordar o assunto como um combatente, em favor de um determinado ponto de vista e armado com argumentos bem escolhidos, Frost manteve um espírito gentil e um coração aberto e curioso.

Escrevendo como testemunha, Henry examina situações em que Deus de fato cura, e então pergunta: “E o que todas essas pessoas têm, ou fazem, em comum? Que chaves podem ser encontradas se quisermos ser curados também?” Suas conclusões não são somente úteis e interessantes, mas estão firmemente enraizadas nas páginas da Bíblia. A espada de dois gumes, o das Escrituras e o da sua vida pessoal, corta através de grossas camadas de equívocos e mal-entendidos, e apresenta a mais clara das discussões sobre cura milagrosa que eu já tinha ouvido.

Talvez você tenha a oportunidade de ler o livro por si mesmo. Espero que o faça. Mas, para aqueles que encontram dificuldades com a linguagem antiquada — e por vezes técnica —, permita-me dar um pouco de seu sabor nas páginas seguintes, junto com meus próprios pensamentos e experiências, em muitos de seus argumentos principais.[15]

1. Jesus está tão preocupado com sua saúde e cura hoje quanto na época em que caminhava sobre a Terra

Quando se trata de procurar o Senhor para ter cura física — ou suportar o sofrimento que ele permitiu que entrasse em nossa vida — não posso evitar pensar nas palavras que Pedro dirigiu a Jesus em um ponto crucial do ministério do Senhor. “Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras de vida eterna. Nós cremos e sabemos que és o Santo de Deus”.[16]

Recorremos a Jesus em nossos momentos de estresse e desapontamento, dor e desilusão. Para quem mais recorreríamos? Para onde mais iríamos? Se nós pertencemos ao Filho de Deus, então nossa vida é em torno de Jesus. Sim, procuramos a ajuda de médicos seculares, hospital, remédios, terapeutas e conselheiros. Esses recursos são viáveis. Mas, no final das contas, procuramos por Jesus. ele é nosso grande médico e a fonte de toda a cura e ajuda.

Se não for ele, quem mais?

Uma tradução de Hebreus 4:16 diz: “Portanto, vamos ousadamente até o próprio trono de Deus e permaneçamos lá para recebermos a sua misericórdia e acharmos a sua graça para nos ajudar em tempos de necessidade.”[17]

Gosto dessa forma de colocar as coisas, na qual temos de nos aproximar do trono de Deus e lá ficarmos para receber a misericórdia e a graça de que precisamos. Não há melhor lugar para estar em todo o universo.

Henry Frost escreve:

> Cristo no céu tem todo o poder sobre a Terra, e seu atual interesse nos membros de seu corpo é tão íntimo e com a mesma compaixão que era quando ele estava entre os homens. Se Jesus estivesse na Terra e eu precisasse dele para curar, deveria aproximar-me dele, assim como outros se aproximaram. Já que ele não está na Terra, não posso aproximar-me dele pessoalmente. No entanto, posso alcançá-lo onde ele estiver agora através da fé; e, já que ele não teve seu caráter modificado, posso esperar que ele curará onde houver necessidade, da mesma forma como ele costumava curar.[18]

"... É minha atual e firme convicção crer que Cristo endireita e cura, e que ele está mais prontamente disposto a fazer ambas as coisas àqueles que colocam sua confiança nele do que a maioria dos cristãos se dá conta."[19]

Olhando para o ministério terreno de Jesus, o que você acha que estava no coração do Senhor quando ele curou aqueles que estavam paralisados? Quando abriu os olhos dos cegos? O que sentia o Senhor quando aconselhou o pai do menininho que sofria de ataques?

Há aqueles que encaram esses milagres como sinais da soberania de Cristo, dizendo: "Jesus curou essas pessoas para dar prova de sua Autoridade como Filho de Deus. Mediante de tal poder, ele estava provando que ele era o Messias."

Estão certos. Mas não é como se Jesus tivesse abordado os cegos e os curado somente para demonstrar seu argumento a respeito de si mesmo. Não, Deus não usou de pessoas indefesas para promover-se. Não alistou homens e mulheres em sofrimento como "escadas" ou recursos audiovisuais para ensinar uma valiosa lição sobre si mesmo. Tampouco

abordou os cegos, surdos ou paralisados sentindo um vácuo emocional.

Como sei disso? As Escrituras assim nos dizem. Ele estava emocionado e com compaixão quando viu as massas em sofrimento. Oh, isso me deixa tão feliz! Eu nunca poderia conceber Jesus curando alguém como se fosse um guru místico que estivesse lá plantado, alheio e sem emoções, "sentindo o universo", acima e além dos seres humanos. Não consigo imaginá-lo fazendo-se intocável, dizendo: "Sim, posso curá-lo. Aqui, implore por mim e deixe-me mostrar o que quer dizer ser o Messias."

Nunca imaginei Jesus dessa maneira. Quando leio os muitos relatos sobre o Senhor curando os doentes e devolvendo a visão aos cegos, ele é retratado como alguém repleto de compaixão. É por isso que estou convencida de que ele não curou as pessoas somente para demonstrar que era o Messias. Ele não via os homens e mulheres como cobaias de laboratório para testar sua verdade, mas se importava com elas como se o sofrimento delas fosse o seu próprio. Ele as considerava valiosas. Ele desejava concluir seus desígnios, não somente para seu benefício e dos outros, mas pela pessoa que ele estava curando. Quando ele as tocava com seu amor, fazia isso com franqueza.

E de que forma? Na parte inicial do Livro do Apocalipse (ou da Revelação), o Senhor diz: "Conheço sua aflição." Em outra parte ele diz: "Eu vi sua aflição." E não se resume a ver ou saber. Ele está comovido com nossas lágrimas. Lembre-se: ele recolhe suas lágrimas em um odre (Salmos 56:8). Há uma razão para que a Palavra de Deus a descreva dessa forma. Em um odre, nossas lágrimas não evaporarão. Não desaparecerão. A compaixão de Deus é tão grande que ele lembra-se de nossas aflições o tempo todo.

E há mais, em um odre ele pode pesar nossas lágrimas. Aquelas lágrimas representam quanto tempo você tem sofrido. Pense em todas as vezes que as tristezas parecem não ter fim. Você se pergunta quando é que elas vão

terminar. Quando chegará o alívio? Quando Jó viveu a primeira perda em sua vida, ele disse: “O Senhor dá e o Senhor leva embora, abençoado seja o nome do Senhor.” Mas quando, bem mais tarde, o sofrimento não passava e só ficava pior, Jó disse: “Pelo Deus vivo, que me negou justiça, pelo Todo-poderoso, que deu amargura à minha alma” (Jó 27:2). Eis o que a dor crônica e a tristeza podem fazer! Mas Deus compreende. E não somente compreende. Ele se importa. Ele tem compaixão!

Pensamentos como esse ajudam-me e reconfortam-me quando preciso do toque de cura de Jesus, quando preciso sentir sua compaixão e seu coração. O livro das Lamentações 3:32-33 revela a intenção do coração de Jesus. Lá diz-se: “Embora ele traga tristeza, mostrará compaixão, tão grande é o seu amor infalível. Porque não é do seu agrado trazer aflição e tristeza aos filhos dos homens.”

Não é do seu agrado — quer dizer, ele não faz de coração — trazer aflição ou tristeza. O sofrimento pode ser uma parte do plano maior e mais amplo de Deus, mas a sua intenção é sempre demonstrar compaixão e um amor infalível, tocando as pessoas em seu ponto de necessidade mais profunda.

Este é o coração do curador. Louvado seja seu nome!

Henry Frost escreveu:

> Cristo é o eterno filho de Deus, e ele está em seus atributos divinos “o mesmo, ontem, e hoje, e eternamente”. (Hebreus 13:8). Se, portanto, ele amava nos dias de sua carne, ele ama agora. Se ele se importava naquele instante, ele agora se importa. Se ele curava antes, ele cura agora. Não significa necessariamente que ele fará hoje da mesma maneira como fez anteriormente ou que ele fará agora da mesma maneira que já fez, pois seus propósitos em algumas situações são diferentes do que eram no passado. Não obstante, Cristo é imutável em seu caráter, e

> podemos estar seguros de que ele está infinitamente interessado em nós e preocupado conosco.[20]

Não é ótimo saber disso em momentos em que as circunstâncias sombrias nos cercam e amedrontam?

Minha amiga Stephanie é mãe de uma criança com deficiência e dirige um programa para alcançar as pessoas com necessidades especiais, aqui em nossa denominação. Stephanie tem sabido o que são desafios da dor há algum tempo. E não faz muito, estava pensando em mim quando lia sobre Gideão no livro de Juízes.

Stephanie escreveu-me para dizer como ficou particularmente comovida por esta parte da história que diz:

> “Gideão mandou os israelitas para as suas tendas, mas reteve os trezentos. E estes ficaram com as provisões e as trombetas dos que partiram. O acampamento de Midiã ficava abaixo deles, no vale. Naquela noite o Senhor disse a Gideão: ‘Levante-se, e desça ao acampamento, pois vou entregá-lo em suas mãos. Se você está com medo de atacá-los, desça ao acampamento com o seu servo Pura e ouça o que estiverem dizendo. Depois disso você terá coragem para atacar.’ Então ele e o seu servo Pura desceram até os postos avançados do acampamento” (Juízes 7:8-11).

Então me escreveu com essa impressionante percepção. Era curta e doce, mas muito poderosa (pelo menos para mim). Stephanie me disse: “Joni, a frase que chamou minha atenção foi: ‘Se você está com medo.’” Deus não repreendeu Gideão por conta de seu medo, Deus não lhe deu uma bronca. Em vez disso, ele anteviu esses medos. E o Senhor aparentemente reconheceu que, sendo Gideão frágil como

todo ser humano caído, ele teria medo. Mas, no lugar de desmerecer o medo de Gideão, Deus forneceu uma saída. Uma maneira de encorajá-lo.

Ah! Isso significou tanto para mim! Estou grata por Deus me conhecer, considerando a minha deficiência nessa área. Ele lembra-se de como sou feita de pó.[21] Ele sabe quando sentirei medo. Ele compreende. Há vezes em que me atemoriza o fato de que meus remédios para a dor estejam perdendo o efeito e que, por isso, não poderei fazer nada durante as próximas cinco ou seis horas.

Disse isso à Stephanie e ela respondeu com uma historinha engraçada. Ela disse:

"Eu trabalhava na Missão *Helping Up*, em Baltimore, no Estado de Maryland, quando era adolescente e ensinava na pré-escola. A cada dia de aula, eles tinham de decorar um pequeno versículo da Bíblia e recebiam um *ticket* que podiam usar na loja da Missão. Um certo dia, o versículo a ser decorado era 'ele tem cuidado de vocês', de 1Pedro 5. Uma menininha, cuja família vivia em uma situação bem apertada, veio até mim e recitou, com orgulho: 'ele tem se assustado por vocês'."

> "Para mim, aquela parecia um tradução precisa, haja vista a situação dela. Jesus tinha levado seu medo embora para que ela não tivesse de senti-lo. Então, não tive dúvidas em dar a ela o *ticket* por ter decorado o versículo."

Voltando ao período natalino, celebramos a gloriosa dádiva de Deus conosco. Emanuel, Deus está conosco. E ele é o conselheiro maravilhoso que compreende nossa situação — e nos compreende — tão profundamente. Antevendo nosso medo, o Senhor fornece uma saída ao convidar-nos a depositar todo o medo em Jesus, porque ninguém se preocupa tanto com os medos quanto ele.

Meu amigo, minha amiga, por vezes eu vivi no pânico da dor que espreita no horizonte. E talvez você esteja lutando contra isso também. Bem, “se você está com medo”, tenha coragem. Na graça de Deus, ele antevê seu medo e sempre fornecerá uma saída. Eu tenho Stephanie, o relato de Gideão e uma garotinha das favelas de Baltimore para agradecer por me lembrarem disso.

2. Sim, somos curados por suas feridas, mas não necessariamente de imediato.

Toda vida, toda cura, toda compensação e justiça fluem dessa fonte que é nosso Senhor Jesus Cristo. De onde mais viriam?

Em Isaías 53:5 lemos essas palavras: “Mas ele foi transpassado por causa das nossas transgressões, foi esmagado por causa de nossas iniquidades; o castigo que nos trouxe paz estava sobre ele, e pelas suas feridas fomos curados.”

Sim, podemos ver que o sofrimento e a morte de nosso Senhor nos salvaram de nossos pecados e nos trouxeram paz com Deus. Mas será que também nos forneceram uma garantia incondicional e sem compromissos para a cura física instantânea?

Sabemos que as enfermidades fluem da maldição pronunciada por Deus sobre nós após a rebelião de Adão. Porém, Jesus veio para reverter essa maldição. Daí depreende-se que os cristãos não têm de suportar o câncer, a síndrome de Down, a doença do carrapato ou o Alzheimer? Gostaríamos de acreditar: como Jesus veio para livrar nossas enfermidades, deve existir uma cura para tudo, da enxaqueca aos calores da menopausa. Mas isso é equivalente a dizer: “Há um carvalho em cada semente de carvalho — então pegue essa semente de carvalho e comece a serrar umas tábuas para fazermos uma mesa de piquenique” ou dizer: “O Congresso acabou de promulgar

uma lei dizendo que a água dos rios deve ser limpa, portanto, amanhã os paulistas vão poder beber água direto do Tietê". Um século pode se passar antes que aquela semente fique pronta para ser serrada em tábuas — e remover toda a poluição de um rio pode levar décadas.

Acontece de forma semelhante a respeito da reversão de Jesus com a maldição do pecado (e com o sofrimento que está atrelado a ele). O que Jesus começou a fazer com o pecado e com suas consequências não será concluído até sua segunda vinda. O expurgo da salvação estava completo; o resultado disso estava definido com certeza (note que o contexto de Isaías 53:5 e 1Pedro 2:24 refere a livrar-se do pecado, não das doenças). A aplicação da salvação para o povo de Deus estava encaminhada, porém não fora ainda concluída.

Deus nos salvou, porém ainda estamos "sendo salvos" (1Coríntios 1:18). Ainda estamos na Terra. Ainda sentiremos a influência da velha maldição. Pelo menos até chegarmos ao céu, onde — veja você! — "nós seremos salvos" (Mateus 24:13).

A primeira carta aos Coríntios chama Jesus de "o último Adão", pois ele veio para desfazer a maldição que foi lançada nos Jardins do Éden. Mas, nesse próximo verão, você ainda vai ter de lutar com as ervas daninhas em seu quintal, assim como a dor nas costas de tanto capinar. Somente no paraíso é que, como está escrito: "Já não haverá maldição nenhuma" (Apocalipse 22:3).[22]

O teólogo Richard Mayhue escreveu: "Isaías 53 lida principalmente com o estado espiritual do homem. Sua maior ênfase é no pecado, não na doença. Ele focaliza a causa moral das enfermidades, que é o pecado, e não na imediata revogação dos resultados do pecado — as enfermidades".[23]

Eu fui realmente curada por suas feridas. Ele ainda pode escolher livrar-me temporariamente ou aliviar-me da minha dor crônica, pelo qual eu seria gratíssima. Mas, concedendo-

me ou não, sei que a cura completa está “logo ali”, na casa de meu Pai. E como eu poderia ter sequer a esperança de entrar na casa de meu Pai se não fosse pelo sangue de Jesus, derramado na cruz para minha salvação eterna?

3. Nosso Senhor Jesus tem variados propósitos para o seu próprio plano

Sem dúvida, este é para mim o argumento mais forte para confiar a Jesus nosso sofrimento.

Alguns de nós viverão vidas longas, em maior parte vigorosa e sã ao longo de todos os anos. Outros irão morrer relativamente jovens, antes de terem gasto os anos que deveriam ou terão de encarar deficiências; doenças recorrentes, fraquezas físicas ou (no meu caso atual), dor crônica. Davi expressou bem isso quando escreveu: “Mas eu confio em ti, Senhor, e digo: ‘Tu és o meu Deus’. O meu futuro está nas tuas mãos” (Salmos 31:14-15).

Meu futuro, nas mãos dele. É bem ali onde quero que meu futuro esteja. Não consigo imaginá-lo em outro lugar!

Deus tem um propósito para minha vida, uma intenção que ele tinha em mente antes do começo dos tempos e, certamente, antes que eu fosse, como diz o provérbio, um brilho nos olhos de meu Pai.

Romanos 8:29 diz que “aqueles que [Deus] de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos.” Além de todas as outras razões em minha vida, seu propósito mais alto é que eu possa tornar-me gradualmente como a imagem de seu filho, pois ele vive dentro de mim. E, dia após dia, ele realiza em mim e por mim. Eu sou sua criação, como Efésios 2:10 diz: “Somos criação de Deus realizada em Cristo Jesus para fazermos boas obras, as quais Deus preparou antes para nós as praticarmos.”

Como você talvez saiba, através de nosso estudo Bíblico, aquela palavra “criação” em sua língua original, grego, é *poiema*, de onde vem a palavra portuguesa “poema”.

Ele tem um plano e um propósito para o tempo que passarei na Terra. Ele é o artista. Ele é quem decide quais instrumentos usará para aperfeiçoar sua criação. E o que dizer do sofrimento? Da enfermidade? Da deficiência? Quem sou eu para dizer quais ferramentas ele deve ou não usar na tarefa de moldar-me na belíssima imagem de Jesus, sendo algo a durar por toda a vida?

Por acaso saberei mais que ele, para poder dizer sem nenhum equívoco, que sua vontade é sempre me curar de cada aflição física? Se eu sou seu poema, tenho o direito de dizer: “Não, Senhor. Você tem de reduzir um pouco o segundo verso e dar uma melhorada nos versos três e cinco. Eles estão meio sombrios.” Será que eu, o poema, o que está sendo escrito, sei mais que o poeta?

Se você quiser ver esse fato na prática, basta digitar no Google: “Deus quer você curado.” Em dois cliques, você verá todos os ministérios e sites da internet que proclamam o desejo amplo de Deus, segundo o qual toda pessoa que o convoque na fé será feita completa e saudável, livre de acidentes e enfermidades.

Eis algumas declarações de somente um desses sites, o primeiro que, por acaso, abri:

> Então por que não estamos vendo maiores manifestações de sua cura? As pessoas não estão sofrendo de enfermidades? Será que, Jesus não ama as pessoas hoje do mesmo modo que ele amava quando caminhava sobre a Terra? Será que os cristãos ainda precisam ver demonstrações de seu poder?
> SIM! Não somente precisamos do poder de cura de Deus hoje, mas Deus quer liberar esse poder. Aleluia! No entanto, a cura não depende só de

> Deus. Não é ele quem decide quem deve ou não ser curado. Esta é uma declaração radical, mas verdadeira. E aqui residem alguns dos maiores obstáculos para se receber o poder de cura de Deus. [24]

Então, “não é Deus quem decide sobre alguém ser ou não curado”?

Tenho certeza de que isso seria novidade para ele.

Em outras palavras, de acordo com esse autor, Deus não é aquele que está me formando, moldando e configurando? Não é ele quem está usando de todas as ferramentas de que dispõe para fazer-me mais parecida com Jesus e, assim, para que eu possa trazer-lhe glória? Tenho de fazer isso tudo eu mesma! Só depende de mim?

Que pensamento horrível. Como eu odiaria arcar com essa responsabilidade nos meus ombros. Eu não aguentaria dois minutos nesse emprego!

Realmente, esse é o tipo de discurso velho e blá-blá-blá que tenho ouvido década após década. Eu costumava ser mais paciente com isso antigamente. Tenho certeza de que você ouviu isso também, assim como já mencionei anteriormente nesse livro: se você não estiver bem, se estiver sofrendo de alguma maneira, é você quem está bloqueando o fluxo de poder de cura por conta de seu pecado oculto ou de sua falta de fé. Porque Deus obviamente quer todos bem.

Acredite em mim: tenho visto desgraças, decepções, confusão, culpa, desespero e o poder de corroer a fé desses argumentos odiosos, por muitos anos e em mais vidas do que posso contar.

Sim, Jesus é, e sempre será a fonte: o ilimitado poço de cura, perdão, redenção e vida.

Henry Frost, escrevendo há quase noventa anos, chegou a sugerir que, enquanto as culturas do mundo movem-se mais e mais distantes das fundações da Obra de Deus e a

apostasia ganha espaço (não lembra o mundo em que vivemos?), Cristo pode se manifestar com sinais e curas ainda mais miraculosas.

> Portanto, é verdade que há vastas partes do mundo onde milagres de cura, como evidências de um Cristo vivo e todo-poderoso, podem ser buscados; e podemos prever com confiança, à medida que a presente apostasia ganhar força, que Cristo irá manifestar sua divindade e soberania de modo cada vez mais enfático através de sinais miraculosos, incluindo as curas.[25]

De qualquer modo, em algumas situações, baseada em sua misericórdia e em seus propósitos, acontece de ele curar imediatamente. Mas, em outras ocasiões, sua cura atingirá as partes profundas de nosso ser de um modo intenso, que não será percebido de todo em nossos corpos, até que passemos para novos corpos quando chegarmos à casa do Pai. E sim, ele nos redimiu, mas ele também dá continuidade ao processo redentor em nossa vida, até o momento em que dermos o suspiro final. Sim, somos curados por suas feridas, mas somos uma obra em execução, e ele ainda não concluiu o que está fazendo em nós!

Como disse Henry Frost,

> Cristo de fato morreu para destruir a doença, e ele ainda o fará. Mas ele não diz que irá fazê-lo agora, mas, em vez disso, em uma hora mais tardia, quando ele vier em poder e glória.[26]

O fato é que, quando se trata de saúde e vigor dos corpos terrenos, ele não pede a todos que andem no mesmo caminho.

Quando o Cristo ressurreto disse a Pedro como ele morreria para glorificar o Senhor, Pedro olhou por sobre os ombros para João e disse: “Senhor, e quanto a ele?” Jesus respondeu pacientemente: “Se eu quiser que ele permaneça vivo até que eu volte, o que lhe importa? Siga-me você.” [27] Em outras palavras, Jesus tem um propósito para cada um de nós. E, em qualquer situação que ele nos permitir viver, devemos segui-lo com fé e confiança.

Deus tem seus diferentes propósitos. Ele mostra-se forte e obtém glória de diferentes formas, através de cada uma de nossas vidas. Se ele permite o sofrimento em nossa vida, ele o faz por razões muito específicas e importantes, e não o faz de forma leve!

Na tradução de Phillips para 2Coríntios 4:7-10, Paulo escreve essas palavras:

> Mas temos esse tesouro em vasos de barro, para mostrar que este poder que a tudo excede provém de Deus, e não de nós. De todos os lados somos pressionados, mas não desanimados; ficamos perplexos, mas não desesperados; somos perseguidos, mas não abandonados; abatidos, mas não destruídos. Trazemos sempre em nosso corpo o morrer de Jesus, para que a vida de Jesus também seja revelada em nosso corpo.

Pressão por todos os lados? Atormentados? Derrubados? Sim, sim e, em alguns dias, ainda mais! Como sua vida aparece em nossos corpos? Por meio da morte! Por meio das aflições! (Isso deve deixar Satanás bem deprimido alguns dias, você não acha?)

Paulo diz que, como cristãos, somos feito jarros para guardar tesouros ao longo de nossa vida. Esse tesouro de incalculável valor é nada menos que a luz “do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo” (2Coríntios 4:6).

Cada um desses jarros de barro foi estampado pelo próprio Deus, nosso criador e mestre artesão. Não foi estampado em nenhuma fábrica de produção em massa na China. E, assim como todos os objetos feitos à mão, somos únicos. Não há dois iguais. E, se o propósito de nossa vida é exibir o tesouro que guardamos em nosso interior, essa exibição muitas vezes funciona melhor quando há falhas, rachaduras e lascas no jarro! É assim que a glória radiante e resplendente de Jesus brilha aos olhos do mundo.

Refletindo sobre a mesma passagem, o escritor Robert Jewitt fez a seguinte questão: “O que seria equivalente, em significância, hoje, ao jarro de barro do primeiro século?” A resposta à qual chegou: uma caixa de papelão! Nossos corpos, para parafrasear 2Coríntios, são como as caixas em que chegam nossos sapatos. Como um presente de Natal em uma grande caixa de papelão vinda por Sedex. Mas dentro dessa caixa, assim como nos potes de barro de Paulo, guardamos tesouros preciosos.

Há alguns anos, minha querida mãe, Lindy Eareckson, deixou essa Terra e partiu para o paraíso. Naquele momento, ela não tinha mais necessidade da caixa que a havia embrulhado por 87 anos. Estava vazia, com cantos carcomidos, amassados e rugas. E ainda assim tinha sido a cobertura em que o tesouro do Espírito habitara por tanto tempo. Amávamos aquela “caixa” porque ela estava ali e porque Jesus brilhava através de sua vida. Ele havia brilhado mais nitidamente através das beiradas, rasgões e partes finas daquela caixa que começara a ruir-se com a idade. Ele brilhava radiante por meio dela, reluzindo poderosamente enquanto ela servia nossa família, ficava ao meu lado ao longo dos anos que passei no hospital, enquanto ela doava-se sem medida.

Mas agora o tesouro chegou são e salvo no seu lar, assim caixa foi descartada e deixada para trás.

O que quero dizer dessa maneira é: Jesus revelou-se em minha mãe de um modo bem diferente do que ele deseja

revelar-se através de mim ou de você. Minha caixa não é a sua caixa. O meu embrulho não é o seu embrulho. E acredito de todo o coração que, algumas vezes, é através da vida daqueles que estão mental ou fisicamente debilitados ou aqueles que estão sofrendo, que Jesus escolhe brilhar das maneiras mais espetaculares.

Você tiraria esse poder de decisão do Deus soberano, da maneira como o autoproclamado curador de fé que citei no começo do capítulo tirou? Você lhe ditaria o tipo de caixa que ele deveria usar para guardar seu tesouro? Você tentaria reclamar se ela tivesse alguns furos para que as pessoas pudessem ver melhor a riqueza do interior?

No meu livro anterior, escrevi sobre Cindy, uma jovem com paralisia cerebral que, por acaso, foi a última pessoa a se apresentar no show de talentos que tivemos em um dos retiros da organização. A mãe de Cindy empurrou-a na cadeira de rodas até a plataforma. Cindy, como sua mãe nos disse, havia ensaiado bastante para apresentar sua canção, *Amazing grace*.

Muitos entre nós se entreolharam. Todos amávamos Cindy, mas como isso aconteceria? Por conta de sua deficiência, Cindy não conseguia falar.

Então sua mãe deixou o palco e Cindy ficou lá, sozinha. A jovem, com esforço, esticou seus dedos retorcidos e apertou um botão em seu aparelho de comunicação conectado à cadeira. E de lá veio a voz monótona e computadorizada: *Graça extraordinária, como é doce seu som, que salvou uma infeliz como eu...*

À medida que a voz robótica continuava o hino, Cindy voltou seu rosto para nós, e, com enorme esforço, “falou” as palavras da melhor maneira que podia. E não só isso: seu sorriso acendeu todo o ambiente.

Foi um desempenho inigualável. Qualquer artista da Ópera ou cantor pop invejaria. Falando honestamente, jamais vi nada equivalente àquilo (daquele dia até hoje). *Amazing grace* não é uma canção nova, mas, naquela noite, foi

cantada de uma forma inteiramente nova. Ainda que Cindy não pudesse cantar a letra com suas cordas vocais, alguma coisa aconteceu quando ela se apoiou em Jesus e vocalizou aquelas palavras.

Não posso explicar como, mas aquilo cresceu no auditório como um hino ressoante de louvor. É como se a canção de Cindy fosse acompanhada de uma orquestra de 80 componentes. Posso imaginar os anjos, cheios de encantamento, inclinando-se para a beira do céu para escutar com deleite.

Meu amigo, minha amiga, é disso que estou falando.

Deus revelou-se de uma forma avassaladora, obtendo grande glória através da canção de Cindy, diante daquela plateia, e de todos os anfitriões celestes que não podemos ver. Ninguém na Terra poderia tê-lo feito da mesma maneira. Por conta de Cindy, em sua profunda fraqueza, o tesouro da vida de Jesus mostrou-se de um modo que nem a interpretação mais tecnicamente correta do programa *American Idols* (ou *ídolos*) poderia chegar perto.

Você poderia dizer a Cindy que ela "estava fora dos planos de Deus" em razão da sua deficiência? Que sua apresentação foi de alguma maneira inadequada? Eu prestaria muita atenção para que tais palavras não saíssem da minha boca. Tenho uma forte impressão de que Deus leva tais apresentações bem a sério.

Como escreveu Henry Frost:

> Cristo tem muitas coisas para pensar quando planeja um santo. Ele precisa ter em mente o que é melhor para o indivíduo; qual é o maior benefício com relação ao seu testemunho; o que é necessário em sua relação com outros santos; o que pode fazer para evidenciar a presença e eterna glória de Deus; o santo manter-se-á, resoluto, em resposta a orações, naquele trajeto

que combinará em transmitir o maior e mais duradouro bem.[28]

Outro exemplo vem à minha mente. Penso no menininho com síndrome de Down chamado Isaiah Nicklas. Pouco mais que um bebê, ele tem olhos brilhantes e uma penugem de cabelo ruivo.

E Isaiah tem um ministério poderoso.

Como isso pode ser possível, você se pergunta. Como essa criança poderia ter um ministério real para Jesus? Vou deixar sua irmã mais velha, Mary, contar exatamente sobre o que trata o ministério de seu irmãozinho. Eles são crianças da Aliança. Seus pais os cobriram de orações muito antes de eles nascerem. Essas crianças fazem parte dos "irmãos de fé" na família Nicklas e, desde o começo, seus pais os têm encorajado a explorar o ministério com o qual Deus os abençoou.

Mary me disse, enquanto dava comida ao pequeno Isaiah à mesa, com uma colher: "Todos em nossa família tem um ministério, basta ver Isaiah!"

Nesse momento, Isaiah virou-se e me deu um enorme e feliz sorriso. Ao mesmo tempo, seus olhos brilharam e suas bochechas ficaram vermelhas como duas pequenas maçãs.

Realmente, não sei como descrever o que vi naquele dia. "Vamos lá, Joni", alguém poderia dizer. "É só o sorriso de um bebê." Estou aqui para dizer-lhe: havia alguma coisa que tornava aquele sorriso diferente. Era transcendente. Irradiava. E ao vê-lo, enchi-me de júbilo.

"Entende o que digo?", Mary disse. "Isaiah tem seu próprio ministério, também. É o seu sorriso!" Ela tinha razão. O rosto do menino jorrava uma felicidade além desse mundo. Se você quiser ver o júbilo do jeito que ele desce do céu, bastava ver a face de Isaiah.

Voltemos a nosso versículo em 2Coríntios 4:6: "Pois Deus, que disse: 'Das trevas resplandeça a luz', ele mesmo brilhou em nossos corações, para iluminação do conhecimento da

glória de Deus na face de Cristo.” Até mesmo um menininho com síndrome de Down pode ter a luz de Cristo. Posso até afirmar: especialmente, um menininho com síndrome de Down pode mostrar essa Luz.

Tudo diz respeito à glória de Deus, não? É por isso que Henry Frost disse:

> Não vamos dizer que Deus não pode curar e que não o fará. No lugar disso, vamos dizer que Deus pode curar, e o fará se for para sua glória.
> [...] O santo deve lembrar-se [...] de que Deus é quem julgará, se exibirá ou não a si mesmo e a seu poder, através de um ato miraculoso. E também quando, onde, como e com quem será feito. E deve ainda não esquecer que Deus é fiel e amoroso quando exibe-se ou quando não exibe-se.[29]

Amém!

4. Da mesma forma que faz com outras questões cruciais, Satanás tentará empurrar-nos para os extremos não bíblicos da questão da cura miraculosa.

Henry Frost escreveu com sabedoria: “É minha impressão que, muitas vezes, essas pessoas analisam o assunto da cura miraculosa com extremismo, opondo-se totalmente ou então endossando totalmente, quando nem a primeira, nem a segunda postura são razoáveis.”[30]

Extremistas! Como nosso adversário ama quando as pessoas que afirmam estarem falando em nome de Deus, mantém posições resolutas e inegociáveis em assuntos aos quais as Escrituras permitem mais de um ponto de vista.

Frost prosseguiu:

> Satanás, procurando destruir a paz e utilidade dos filhos de Deus, tem muitos métodos de ataque e nenhum é mais eficiente do que tentar conduzi-los em posições desequilibradas e exageradas. [...] Qualquer doutrina pode ser facilmente distorcida, mas há aquela que [...] pode ser jogada de maneira desproporcional pelos que a sustentam e desfrutam de seus benefícios. Me parece que muitas pessoas têm feito ou estão fazendo dessa forma, o que tem gerado sérias consequências.[31]

Para mim, há algo que parece ser o elemento mais comum naqueles que sustentam posições extremas sobre cura divina.

Uma falta de humildade.

Por um lado, você tem gente dizendo a Deus o que ele deve fazer, e, do outro, pessoas dizendo a Deus o que ele não deve fazer. Eu não gostaria de estar em nenhuma dessas posições. Quem sou eu, esse pote de barro sobre o qual acabamos de conversar, para ditar os termos para o oleiro divino e dizer algo sobre ele ter de me curar neste momento? Quem sou eu para dizer a Deus o que ele pode ou não fazer no mundo?

Ao fim e ao cabo: ele pode fazer conforme quiser. Ele é Deus. E, como ele declara no livro de Isaías: “Meu propósito permanecerá em pé, e farei tudo o que me agrada” (46:10). Como disse Jó: “Mas ele é ele! Quem poderá fazer-lhe oposição? Ele faz o que quer” (23:13).

Prefiro a abordagem do leproso que se voltou para Jesus, ajoelhou no barro e disse: “Senhor, se quiserdes, podes purificar-me!” O autor do Evangelho diz que Jesus estendeu sua mão, tocou no homem e disse: “Quero. Seja purificado!”[32]

Algumas vezes ele está disposto a curar imediatamente, assim operará um milagre que a medicina não conseguirá

explicar. Lembro-me bem de uma amiga, uma cristã de meia-idade que sofria de um sério problema de medula. Depois que todos os procedimentos médicos falharam, foi dado a ela um curto tempo de vida. Porém, juntamente com ela, outras pessoas oraram, e quando ela voltou ao médico para o exame ele ficou de deslumbrado.

O homem não cria em Cristo, mas após fazer repetidos exames de sangue durante algum tempo, disse à minha amiga: “Não há explicações naturais ou médicas que eu possa lhe dar. Sua situação era de desengano. Tudo o que posso dizer é que isso é um milagre.”[33] E esta não foi uma situação temporária. Passados quinze anos, a mulher segue firme e forte.

Em outras ocasiões, no entanto — e por razões que não podemos alcançar — ele não está disposto a curar uma doença em particular, reverter o curso de um desastre ou cancelar uma deficiência específica. Assim como aconteceu com o apóstolo Paulo, quando teve seu pedido de cura negado, o Senhor Jesus dará em troca uma medida maior de sua presença e graça.

É por isso que tenho desfrutado das palavras de Henry Frost ao longo dos anos. Ainda que ele acredite firmemente na compaixão de Cristo, em seu poder de curar e operar milagres entre nós, suas crenças são sempre equilibradas e temperadas por um coração submetido aos mistérios da soberania de Deus e a seus propósitos.

Quando eu chegar ao céu, Henry e eu nos sentaremos à beira de um riacho cristalino num campo florido e ter uma longa conversa. Por enquanto, vou fazer de suas palavras as últimas desse capítulo.

Temos de confiar no poder de Deus em respeitar nossos limites mortais, certificando-nos de que ele é maior do que acreditamos. Vamos guardar em nosso coração o fato de que Cristo opera milagres hoje com tanto poder quanto na época que estava com os homens na Terra, curando todo o tipo de doenças e enfermidades.

Enquanto dermos a ele o direito definitivo de escolha, e formos submissos e gratos quando ele diz não do mesmo modo quando diz sim, podemos livremente depositar nossos anseios físicos sobre ele, com muita expectativa. Há muitos santos que não estão bem e muitos outros que não estão vigorosos, simplesmente porque eles nunca pediram a Deus por sua saúde ou por sua autossuficiência.

Quatro

Que benefício há em minhas dores?

O amor é algo mais austero e esplêndido que a mera bondade.
C.S. LEWIS, *The problem of pain*

Meus amigos, que amam fazer trilhas nas florestas (e eu estaria com eles, se pudesse), dizem serem as melhores trilhas aquelas que “abrem-se” vez por outra, dando a eles uma perspectiva de onde passaram e onde estão em relação ao seu objetivo.

Em outras palavras; é ótimo parar e contemplar a vista. Se você puder encontrar um ponto na vida onde o horizonte preencha sua visão e você ganhe um pouco de perspectiva, estará num excelente lugar.

Uma pedra onde se sentar, em um ponto alto e aquecido pelo sol, torna-se um lugar de primeira para um sanduíche amarrotado tirado da mochila ou mesmo para um gole de água gelada.

Algumas trilhas embrenham-se infinitamente pela floresta, sem jamais emergir, sob a cobertura da folhagem. Elas também são legais, é claro. Consigo lembrar-me de caminhar por trilhas assim no Estado de Maryland quando era jovem,

saboreando especialmente as tardes no outono, com o aroma de vinho doce das folhas caídas e o estalar do tapete vermelho e laranja sob meus pés. Essas memórias são distantes, mas não desbotadas!

Depois de algumas horas de caminhada, você começa a querer ver algum céu. Você anseia por um ponto de referência — talvez uma colina ou uma rocha — onde possa pousar os olhos na trilha sinuosa que ficou para trás, obtendo um pouco de satisfação sobre seu progresso.

Penso que o autor do Salmo 119 encontrou um desses lugares em sua vida, onde poderia fazer uma pausa, recuperar o fôlego e contemplar uma longa vista atrás de si, antes de endireitar os ombros e retomar o rumo da trilha.

Suas palavras lembram-me — nos dias de necessidade — que, mesmo quando a dor e o sofrimento podem ser nossa experiência durante a breve passagem na Terra, o Senhor sabe como transformar até esses desapontamentos e dificuldades em auxílio. Gostaria de comentar sobre as diversas vantagens nas páginas que seguem, e agradecer por elas.

Benefício número 1: o sofrimento pode desviar-nos de uma direção perigosa

Recapitulando sua vida (ou a trilha que percorreu), o salmista rabiscou essas palavras em seu diário:

> Antes de ser castigado, eu andava desviado, mas agora obedeço à tua palavra. (Salmos 119:67)

“Bem”, você poderia dizer, “já ouvi isso antes. Não há nada de novo nisso”.

Mas pense um pouco: para esse homem, considerando onde sua vida se encontrava naquele momento, este era *sim* um fato novo. E esse pensamento o fez parar. Havia se dado

conta, subitamente, que o problema em sua vida — que o entristecia, atormentava, perturbava, pressionava e lhe causava dor conforme o tempo havia sido bom, e tinha permitido especificamente que Deus beneficiasse-se dele. Digam o que quiserem, mas essa é uma percepção profunda para qualquer um.

Ele não estava dizendo sobre o próprio problema ser algo bom. Longe disso! Mas, olhando para trás, podia (agora) honestamente admitir que havia produzido um bom efeito.

O problema havia feito com que ele desviasse quando precisou desviar.

Ele dirigia-se para um lado e, então — pow! —, foi esmagado por esse qualquer-que-seja evento em sua vida.

Ele reconhece com franqueza que, antes da chegada da "aflição" — um ferimento, uma doença, um revés financeiro, uma desilusão amorosa, quem vai saber? — ele estava percorrendo um caminho nada sábio, nem saudável. Em algum canto de sua mente ou no fundo do seu coração, ele talvez soubesse que estava errado. E ainda assim ele não conseguia (ou poderia) voltar. O caminho que ele havia seguido com tanta convicção poderia tê-lo conduzido a um casamento tolo, a um acordo comercial malfeito, ao alcoolismo, à pornografia, a alienar-se dos filhos, a atividades criminais ou talvez em direção a um modo de vida pretensioso e descuidado, onde empurrava Deus para fora de seu caminho.

Então chegou a aflição. O que era ruim se tornou algo bom. A ferida. A decepção. O revés. A demissão. A rejeição. A desilusão. O divórcio. A falha. O relatório médico.

Aquela intrusa em sua vida — o que quer que seja — tomou o controle de seus ombros e o exauriu um pouco (ou muito), tirando-o do rumo que seguia. Agora, há muitos felizes quilômetros, e na estrada certa, ele olha para trás e diz para si: "Você sabe que aquilo foi uma coisa muito difícil de fazer, mas agradeça a Deus por esta situação! Senhor, tu és bom e fazes o bem. Sou tão grato. Se me mantivesse

naquele caminho — se tivesse insistido em seguir aquele rumo —, quem sabe o que poderia ter acontecido?”

O texto não menciona que seus problemas tenham ido embora. Fica implícito nos versículos seguintes que algumas situações da vida continuaram a causar-lhe grande dor. Porém, mesmo quando ele reflete sobre essas coisas, uma forte segurança toma conta do coração:

> Foi bom para mim ter sido castigado, para que aprendesse os teus decretos. (versículo 71)

Benefício número 2: o sofrimento faz-nos lembrar onde estão nossas reais linhas de força

A situação descrita tem tudo a ver com Deus. Todo esse modo de encarar a vida é precisamente o contrário do que muitos pensam ou de suas reações.

Uma das razões pelas quais eu sei que a Bíblia está certa é o modo como a sabedoria divina flui na contracorrente do que os humanos costumam considerar certo. A obra de Deus jamais seria acomodada ao pensamento e filosofia humanos, nunca tentaria se manter no estilo, ajustar-se ou, de algum modo, tornar-se “relevante”.

Não, a verdade de Deus simplesmente *é* como uma alta montanha, dominando o horizonte, sem ser movida por vento, clima ou pelos juízos apressados dos autoproclamados “formadores de opinião” desse mundo.

Considere, por exemplo, os ensinamentos bíblicos sobre a força humana.

Nas páginas das Escrituras, a força autêntica — do tipo que vence batalhas, supera o improvável e faz oposição avassaladora — caminha lado a lado com a fraqueza.

Agora, essa noção é tudo, menos popular. Definitivamente, não é nenhuma produção de Hollywood. Ainda assim é dez mil vezes mais verdadeira. Aqueles homens relatados nas Escrituras por sentirem orgulho de sua própria força,

destreza ou de seus recursos superiores falham continuamente. Mas, aqueles que reconhecem suas fraquezas e necessidades, gritam aos céus, buscando alento em sua desilusão, frustração e definitiva deficiência, cuja necessidade de Cristo é plena, estes encontram vastas reservas de força, além de suas próprias.

Algumas das últimas palavras a serem registradas no Novo Testamento, logo antes do Livro do Apocalipse, são as palavras de Jesus ao apóstolo Paulo, quando disse: “Minha graça é suficiente para você, pois o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza” (2Coríntios 12:9).

As palavras “aperfeiçoar” (e sua raiz, “perfeito”) derivam do mesmo termo grego que Jesus usou quando gritou da cruz com seu último fôlego, “está consumado”.

Tetélestai! Consumado. Feito. Cumprido. Quitado.

Jesus disse para Paulo, em meio a sua fraqueza: “*Tetélestai!* Meu poder foi alcançado ou completo na fraqueza e fragilidade de vocês.”

Ah, aqui está o nó dessa questão. Para acessar o poder incomparável da ressurreição, você e eu temos de estar totalmente convencidos de nossa falha e corrupção irremediável e voltarmo-nos para ele com todo coração. Como disse C. S. Lewis em outra ocasião, devemos “cair em Jesus”.

Você pode até pensar que essa verdade seria fácil de compreender para uma pessoa como eu, numa cadeira de rodas. Não foi sempre assim.

Não consigo lembrar há quanto tempo aconteceu, talvez quando eu estava na Universidade de Maryland no fim dos anos 1960 ou começo dos anos 1970, mas realmente me importava muito “ser independente” naqueles primeiros dias da minha paralisia. Lembro-me de vagar com minha cadeira de rodas pelo campus; em meu rosto, a máscara da determinação, firmemente decidida a “me virar e percorrer o caminho”.

Absurdo? Sim. Estava me negando? Provavelmente. A caminho do fracasso? Com certeza.

Não obstante, havia decidido que não precisaria de cuidados especiais, ou de auxílio nas aulas; eu me alimentaria sozinha no refeitório, usando para isso uma colher especial enfiada no meu encosto lateral. Eu não queria ser "tratada do modo diferente", ainda que fosse algo óbvio: minhas necessidades e desafios eram muito diferentes dos de 99% dos meus colegas estudantes.

A verdade é essa: eu não queria que ninguém me encarasse como "fraca" ou "carente".

Como consequência dessa determinação, eu não queria que ninguém citasse um versículo específico das Escrituras na minha frente. Era o de 1Coríntios 12:23, quando Paulo diz para tratar as partes mais fracas do corpo com honra especial. Eu encarava esse versículo como um olhar tipo "ai que peninha dos infelizes", que as pessoas teriam dos cadeirantes como eu. Ser tratada com honra especial? Não, senhor. Para mim, não. Eu era jovem e vigorosa. Queria contar somente comigo. Não era fraca. Eu podia lidar com aquilo. Você consegue imaginar?

Anos mais tarde, a sabedoria de Deus começou a despejar-se em minha alma — algumas vezes leva um bom tempo para acontecer, não? — e comecei a entender a verdade por trás de 1Coríntios 12. Este não é um versículo dizendo para apiedarmo-nos dos deficientes. Ao contrário, acho que o argumento de todo o capítulo é que somos todos fracos e carentes, ainda que não queiramos admitir. E do que precisamos? Precisamos uns dos outros no corpo de Cristo. Acontece que as fraquezas de algumas pessoas (como eu) são mais evidentes.

As pessoas com deficiências obviamente compreendem rapidamente o que significa ser fraco e sentir-se carente. Como resultado, a luz pode se acender um pouco mais cedo, quando ouvimos o apóstolo Paulo dizer: "Eu me gloriarei ainda mais alegremente em minhas fraquezas, para que o

poder de Cristo repouse em mim. [...] Pois, quando sou fraco é que sou forte" (2Coríntios 12:9-10).

Voltemos a esse tema: força contra fraqueza. Uma profunda direção da vida surgindo entre obstáculos que pareciam intransponíveis em nosso caminho.

Penso lá atrás, nos meus anos de escola, em meu amigo Bobby que nunca levara Deus muito a sério, até virem graves problemas. Conseguir uma bolsa de estudos para atletas em uma das melhores universidades do país era o objetivo que tomava toda a sua atenção. Mas, durante o segundo ano da faculdade, ele foi derrubado com força bem no meio do campo. Depois de duas cirurgias e três anos permanecendo no banco, ele pensou bastante. A vida é curta. Onde estavam suas prioridades?

Hoje, ele ainda continua na área de esportes (Bobby é treinador de um time mirim depois do expediente). Mas suas prioridades são mais claras. O estudo bíblico e a oração tomam um bom tempo de seu horário hoje, e não acho que isso teria acontecido — até ele duvida — se não fosse por aquele momento doloroso do destino que ocorrera no meio do campo.

Repare no que aconteceu a meus vizinhos que moravam aqui na rua. Quando a economia de nosso Estado estava em uma ótima fase, Brian e sua família dispunham de todos os brinquedos e os símbolos de status que seus corações desejassem. Mas então a economia do Estado empacou. Brian perdeu seu emprego e encontrou-se diante de sérias questões.

De fato, a família dirá para quem quiser ouvi-los: aquilo foi uma das melhores coisas que lhes aconteceram. Eles descobriram que Deus ainda estava no trono e se importava profundamente com a direção que suas vidas seguiam, Deus poderia completamente cuidar deles enquanto se recompunham. Também descobriram que a família significa mais do que posses; a universidade pública não era tão ruim para a filha deles, que sonhava com Princeton. Eu não acho

que meus vizinhos teriam aprendido isso tudo se não fosse por Brian ter perdido seu emprego.

Lembra-se das palavras do salmista? “Foi bom para mim ter sido castigado, para que aprendesse os teus decretos.”

Agora me lembro do meu primo de 26 anos. Sua namorada lhe devolveu o anel de noivado. Ele deixou o anel sobre a mesa do quarto por meses a fio, como um monumento de seu fracasso amoroso. Finalmente, ele teve de lidar com suas tristezas ocupando-se de um garoto problemático que morava a duas casas de distância da sua e que não conhecera o pai. Ele o levou para ver os cavalos no fim de semana, e o ensinou a cavalgar. Isso fez com que aquele rapaz amadurecesse, pois seus problemas, que no começo pareceram-lhe tão avassaladores, no fim das contas eram apenas bobagens.

Dois anos mais tarde, meu primo estava em uma livraria comprando um presente e espiou uma menina loura com um sorriso fascinante, folheando um calendário de cavalos palominos. Eles começaram a conversar e descobriram que tinham mais coisas em comum que somente a admiração por equinos. Ele a levou para cavalgar no fim de semana seguinte, passou a participar do grupo de solteiros na igreja dela, e, não muito depois, ela disse um grande sim quando ele fez a pergunta à porta de sua casa. Hoje, dá-lhe arrepios pensar que poderia tê-la perdido. E, francamente, nada disso teria acontecido se ele não sofresse pela rejeição de sua primeira namorada.

Quem pode compreender a ação de Deus? Como observou Salomão: “Os passos do homem são dirigidos pelo Senhor. Como poderia alguém discernir o seu próprio caminho?” (Provérbios 20:24). A verdade é que você e eu — se é que vemos alguma coisa — pouco percebemos dos planos e propósitos de Deus. Ele age de modo misterioso, e está além de nossa capacidade a análise dessas ações ou predizer o que irá fazer em seguida.

Como perguntou o profeta:

> Quem definiu limites para o Espírito do Senhor, ou o instruiu como seu conselheiro?[34]

A resposta é: ninguém. Jamais.

Mas, mesmo em nossa limitada compreensão, ao longo do tempo e muita oração, o dia vai raiar; assim descobriremos o que Jeremias nos disse há tantos séculos: os planos de Deus para nós realmente estão cheios de esperança e de um futuro.

Mesmo quando esse caminho passe pela dor.

Benefício número 3: o sofrimento restaura a beleza perdida em Cristo

Talvez, como eu, você já tenha percebido que cuidados, problemas e aflições da vida simplesmente irão começar a exauri-lo, diluindo sua esperança, e roubando de você o júbilo que já experimentou como cristão.

Na verdade, pode ser bem o contrário.

Não são as mágoas, feridas, golpes e machucados que nos roubam o frescor da beleza de Cristo em nossa vida. É mais provável que a facilidade sem grandes esforços, o orgulho vazio, as preocupações terrenas e o excesso de prosperidade venham colocar camadas de poeira sobre nossas almas.

Nunca me esquecerei, anos atrás, quando tive a chance de visitar a Catedral de *Notre Dame*, enquanto estava em Paris. Lá estava ela, com quase mil anos de idade, erguendo-se tão imensa e suja! Nunca tinha visto uma catedral assim tão mal cuidada! Após centenas de anos de fuligem, poeira e fumaça, *Notre Dame* estava coberta de uma sujeira encardida. Chegava a ser difícil encontrar as lindas esculturas e os detalhes no exterior da igreja.

Mas então a antiga Catedral foi submetida a anos de restauração. Andaimes foram erguidos, e toda a parte exterior recebeu jatos de areia. Fiquei chocada quando vi uma foto recente da catedral. Estava linda, bastante

diferente daquela de que me lembrava. Chego a me perguntar se as pessoas que viviam à sua sombra por tantos anos conseguiriam reconhecê-la. Que maravilhas uns jatos de areia puderam fazer.

Quando uso a expressão “jato de areia” — e quando penso em como o processo modificou a catedral em Paris — não posso evitar pensar em como Deus usa o sofrimento como jatos de areia em você e em mim. Não há nada como as dificuldades para retirar o verniz sob o qual você e eu tão cuidadosamente nos ocultamos. As desilusões e a dor física alcançam abaixo das camadas superficiais de nossa vida, arrancando anos de indiferença e negligência acumuladas.

Quando as dores e os problemas pressionam-nos contra um Deus santo, o sofrimento não age de outra forma senão arrancando os anos de sujeira acumulada. A aflição tem um jeito próprio de martelar nosso caráter, sacudindo-nos e afrouxando nossa ânsia em tudo a que nos agarramos.

Mas a beleza de ser despojado até o básico, reduzido até alcançarmos o lugar onde sentimo-nos vazios e desamparados, é que Deus pode preencher-nos consigo. Quando o orgulho e a mesquinharia já foram removidos, Deus pode nos preencher com “Cristo, a esperança da glória”.

O sofrimento não ensina sobre você a partir de um livro, ensina a partir da experiência. Ele o esvazia para que, com fé, você possa ser preenchido por Deus através de seu Espírito.

Qual é o benefício? O processo de clareamento divino pode revelar algo realmente belo, não somente no exterior, mas no interior também. E as pessoas podem se encontrar vendo algo em você — alguma graça ou qualidade de vida — que não conheciam ou que não percebiam há muito tempo.

Foi o escritor Nathaniel Hawthorne que disse: “A fé cristã é uma grande catedral com janelas que dão para o divino. Se você estiver fora dela, não verá a glória” (ou talvez, como eu, você só veja uma catedral escura e suja). “Mas se estiver

dentro dela, cada raio de luz revela uma harmonia de indizíveis esplendores.” [35]

Deixe que a aflição faça seu trabalho. O resultado?

Nada menos que o indizível esplendor de Cristo em você, a esperança da glória.

Benefício número 4: o sofrimento pode nos tornar mais sedentos por Cristo

Posso lembrar-me de uma exaustiva trilha de mochila onde atravessei o do sertão de Rawah no norte do Colorado. Ainda que essa viagem tenha sido há tanto tempo, antes do acidente que encerrou minha carreira de trilheira, posso recordar-me da aventura como se fosse ontem. Ah! Havia aquela sensação de queimação, de dor em minhas pernas à medida que escalávamos as montanhas, o sentimento do quente sol no meu rosto. Acima de tudo, lembro-me de abastecer meu cantil no rio ***Cache la Poudre*** depois de uma longa e cansativa manhã durante a trilha.

Não é que eu precisasse encher meu cantil naquele momento. Na verdade, ele estava quase cheio. Mas, depois de horas no sol quente, a água estava morna e tinha um gosto meio salobro. Por que beber isso se diante dos meus pés fluía um rio montanhês com água cristalina e gelada? De jeito nenhum eu iria beber a água tépida do meu cantil! Quando você se depara com o melhor, por que vai saciar a sede bebendo do pior?

Pensei naquela manhã à beira do rio ***Cache la Poudre*** quando li recentemente um versículo especial no livro de Jeremias. Deus diz ao profeta: “O meu povo cometeu dois crimes: eles me abandonaram, a mim, a fonte de água viva; e cavaram as suas próprias cisternas, cisternas rachadas que não retêm água.” [36]

Agora aquele meu pequeno cantil, por mais metálico e morno que estivesse, podia certamente reter a água, mas acho que você entendeu o que quero dizer. Então, muitos de

nós somos acomodados com a segunda opção; esta, realmente, não poderá nos satisfazer.

Mas aqui vai a parte chata: Deus chama isso de pecado.

É uma ofensa para ele quando, nós cristãos sabemos muito bem que Jesus é a água viva, satisfatória, fresca e cristalina, mas ainda assim voltamo-nos às atrações desse mundo, dizendo a nós mesmos que cada prazer substituto pode e irá nos refrescar e satisfazer.

Onde estamos quando pensamos assim? Quando escolhemos as opções terrenas em vez do Senhor é como, em outras palavras, se lambêssemos o interior de um cantil vazando, com água quente, e disséssemos “oh, sim, mais, mais! Isso tem um gosto tão bom. É tão refrescante!” Realmente, não estamos convencendo nem a nós mesmos. Ainda assim tentamos acreditar nessa possibilidade.

Jesus é a fonte da Água da Vida. Quando bebemos dele, fluem de nós rios de água viva. E as ofensas contra Deus aparecem quando sabemos ser Jesus o único que satisfaz e ainda assim remexemos a terra atrás de cisternas que sabemos que não conseguem reter nem meia xícara de água morna.

Nesse momento vêm as ofensas contra Deus, quando nós, efetivamente, dizemos a ele que Jesus não satisfaz. Que ele não é suficiente. Não refresca quando estamos exaustos. Que precisamos de algo a mais. Alguma coisa melhor.

Este é o ponto, creio eu, no qual Deus algumas vezes permite que sua disciplina entre em nossa vida. Algumas vezes ficamos tão apaixonados por nossa escassa e salobra água de cantil que não podemos ver o fluxo de água cristalina a nossos pés. Esquecemos tudo a respeito da água que pode verdadeiramente saciar nossa sede. Porém, quando as provações ou sofrimentos avassalam nossa vida, nos damos conta de que todos os nossos substitutos para Deus falham miseravelmente em nos ajudar.

Sedentos, secos e exaustos além da conta, nós finalmente deixamos de lado nossos cantis furados e caímos de joelhos

diante de um fluxo constante que nunca falha. Voltamos à fonte. E, quando o fazemos, algumas vezes nos damos conta de que, se Deus não tivesse permitido o sofrimento em nossa vida, poderíamos ter vagado por anos, subsistindo de água salobra e racionada do cantil, em vez de enfiar a cabeça na própria essência de refrescância e vida.

Se permitirmos, o sofrimento irá nos levar à margem do riacho, onde poderemos sempre nos saciar bebendo da longa e refrescante graça do Senhor Jesus.

Benefício número 5: o sofrimento pode aumentar nossa capacidade de dar frutos

Enquanto olho pela janela, percebo o desabrochar precoce de alguns botões nas árvores frutíferas. É uma visão que nunca deixa de emocionar meu coração, trazendo-me de volta a tocantes lembranças da infância.

É nessa época do ano que minha família costumava empacotar as malas e seguir para o lado oeste do Estado de Maryland, próximo à cidadezinha de Hancock, onde meu tio Don e minha tia Emma moravam. Meus tios possuíam uma pequena fazenda de macieiras e a casa deles se localizava em uma colina por sobre o pomar, que se espalhava como uma saia. No começo da primavera, havia filas de árvores carregadas, de botões brancos aromáticos. Você poderia sentar-se na varanda dos fundos, sentir o perfume e escutar o zum-zum das abelhas.

Era um pomar realmente lindo e espero que ainda esteja lá. Mas, mesmo se tiver sido posto abaixo para a construção de um shopping center, vai continuar para sempre brilhando em minha memória. E também guarda um segredo profundo sobre Deus.

Veja bem, o começo da primavera é a época correta de se fazer os enxertos. Tio Don selecionava as árvores, localizava o ponto certo no tronco, descascava e fazia um corte diagonal até o coração da madeira. Então, pegava de um

galho fino, fazia a ponta em sua extremidade e enfiava o enxerto até o centro úmido da árvore, cobrindo a junção para mantê-la fresca e úmida. Mais tarde, na primavera, nova vida surgiria: brotos virariam pequenos botões e se tornariam lindas frutas.

Porém, isso jamais aconteceria se não houvesse as feridas, tanto na árvore quanto no galho.

Se você pudesse entrevistar a árvore à época da cirurgia, suspeito que não estaria assim tão animada com a perspectiva de ser cortada até o coração e aceitar esse enxerto alheio na sua própria carne. Mais tarde, porém, no verão, quando as frutas melhores e mais abundantes pendessem de seu novo membro... bem, nesse momento acho que a árvore estaria disposta a rever sua opinião.

John Bunyan uma vez escreveu:

> A conversão não é aquele processo suave e indolor que alguns homens parecem achar que é. É trabalho de ferir, é claro. É um partir de corações, mas sem feridas não há salvação... Onde há enxerto há corte, e a cisão deve ser feita com uma ferida. Não basta amarrar o galho com uma corda ou deixá-lo do lado de fora. Um coração deve se encontrar com o outro, senão não haverá seiva suficiente para enraizar o galho, e isso, eu digo, precisa ser obtido por meio de uma ferida profunda.[37]

Eu jamais sonharia, passeando por aqueles pomares quando criança, que meu processo de conversão seria tão duro quando tem sido. Eu precisei aprender, através de meu pescoço partido, que não haveria graça salvadora e nenhuma obra de salvação se não houvesse o ferimento. Sim, a ferida de Cristo pregado em sua cruz, e também a ferida que surge quando você e eu sofremos e, como resultado, somos colocados, inseridos, penetrados no corpo

de Cristo por meio da aflição e das dificuldades. “É necessário que passemos por muitas tribulações para entrarmos no Reino de Deus”, diz a Bíblia (em Atos 14:22).

Minha vida cristã começou como uma obra de ferida, permanecendo assim durante essa atual crise de dor crônica. Meu coração foi inserido no de Deus como um galho é enxertado no coração vivo da macieira. Gostando eu ou não, tem sido coração com coração, contendo muitas dúvidas, medos, desilusões e lágrimas. Definitivamente, não tem sido um processo suave e indolor (até hoje), e assim deve continuar.

Jesus fala sobre enxertos em João 15:5. É nessa passagem que ele diz a seus discípulos — incluindo você e eu —: “Eu sou a videira; vocês são os ramos. Se alguém permanecer em mim e eu nele, esse dará muito fruto; pois sem mim vocês não podem fazer coisa alguma.”

Meu amigo, minha amiga, você pode estar passando por um momento de ferida agora mesmo e, se estiver, tenha coragem, porque seu coração está sendo inserido no coração de Deus e não há obra de salvação sem dor. Sua vida produzirá muito mais frutos a partir disso — frutos que você provavelmente não verá ou conhecerá.

Aqueles a quem Deus ama, ele enxerta.

Basta lembrar-se do que aprendi nesses longos anos: longe dele, você nada pode fazer. Mas nele, com sua seiva vital fluindo através de seus ramos e folhas, você tem força para fazer tudo. Assim ele o disse.

Nós realmente acreditamos nisso?

Talvez tudo se resuma a isso.

Nós realmente acreditamos no que dizemos acreditar?

Será que acreditamos nessa vida como uma breve passagem antes da vida real, que começará do outro lado, no céu? Estamos realmente contando com o fato de ainda que esses corpos físicos, os quais dispomos neste momento

possam ser modificados, incapacitados ou gravemente limitados, nossa verdadeira vida — oculta com o próprio Cristo — continuará a crescer, a florescer e dar frutos pelo resto de nossos anos e para todo o sempre?

Em 2Coríntios 4:16, Paulo nos diz: “Por isso não desanimamos. Embora exteriormente estejamos a desgastar-nos, interiormente estamos sendo renovados dia após dia.”

Para mim, esse versículo é tão reconfortante. Sabemos bem o que é sentir o desgaste porque o vemos acontecer todos os dias quando nos olhamos no espelho. Tenho uma amiga para quem esse versículo não vem somente como um grande conforto, mas resume a própria vida.

Melinda está lutando com um grave — extremamente grave — caso de diabetes. No processo, ela perdeu ambas as pernas pela amputação. Perdeu a visão. E perdeu muitos de seus dedos. Não faz muito tempo, me ligou para dizer que os médicos estavam para remover outro de seus dedos. Meu coração ficou com ela, como sempre fica. Mas meu coração também é inspirado por sua batalha.

E eis o porquê.

Melinda não perdeu seu coração.

A diabete pode ter levado muita coisa dela, mas não pode levar seu coração embora. Os médicos não podem amputá-lo. Esta mulher está literalmente se desgastando, semana após semana, dia após dia. Mas não perdeu seu coração, nem desanimou porque deposita sua confiança em Cristo. Melinda sabe: ninguém ou nenhuma doença, pode levar embora a verdadeira Melinda, porque Jesus está de fato renovando-a, dia após dia.

De certa maneira, estou convencida de que ela está ficando cada vez mais forte. Por quê? Como? Precisamente porque ela está ficando mais fraca! Quanto mais habilidade física Melinda perder, mais ela se firmará em Cristo. E, quanto mais forte ela se pender em Cristo, mas forte ela ficará.

De novo, será que acreditamos nisso? Acreditamos ser o que Jesus disse a Paulo literalmente a verdade, seu poder torna-se perfeito na fraqueza? Eu acredito. E acredito nisso por conta de Melinda. Ainda que não possa explicar sei: de algum modo, o poder de Jesus, o Criador e Redentor do mundo, torna-se perfeito na vida dessa mulher.

Seu enxerto em Jesus, por meio de suas muitas feridas, é mais profundo do que posso descrever.

Você e eu talvez não possamos enxergar com nossos olhos, mas está sendo visto pelos anfitriões do céu e do inferno e, talvez, pelos santos que se foram antes dela para preencher as arquibancadas celestiais e torcer por ela na corrida de sua vida. Quem sabe o que significarão os resultados eternos de seu coração e fé? Ousamos mesmo especular?

Você pode não ter uma doença incapacitante, como a da minha querida Melinda, mas sabe — todos nós sabemos — o que significa desgastar-se dia após dia. Talvez você esteja nos seus cinquenta e tantos anos agora e as mudanças estão se infiltrando; suas limitações — as dores — estão pegando-o de surpresa. Bem, esses são pequenos alertas, até onde sei. Pequenos relógios despertadores, pequenas bandeiras amarelas, pequenos sinais nos lembrando, enquanto estamos desgastando o exterior a cada dia, de que podemos recorrer a Deus em nossas fraquezas, para que sejamos renovados e fortalecidos.

E o que diz o resto do versículo favorito de Melinda?

> Pois os nossos sofrimentos leves e momentâneos estão produzindo para nós uma glória eterna que pesa mais do que todos eles. Assim, fixamos os olhos, não naquilo que se vê, mas no que não se vê, pois o que se vê é transitório, mas o que não se vê é eterno.
>
> (2Coríntios 4:17-18)

Os pés, mãos e dedos, por mais maravilhosos que sejam, não passam de apêndices temporários que nos ajudam nesse mundo. Mas a alma é eterna. Só isso já vale os “sofrimentos leves e momentâneos”.

Basta perguntar à Melinda.

Cinco

Como posso seguir adiante desse jeito?

Dizemos, então, a qualquer um que esteja sob provações, que dê a ele tempo para galgar a alma em sua verdade eterna. Vá para o céu aberto, olhe para as profundidades do céu, ou para a imensidão do mar, ou para a força das montanhas, que também é a dele ou, se o corpo estiver preso, avance espiritualmente; o espírito não está preso. Dê a ele tempo e, tão certo quanto a alvorada vem depois da noite, cairá sobre seu coração um sentimento de segurança que não pode ser abalado.
AMY CARMICHAEL

Na escuridão, na noite, depois das duas da madrugada, quando já passaram os efeitos dos analgésicos e quando o sono já me abandonou, encarei a dura realidade da vida como ela é, e me questionei: Como posso prosseguir desse jeito?

Como suportar outra noite sem sono?

Como passar por outra rotina matinal de tentar me organizar para os afazeres no dia, com esse corpo que não

coopera, crivado de dor?

Como posso manter meus compromissos, liderar dando o exemplo, cuidar de minhas responsabilidades na *Joni and Friends*, e manter-me feliz quando essa onda de dor continua massacrando-me cada vez mais?

Essas perguntas virão, com certeza.

Como Davi, em alguns momentos suspiro: “Por quanto tempo mais devo pelejar com meus pensamentos e a cada dia entristecer meu coração? Por quanto tempo mais o inimigo vai triunfar sobre mim?” [38]

Tudo bem fazer as perguntas, e, certamente, Deus não se sente repreendido ou ofendido por nossas perguntas feitas na agonia do meio da noite. Mas também há uma hora para deixar essas questões de lado e pensar nas respostas — boas e satisfatórias respostas — as quais ele já nos deu ao longo dos anos.

Resposta número 1: podemos seguir adiante... porque Deus move-se comigo no decorrer do tempo

Em uma tarde quente e abafada de verão, há cinco anos, Ken e eu observamos o 38º aniversário de uma tarde bem parecida com aquela, em 1967, quando quebrei meu pescoço. De fato, convidamos um casal de amigos para vir à nossa casa para celebrar com um dos bolos de caranguejo famosos da minha mãe.

“Celebrar”, você disse?

O dicionário define a palavra como “observar um dia ou comemorar um evento com cerimônias ou festividades”. Honestamente, não posso pensar em uma palavra melhor, em vista de tantas coisas boas que aconteceram como resultado da minha cadeira de rodas. Esse aniversário, em particular, marcou a passagem de exatamente 38 anos desde aquele dia fatídico do meu acidente, e nós o comemoramos com... caranguejos.

E por que não?

Todos sabemos que eu estaria morta se não fosse por aquele caranguejo da Baía de *Chesapeake* que mordeu minha irmã na água. Quando aquele pequenino crustáceo pinçou seu dedão, ela virou-se e gritou para mim “Joni, cuidado com os caranguejos!” Kathy não fazia ideia, mas eu havia acabado de saltar da balsa. Ela não sabia que eu tinha batido a cabeça em um banco de areia, partido meu pescoço e que estava flutuando de cabeça para baixo, segurando o fôlego e torcendo desesperadamente para que ela notasse minha ausência e viesse em meu socorro!

Felizmente, Deus chamou sua atenção com um caranguejo, e quando Kathy não conseguiu ver-me, ficou alarmada. Foi então que notou meu cabelo louro flutuando na superfície da água. “Joni!”, ela gritou. “Joni, você está bem?!” Mal sabia ela que eu estava a segundos de morrer afogada.

Ela nadou até mim naquele exato momento. Enquanto puxava-me para fora d’água, eu golfava e me desesperava por oxigênio. Assim que vi meu braço pendente sobre os ombros dela — e nesse momento já não o sentia —, fiquei enojada. Sabia que algo terrível tinha acontecido.

Daquele momento em diante, a vida não seria a mesma.

E isso foi há muito tempo.

Mais tarde, depois do jantar, aproveitamos para encerrar o jantar de aniversário com uma rápida leitura de João 5.

> Algum tempo depois, Jesus subiu a Jerusalém para uma festa dos judeus. Há em Jerusalém, perto da porta das Ovelhas, um tanque que, em aramaico, é chamado Betesda, tendo cinco entradas em volta. Ali costumava ficar grande número de pessoas doentes e inválidas: cegos, mancos e paralíticos. Eles esperavam um movimento nas águas. De vez em quando descia um anjo do Senhor e agitava as águas. O primeiro que entrasse no tanque, depois de

> agitada as águas, era curado de qualquer doença que tivesse. Um dos que estavam ali era paralítico fazia 38 anos. Quando o viu deitado e soube que ele vivia naquele estado durante tanto tempo, Jesus lhe perguntou: “Você quer ser curado?”
>
> (João 5:2-6)

Nesse ponto, paramos. “Olhem só”, eu disse, sorrindo. “Aqui estamos, no meu 38º aniversário da tetraplegia, e aqui diz que Jesus considerava 38 anos de paralisia um longo tempo”.

Que presente de aniversário! O Senhor do universo que vive além dos confins do tempo, o Alfa e o Ômega, o Começo e o Fim, que existiu antes do começo do tempo: esse Jesus sente que viver sem poder usar as pernas por 38 anos é um longo tempo.

“Estou feliz por isso”, disse, sacudindo a cabeça, “porque eu tenho certeza de que é um longo tempo”.

Houve ocasiões, admito, em que me perguntei se Deus tinha empatia por mim — quero dizer, se realmente compreendia como me sentia, como gemia em meu corpo paralisado e como doía a cada ano, causando-me mais sofrimentos.

Perguntei-me por conta de versículos como 1Pedro 5:10, que diz “o Deus de toda a graça [...] depois de terem sofrido durante pouco de tempo, os restaurará, os confirmará, lhes dará forças e os porá sobre firmes alicerces.” Gosto da parte que diz que receberemos forças, mas a passagem parece deixar implícito que 38 anos de sofrimento são considerados somente “um pouco de tempo”. Em outras palavras, a Bíblia faz parecer como se aqueles anos de angústia fossem um piscar de olhos. Será que Deus não sabe o quão interminável esse tempo pode parecer em uma cadeira de rodas? Não estará ele consciente de como noites insones sem fim,

levadas com dores lancinantes, podem ser? Que tipo de relógio de pulso ele está usando?

De fato, ele sabe. E, quanto a mim, a doce passagem no Evangelho de João liquida as dúvidas. Quando Jesus viu o homem paralisado deitado sobre a palha à beira do Tanque de Betesda, dá até para imaginar seus olhos enchendo-se de lágrimas. Ele viu mais que um homem solitário e deficiente esperando — sem qualquer esperança verdadeira — pelas águas que se diziam que eram curadoras. Podemos visualizar Jesus ajoelhando-se para tocá-lo gentilmente. O coração de Jesus foi um alento para essa pobre alma, cujas pernas estavam desgastadas e inúteis. Não é nenhum equívoco que o Santo Livro diga que Deus achava que 38 anos de paralisia era um longo tempo.

Como poderia ser isso? Primeiramente, as Escrituras nos lembram que “Ele sabe do que somos formados; lembra-se de que somos pó” (Salmos 103:14). Mas, além da declaração de conhecimento íntimo em respeito à frágil e terrena tenda que abriga nossa alma eterna, Deus foi infinitamente mais longe para identificar-se com nossas fragilidades. Como resultado, ele, que estava além do tempo, decidiu, antes do tempo ser estipulado, entrar nesse intervalo, passando pela experiência das horas, dias e anos daqueles seres criados por ele. Ele não tinha obrigação de fazê-lo, mas o fez. E acredito que seu Espírito Santo “experimente” a vida conosco momento a momento, dia a dia. Ele está contente quando o obedecemos (mesmo já sabendo ele que nós iríamos obedecer), e está triste quando desobedecemos (mesmo já sabendo ele desde a fundação da Terra). Sem dúvidas Ele está conosco, compartilhando nossas alegrias e tristezas, contando nossas lágrimas e sussurrando lembretes de sua presença.

“Será que você se esqueceu”, alguns poderiam retrucar, “de quem você está falando aqui? Jesus, o Senhor do tempo, quem espargiu as galáxias pelos céus e fez as próprias

fundações da Terra. O que seriam 38 anos para ele? Menos que um piscar de olhos!”

Sim, em relação à eternidade de Cristo, qualquer quantidade de tempo terreno é menos que um único “tic” do relógio. De fato, toda a história da Terra é como o dia de ontem que passou, como as horas da noite (Salmos 90).

Na humanidade de nosso Senhor, no entanto, 38 anos são mais do que todo seu tempo de vida. Ele conhece o tempo de uma forma pessoal, por experiência própria. Como disse o escritor de Hebreus: “Não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas.” [39]

O Deus que criou o tempo compreende o tempo em todas as suas dimensões.

Mesmo antes que Jesus caminhasse pela Terra, quando o profeta Jeremias foi colocado em uma masmorra solitária sob a casa de Jônatas, o secretário, foi informado que ele permaneceu lá “por um longo tempo” (Jeremias 37:16). Quão longo? Uma semana? Um mês? Seis meses? Um ano? A Bíblia não diz. Mas para o combalido profeta, o tempo naquele lugar odioso deve ter parecido interminável. Quando o rei Zedequias finalmente o retirou de lá para fazer uma consulta, o profeta implorou: “Não me mandes de volta à casa de Jônatas, o secretário, para que eu não morra ali.” [40]

Em João 14:9, logo antes dele partir para a Cruz, Jesus disse a Filipe: “Você não me conhece, Filipe, mesmo depois de eu ter estado com vocês durante tanto tempo? Quem me vê, vê o Pai. Como você pode dizer: ‘Mostra-nos o Pai’?”

Por quanto tempo? Talvez por três anos, três e meio. Será que esse é um intervalo comprido? Jesus achava que sim. Era realmente um período longo e suficiente, para que Filipe e os outros discípulos chegassem a compreender esse fato básico sobre a identidade de seu Senhor. De fato, a expressão que Jesus empregou para dizer “tanto tempo” poderia ser traduzida por “um tempo tão longo quanto esse”.

Quando ele e seus discípulos caminharam 150 quilômetros de Cafarnaum até Jerusalém, foi uma longa caminhada, e levou um grande tempo. E quando ele esteve na cruz por seis horas, foram seis horas muito, muito longas. Apenas seis minutos seriam tempo demais em uma situação ruim como aquela.

Um punhado de anos se passou desde aquele aniversário em que jantamos bolo de caranguejo. Eu agora já tenho mais de quarenta anos sentada em minha cadeira de rodas, e meus ossos estão mais frágeis e finos que nunca. Na Bíblia, o número quarenta geralmente significa um longo período de provação. Como os quarenta dias em que choveu sobre a Arca de Noé, ou Jesus sendo testado por quarenta dias, ou os israelitas vagando pelo deserto por quarenta anos.

O que Deus acha de quatro décadas de paralisia? Eu tive minha resposta não faz muito tempo, ao ler Josué 24:7, quando o Senhor reconta para seus filhos todas as provações que eles atravessaram depois de terem deixado o Egito. Ele gentilmente os recorda de que “viveram no deserto longo tempo”.

Pode continuar a somar os anos, que o amor-bondade de Deus só faz crescer na igual medida. Talvez seja por isso que Isaías 43:18-19 diga: “Esqueçam o que se foi; não vivam no passado. Vejam, estou fazendo algo novo!”

Não sei se conseguirei ver a cura miraculosa do lado de cá da minha sepultura. Mas sei que, geralmente depois de quarenta anos de provações, após o julgamento dos quarenta anos, há sempre os momentos de vitória, força e júbilo. Passou-se uma eternidade desde que um caranguejo de Maryland e um pescoço partido começaram a executar o plano de Deus para mim e também para o ministério que lidero, cujo objetivo é alcançar outras pessoas com deficiências com o amor-bondade de Deus. Tudo o que sei é: a cada ano, mais pessoas chegam com deficiências à comunidade dos que compartilham dos sofrimentos de Cristo. Mais pessoas querem viver na glória de Cristo.

Pessoas cujo milagre é um sorriso enviado dos céus, não a respeito da paralisia, mas por conta dela.

Não posso nem começar a descrever a você o quão foram importantes essas reafirmações bíblicas a respeito do tempo nas minhas batalhas recentes com a dor. Se eu pensasse que tenho um Deus que deixou de lado o negócio de eternidade uma vez ou outra só para verificar como está a minha situação a cada par de anos, eu não sei como teria sobrevivido.

Quando você se encontrar em agonia crônica, a vida se reduzirá a dias, e não a horas em algumas vezes a minutos ou segundos. Quando estou sentindo desconforto físico à noite, incapaz de dormir, mover-me, e sem disposição para acordar Ken (mais uma vez) para virar-me, preciso saber que sua preocupação comigo é literalmente sopro a sopro, batida a batida do coração, momento a momento.

Secundando Davi, reconheço a atenção precisa de Deus em minhas necessidades físicas e emocionais.

> Estou encurvado e muitíssimo abatido; o dia todo saio vagueando e pranteando.
> Estou ardendo em febre; todo o meu corpo está doente.
> Sinto-me muito fraco e totalmente esmagado; meu coração geme de angústia.
> Senhor, diante de ti estão todos os meus anseios; o meu suspiro não te é oculto.
>
> (Salmos 38:6,9)

E, também com Davi, celebro a presença constante e atenta do Senhor:

> Como são preciosos para mim os teus pensamentos, ó Deus! Como é grande a soma deles!

> Se eu os contasse seriam mais do que os grãos de areia. Se terminasse de contá-los, eu ainda estaria contigo.
>
> (Salmos 139:17-18)

Tenho uma imagem em palavras para você. Visualize toda a areia de cada duna, cada deserto e de cada praia do mundo inteiro vertendo em uma torrente dourada — e, continuamente, acumulando-se em uma torre cada vez mais alta — até chegar às nuvens! Esses são os pensamentos de Deus para cada um de seus filhos — mais numerosos que os grãos de areia.

O fluxo de cuidado sábio, amoroso, compadecido, atento, e infinito corre noite e dia, pelo tempo que você viver, e para além, para todo o sempre. Deus tem infinitamente mais pensamentos sobre você do que os segundos correndo ao longo de seu dia.

Esse é um pensamento que me faz sempre seguir adiante. É uma verdade que me permite prosseguir quando parece além das minhas forças fazê-lo. E eis outro:

Resposta número 2: Posso seguir adiante... porque sei que Deus pode usar instrumentos partidos para fazer músicas incomparáveis.

Jack Reimer, um colunista de jornal, escreveu uma história a respeito do grande violinista Yitzhak Perlman, o qual sofreu de poliomielite quando criança, e só caminha com muletas e amparos em cada perna. Em vez de estar sentado quando as cortinas se sobem para começar sua apresentação, ele prefere cruzar o palco, lenta e metodicamente, até chegar à sua cadeira. Então senta-se, coloca as muletas no chão, desatarracha os suportes das pernas, curva-se, pega o violino, acena ao maestro e começa a tocar. Como descreve Reimer, há certa majestade nesse ritual.

Durante um concerto, em 1995, uma corda do violino de Perlman partiu-se de repente, e todos na plateia puderam ouvi-la. O grande virtuoso parou e encarou a corda partida enquanto as pessoas na plateia se perguntavam o que ele iria fazer. Perlman fechou seus olhos e, após um momento de reflexão, fez sinal ao maestro para que recomeçasse.

Qualquer pessoa que conheça música saiba que é impossível tocar uma obra sinfônica com apenas três cordas. Porém, Perlman ficou imutável. Era como se você pudesse ver o soberbo artista recompondo a música em sua cabeça à medida que prosseguia, inventando novas posições para os dedos para obter sons nunca antes alcançados em seu violino de três cordas.

A sofisticada plateia nova-iorquina assistiu a tudo hipnotizada, em silêncio, sabendo que testemunhara uma apresentação verdadeiramente radical. Quando a música chegou ao fim, explodiram em aplausos entusiasmados. Yitzhak Perlman sorriu, secou o suor da fronte, e disse com uma voz suave e reverente: “Vocês sabem, de vez em quando é papel do artista descobrir quanta música você pode extrair do que ainda lhe resta.”

Essa é outra verdade que me permite seguir adiante. Quaisquer que sejam as cordas partidas em nossa vida — se nos concentrarmos, se aplicarmos o que sabemos — ainda podemos tocar lindas músicas com o que nos resta. De fato, será uma música que ninguém mais poderia tocar da mesma forma.

Essa é uma lição que aprendi sobre uma cadeira de rodas por muitos anos — e tenho de reaprender nesses dias (e noites) de dor irremediável. Tem dias que você tem de pegar o que resta e extrair da vida alguma coisa nova e diferente. A vida torna-se uma recomposição, uma série de novos acordes.

Se você aceitar essa analogia, as pessoas com sérias deficiências não são o tipo comum de violino, e Deus não se apresenta em nossa vida de uma maneira comum.

As pessoas que sofrem com feridas debilitantes, doenças terminais ou perturbações físicas crônicas não são os instrumentos comuns de orquestra. Não podemos fazer da mesma maneira o que as pessoas que têm todas as funções corporais podem, com sua força física, mobilidade e vitalidade. É necessária uma habilidade especial para tirar música de um instrumento quebrado, e quem o faz merece reconhecimento e glória.

Deus é quem faz isso.

Deus é quem encontra beleza incomparável e executa músicas sem comparação usando os mais inesperados e improváveis instrumentos. Ele é aquele que disse a Paulo, que lutava e agonizava com uma enfermidade complicada: “Minha graça é suficiente para você, pois o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza.” [41]

Da mesma maneira, sua melodia — incomparável e celestial música — de alguma forma torna-se a nossa, quando emana de um vaso humano partido, exaurido, mas ainda completamente capaz de trazer reconhecimento ao seu criador.

É música que só pode vir de instrumentos específicos, partidos de certas maneiras e tocados com humildade particular. Também acredito: isso traz glória a Deus de uma forma completamente única tanto na Terra quanto no céu. E esse é um pensamento que também me faz seguir adiante.

A música tocada na escuridão pode ter mais poder espiritual do que a música tocada na segurança de um agradável concerto ao ar livre ou de uma sala de espetáculos bem iluminada.

Há alguns anos, lembro-me de estar sentada no palco de uma grande conferência de pastores nas Filipinas. Estava tão animada de estar em um lugar tão exótico, especialmente durante a estação das monções. E, de fato, do lado de fora, caía uma forte chuva de monção. Porém, a plateia, lá dentro no salão, era entretida por uma bandinha de músicos

filipinos. Sua música era animada envolvente, e a plateia estava encantada com sua apresentação.

Subitamente, o alto rugido de um trovão sacolejou o salão, e, no instante seguinte, todo o edifício foi jogado na escuridão. A poderosa tempestade havia feito com que as luzes se apagassem. Mas ninguém se importou em explicar isso à banda de músicos cegos! Imperturbáveis na escuridão profunda do salão, os músicos tocavam sem perder o compasso.

Quando suas músicas chegaram ao fim, a plateia bateu palmas calorosamente. A escuridão nos deu um reconhecimento único e fantástico pelo extraordinário talento que Deus deu a esses músicos cegos. Mas o que realmente aumentou a potência do louvor naquela noite foi o fato de que esses artistas tocaram durante toda a escuridão.

A mesma situação é verdade quando vivemos para Deus. Certamente, nossa vida ressoa com grande louvor quando ele ilumina nosso caminho e o seguimos. Afinal, um discípulo deve seguir seu mestre. Mas quando não há luz no caminho e você o segue pela escuridão, o volume e a intensidade do louvor a Deus sobem alguns decibéis.

Um salmista desconhecido de nome Etã, o Ezraíta, em um tempo de aparente escuridão nacional, escreveu essas palavras: “Como é feliz o povo que aprendeu a aclamar-te, Senhor, e que anda na luz da tua presença! [...] pois tu és a nossa glória e a nossa força, e pelo teu favor exaltas a nossa força.” [42]

Em outras palavras, quando não há luz com a qual possamos ler a música, aqueles que conhecem Deus de cor, continuam tocando confiantes.

E a música transforma a própria escuridão, criando dentro dela uma habitação de louvor.

Resposta número 3: posso seguir adiante... porque Jesus é minha consolação.

Estava me sentindo bem triste na tarde do último domingo porque tive de ficar na cama e perdi o culto na igreja. A dor faz isso comigo de vez em quando, mas dessa vez ela me fez sentir por baixo. Muito baixo.

Estava deitada em minha cama com o laptop ao meu lado. Sabendo que podia controlar o computador com comandos de voz, abri meu programa da Bíblia para procurar algumas passagens.

Inesperadamente apareceu uma dessas janelas pop-up — uma leitura de um dos devocionais de Charles Spurgeon. Eu geralmente fecho essas janelas de devoções com um clique e passo para meu estudo bíblico. Mas esse devocional era sobre a obra consoladora do Espírito Santo. Carente de encorajamento como estava, senti que o Espírito sussurrava: "Vá em frente, leia sobre mim!" Então fiz isso... e estou tão feliz por ter feito essa escolha. Era sobre o trabalho do Espírito de Deus, descrito como só Spurgeon consegue fazer.

Ele diz: "Jesus nos coloca para cima."

Essas palavrinhas atraíram meu olhar. Ele nos coloca para cima não com sua presença física, mas através do Espírito Santo. Sim, o papel do Espírito é evitar e convencer-nos do pecado, iluminar e instruir nossos corações. Mas sua principal obra é tornar alegres os corações cansados, para erguer e consolar os fracos, encorajar e fortalecer os caídos, e assim nos reconfortar. E ele faz tudo isso através de Cristo.

Sim, o Espírito Santo consola, porém Jesus é o consolo. O Espírito Santo pode operar como um médico, mas Cristo é o remédio. O Espírito cura, porém o faz aplicando o bálsamo de Gileade: o Senhor Jesus. Um pode ser o Confortador, mas o outro é o verdadeiro conforto. O Espírito concentra-se não em seus próprios assuntos, mas nos assuntos de Cristo. Spurgeon me fez recordar que, com essa rica provisão, como eu posso sentir-me triste ou desamparada? O Espírito Santo está graciosamente engajado em ser meu Confortador. Ele me acompanha para mostrar-me Cristo, pois, nos momentos de felicidade e quando a vida se apresenta sem maiores

percalços, talvez eu não perceba sua presença. Com certeza, o Espírito Santo leva sua sagrada confiança bem a sério. É o maior júbilo e prazer do Espírito — é seu mandamento específico — honrar a Cristo ajudando a você e a mim. Será que o Espírito Santo ignoraria o mandamento do Pai para nos encorajar? Acho que não! É a tarefa do Espírito fortalecer o homem; O Espírito nunca negligencia trabalho. Ele vive dentro de seu coração para fazer seu coração satisfeito e lembrá-lo de promessas certas e seguras.

As belíssimas promessas que fizeram meu coração mais forte naquela tarde de domingo eram as de Isaías 61:1, onde Jesus diz “Enviou-me para cuidar dos que estão com o coração quebrantado, anunciar liberdade aos cativos e libertação das trevas aos prisioneiros.”[43]

Quando a tarde se dissipava em noite, eu era, digamos, uma outra pessoa. Continuava acamada e continuava com dor, mas estava em paz.

A pergunta que usei para intitular esse capítulo, “Como posso seguir adiante desse jeito”, recai diretamente na missão do Espírito Santo em nossa vida, e ele a leva muito seriamente. Ele já está fazendo o serviço. Está engajado. E, se você escutar, ele falará as palavras reconfortantes de Jesus nos lugares profundos de sua alma.

Resposta número 4: posso seguir adiante... porque o agora conta para sempre.

Lembro-me quando esse pensamento atingiu-me com a maior das forças. Foi há dez anos, quando Ken e eu fizemos uma última visita à minha mãe, quando ela ainda morava na fazenda de Maryland. Lembro-me de ter ficado quase chocada com sua aparência. Aos 87 anos, ela me pareceu pouco mais que a sombra — uma frágil e fina sombra — da mulher atlética e vigorosa da qual eu me lembrava quando estava crescendo. Eu sabia que ela estava perdendo terreno,

tanto física quanto mentalmente, mas naquela viagem com uma rapidez que realmente me abateu.

Ela ficava nervosa em nossas reuniões familiares, quando não conseguia lembrar-se da letra de canções amadas e dos hinos favoritos. Lembro-me de observá-la tentando conversar com minha tia e, quando ela não conseguia encontrar as palavras, parecia atrapalhada, quase perdida.

Ela agora está do outro lado, com Jesus e meu pai, desfrutando as maravilhas de um corpo novo e para sempre jovem, louvando a Deus com expressões infinitas e incansáveis de júbilo. Mas, naqueles dias em Maryland, sua fragilidade atingiu-me em cheio, como uma recordação do avassalador fato da minha própria mortalidade. Olhei para ela e foi como se o pensamento viesse pela primeira vez: “É para esse lugar que estou indo… para aonde todos estamos indo.”

Esse pensamento pesaroso foi o bastante para me lembrar de tudo o que está em risco na vida. Ser confrontada com o sofrimento, tanto observando em outro ou lutando contra suas próprias dores. Ser confrontada com a aflição é um lembrete de que alguma coisa imensa está em risco: um céu a ser alcançado, um inferno a ser evitado, e uma vida na Terra a ser vivida seriamente e com discernimento.

Nossas almas são um campo de batalha, no qual grandes disputas espirituais estão sendo travadas nesse exato minuto. E os riscos são enormes. Além de nossa concepção.

Aqui, na Terra, estamos sendo observados por tantos filhos e filhas de Deus (que precisam de um exemplo de como encarar o sofrimento) e por aqueles que ainda não curvaram seus joelhos para o Senhor Jesus (que precisam ver como os cristãos reagem às multifacetadas circunstâncias da vida). E além desses olhos terrenos, há outros no domínio espiritual — tanto angélico quanto demoníaco — que observam e tomam nota da nossa confiança ou desconfiança no caminho das provações e aflições. Lembra-se de Jó? E aqueles que partiram antes de nós — estarão esses assistindo também?

Alguns interpretam Hebreus 12:1 como querendo dizer que há literalmente santos sentados em camarotes celestiais, observando nossas batalhas e torcendo por nossos triunfos da fé.

Há ainda outra razão para que o aqui e agora conte para a eternidade.

O Novo Testamento conclui com a promessa de recompensas duradouras para os que permanecerem fiéis a seu chamado, mesmo em face de grande sofrimento. Jesus disse: “Não tenha medo do que você está prestes a sofrer. Saibam que o diabo lançará alguns de vocês na prisão para prová-los, e vocês sofrerão perseguição durante dez dias. Seja fiel até a morte, e eu lhe darei a coroa da vida” (Apocalipse 2:10).

Cada dia de nossas curtas vidas (e até cada hora) traz consequências eternas para o bem ou para o mal. A eternidade — e a maneira como a viveremos — é de alguma forma definida a partir de nossas reações a cada situação que vivenciamos.

E assim, é natural que Deus nos dê alguma noção dos riscos envolvidos. Sou muito grata pelo fato de a vida não ser uma estrada fácil para nós. Se fosse, se o Senhor não nos desse, ocasionalmente, um gostinho do inferno, você e eu esqueceríamos que esse mundo não é nosso lar. Sou tão grata por ele abrir nossos olhos de vez em quando para a magnitude da guerra espiritual em que estamos. Ele assim o faz, ao nos dar maravilhosas amostras da glória divina nas alegrias pelas quais passamos. E o faz de modo a permitir que provemos amostras do inferno em nosso sofrimento.

Qualquer experiência que estivermos atravessando pode lembrar-nos dos riscos envolvidos.

Isso, também, me faz seguir adiante.

Não é fácil “seguir adiante” nesse exato momento de minha vida, mas tenho de prosseguir e prosseguirei, até que ele me chame para sua casa. E, nesses dias, não importam

quantos, que ele me dá, para viver para ele desse lado do paraíso. Cada um deles vale para sempre.

Três voltas da rampa

Cinco amigas diferentes, em manhãs distintas, me conduzem de carro até o trabalho. Isso significa: quatro sinais de trânsito, uma curva fechada até a estrada principal 101, saída, outros três semáforos, e uma curva à direita para entrar na Estrada Agoura. Falta então um sinal até entrarmos na Via *Ladyface*, que serpenteia até a colina do Centro Internacional para Incapacitados; mas esse último eu não conto, porque não há espaço suficiente para frear e desacelerar até o semáforo.

Conheço cada curva e cada interseção do caminho. As conheço porque a cada parada e curva provocam uma fisgada aguda nas minhas costas. É por isso que, na rodovia, sempre peço às meninas: “Podemos, por favor, sair da faixa mais lenta? Os caminhões deixaram a pista ondulada.”

Posso não amar a viagem até o trabalho, mas amo chegar lá.

Nossa recepcionista recentemente o chamou de “um pedacinho do céu”. E é mesmo. O centro destaca-se alto e amplo, fazendo com que me lembre a missão que me traz aqui todos os dias: comunicar o Evangelho e equipar as igrejas que honram a Cristo no mundo todo, para evangelizar e instruir pessoas afetadas pela incapacidade.

Hoje mesmo de manhã, quando Sandy estava me conduzindo pela via *Ladyface*, eu disse, com um suspiro e um sorriso: “Quantas pessoas realmente fazem alguma coisa cada dia que literalmente modifica a vida para toda a eternidade?!”

“Nós fazemos”, ela disse com um sorriso que olhei através do espelho retrovisor.

Alcancei a plataforma de acesso aos deficientes nas portas do Centro, que se abrem lentamente, e para dentro eu vou:

dirigindo-me não ao elevador, mas à rampa.

Sempre pego a rampa.

No meio do *lobby*, há uma subida suave e lenta, dando a volta na capela e levando até meu escritório, no segundo andar. A capela é o primeiro lugar que quero visitar. Sim, minha secretária está me aguardando. Há pilhas de papéis na minha escrivaninha disputando minha atenção. Sim, tenho uma entrevista às 10h30, mas não consigo esvaziar minha cabeça da lembrança das fisgadas em minhas costas, até que passe um tempinho com Deus. É um momento que sempre inclui uma palavra de agradecimento por estar aqui, e uma oração para a cura de minhas dores.

Prossigo ao segundo andar, onde, em cada subida um versículo bíblico foi inscrito na parede com uma bela caligrafia em uma suave cor lavanda.

Três voltas na rampa. Três subidas. Três versículos.

O primeiro lembra-me de meu propósito: a razão pela qual saio da cama, através de uma rotina matinal ao me aprontar para o dia e suporto novas visitas da dor para chegar ao Centro. É a razão de estarmos todos aqui na *Joni and Friends*: sair, encontrar os deficientes e trazê-los para cá.

> Mas, quando der um banquete, convide os pobres, os aleijados, os mancos, e os cegos. Feliz será você, porque estes não têm como retribuir. A sua recompensa virá na ressurreição dos justos.
>
> (Lucas 14:13-14)

Seguindo a próxima curva da rampa, no segundo ponto, a segunda parede me fala das provisões de Deus para a tarefa. Ele dispôs à minha frente — e me faz lembrar constantemente de que seu favor especial está naqueles que são fracos.

> Mas ele me disse: “Minha graça é suficiente para você, pois o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza.” Portanto, eu me gloriarei ainda mais alegremente em minhas fraquezas, para que o poder de Cristo repouse em mim.
>
> (2Coríntios 12:9)

E o último versículo da última curva ratifica-me que meu Senhor logo voltará, reunindo sua família dispersa e consertando o que há muito tempo foi partido.

> [Quando ele vier] Então se abrirão os olhos dos cegos e se destaparão os ouvidos dos surdos. Então os coxos saltarão como o cervo, e a língua do mudo cantará de alegria!
>
> (Isaías 35:5-6)

Este é o versículo, bem lá no terceiro ponto da rampa, que sempre me traz lágrimas. Porque meu tempo na capela não conseguiu dissipar os golpes de lança em meu quadril e na região lombar. Estão lá ainda, enquanto escrevo essas palavras, e estão ficando cada vez piores. Hoje pode muito bem ser mais um dia quando terei de trabalhar deitada na minúscula cama que tenho em meu escritório, em vez de escrever sentada em minha cadeira de rodas.

Será que Deus escutou meu grito pedindo socorro e cura na capela hoje? Tenho certeza de que escutou. Mas, por razões que só ele sabe, a dor continua latejando.

Por quanto tempo irá se manter esse padrão? Quantos dias a mais de dor me lancinando a cada sinal de trânsito de meu trajeto até o escritório, seguindo-me por três curvas lentas e subindo a rampa até meu escritório? É claro que não sei a resposta. Mas aqueles versículos nas três paredes sucessivas, pintados muito antes dessa temporada de distúrbios físicos extremados, continuam a dizer muito para

mim, iluminando meu caminho adiante, e ajudando-me a seguir em frente dia após dia.

Primeira parede: “Dê um banquete, convite os pobres. Você será recompensado.”

Em outras palavras: Minha filha, que você continue em meu nome buscando os partidos, desencorajados e desesperados. Continue a ser minhas mãos e pés, olhos e ouvidos para aqueles que não os têm. Faça isso enquanto puder.

Segunda curva:

“Minha graça é suficiente para você, pois o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza!”

Minha filha, não me esqueci de sua carência. Não ignoro sua agonia nem desprezo sua dor, não tenho fechado meus olhos para seu grito por socorro, ou, de modo algum, suspendido você do meu cuidado. Vou continuar provendo você e mostrando meu poder através de seus momentos mais fracos, honrando suas mais leves tentativas de honrar e servir-me.

E a última curva: “[Quando ele vier] então os coxos saltarão como o cervo!”

Eu virei. Espere por mim! O socorro pelo qual você tem orado (mais socorro do que você pode conceber) *está bem próximo. Logo depois do horizonte. Consegue vê-lo? As nuvens* começam a dissipar. Venho com saúde, força e júbilo de vida, como uma fonte artesiana. Estou tornando todas as coisas novas.

Três voltas em minha rampa, três pontos de descida, três lembretes da Palavra que é para sempre nova. De que se trata toda a minha vida nesses dias de dor excruciante?

Missão, provisão e esperança. Uma tarefa que ainda precisa ser cumprida, uma promessa que ainda guarda a verdade e uma esperança que me mantém olhando para o horizonte.

Por agora, o hoje basta.

Seis

Como posso trazer-lhe glória?

Amar significa fazer tudo o que podemos, a qualquer
custo, para nós mesmos e assim ajudar as pessoas a se
aprofundarem na glória de Deus. Quando estiverem ali,
elas estarão satisfeitas e Deus estará glorificado. Portanto,
amar as pessoas e glorificar a Deus é a mesma coisa.
JOHN PIPER

Se Deus decidir curar-me dessa batalha de dois anos contra a dor contínua, darei-a ele grande glória (espere para ver!).

Mas, por conta de suas boas e inexplicáveis razões, ele escolheu permitir que a angústia — esse espinho agudo e profundo em minha carne — permaneça, de forma até que ele resolva conceder meu cartão de embarque para o céu (quero um assento na janela). Então, dedicarei minha vida em trazer glória ao seu mais precioso e santíssimo nome.

Sim, dedicarei!

Mas como fazer isso? Como qualquer um de nós faz quando nos encontramos em prolongadas e indesejadas temporadas de lamentações, distúrbios, estresse, ruína financeira, pesares nas relações ou qualquer um dos vales sombrios da vida e suas desesperanças?

E o que significa enfim “dar Glória a Deus”?

No Antigo Testamento, a principal palavra para designar “glória” parece indicar “peso”. Seu uso primário conduz à ideia de uma manifestação física externa de majestade. No Novo Testamento, o termo principal faz referência a “brilho, esplendor”.[44] Há diversas definições em livros de estudos por aí e, eu poderia dar-lhe ao menos uma delas, mas você pode consultá-las por si mesmo facilmente.

Por enquanto, deixe-me combinar os conceitos do Novo e do Antigo Testamento de “glória” para fazer uma observação simples. Quando glorificamos o nome de nosso Deus, ele nos dá a oportunidade de acrescentarmos peso ou significância, incluindo respeito e honra à sua reputação. Ele permite-nos o privilégio de declarar o brilho e o esplendor de seu nome em nosso mundo sombrio.

Oh, tanta coisa mais poderia ser dita sobre este fato. Milhares de volumes com letrinhas miúdas não chegariam perto de esgotar o assunto. Mas, por agora, vamos deixar que nossa definição simples seja o suficiente.

Acredito que meus ministérios, ao longo dos últimos quarenta anos (por meio da escrita, pintura, canto, aconselhamento e trabalho de advogar pelas pessoas incapacitadas) trouxeram peso ao poderoso nome de Jesus. E estou muito feliz por isso.

Mas vamos brincar um pouco o jogo do “e se…”. E se… por conta da dor lancinante ou por uma incapacidade mais profunda, eu me tornasse impedida de desempenhar qualquer uma dessas atividades que me dão tanta satisfação? Poderia eu, ainda assim lhe trazer glória? Seria possível, de alguma maneira, acrescentar peso a seu nome valoroso? Eu poderia levar meu salvador a sorrir e acenar

em reconhecimento sobre algo feito em seu nome ou por seu amor?

Sim, também acredito que seria possível ser assim.

E, portanto, já que acredito não haver nada mais importante em nossa vida, deixe-me sugerir algumas ideias sobre esta questão à medida que alcançamos o ponto central do livro.

“Como podemos levar a Cristo glória em um momento de provação ou de limitação?”

1. Respire em sua presença.

Há alguns anos, travei uma luta longa contra uma pneumonia dupla. Teria sido um momento difícil para qualquer um, mas para alguém com tetraplegia... Bem, foi muito parecido com um pesadelo.

Estava hospitalizada há nove dias e, francamente, houve momentos em que me perguntava se já não seria a hora de Deus levar-me para sua casa. Tente imaginar estar deitada e não poder nem erguer a cabeça para tossir, quando sentia aquele ardor e coceira em seus brônquios. Imagine não poder sentar-se na cama, nem ao menos erguer os ombros. Algumas vezes me sentia como se houvesse uma mão invisível enfiando um travesseiro invisível contra meu rosto.

Em uma dessas piores noites, meu maravilhoso marido juntou duas cadeiras no meu quarto de hospital e dormiu a meu lado na cama, para que assim eu pudesse aquietar meu coração, sabendo que alguém estaria ao meu lado a cada vez que eu precisasse ser sentada para expelir o catarro.

Um dia, durante minha estadia no hospital, meu médico fez algo muito útil. Colocou um tanque de oxigênio ao lado do meu leito, para que eu pudesse respirar um pouco mais facilmente nos momentos em

que me sentia asfixiada. Nunca fiquei tão agradecida por aquele oxigênio. Nas noites em que mal conseguia respirar, eles colocavam aquela máscara de oxigênio sobre meu rosto e eu sentia um tremendo alívio!

Até passar pela doença, eu inspirava e expirava sem nem pensar sobre isso. Para dentro, para fora. Quem é que pensa nisso? Mas, no hospital, ainda que não percebamos, nós vivemos a vida a cada momento, respirada a respirada.

Nós respiramos de um modo tão natural: é algo com o qual nem contamos. Mas aprendi ser bem mais que isso: é uma dádiva! Tenho de admitir: a questão de “assumir algumas coisas como certas e garantidas” é, muitas vezes, a maneira como me relaciono com Jesus, nossa verdadeira vida e sopro. Porque vivemos, movemo-nos e existimos nele, como está dito em Atos 17:28, é fácil demais assumir que sua graça-mantenedora-de-vida está certa e garantida. A cada dia inspiramos seu amor, sua graça e seu auxílio.

E o que expiramos? Um tolo esquecimento de seu constante amor por nós. A presença de Deus quase chega a parecer monótona, de certa forma. Tornamo-nos mortos quando a realidade nos afasta dele, não conseguimos fazer nada (João 15:5).

As pessoas que chegam a esse estado de espírito entediado, distraído e raso cessam de dar a Deus a glória que ele merece. O livro de Malaquias contém o triste, pungente relato de um momento na história de Israel quando os próprios sacerdotes do Senhor — os encarregados de proteger e promover sua glória — se distanciaram tanto do amor a Deus que simplesmente cessaram de honrá-lo. Entediados e cínicos, ofereciam animais doentes ou velhos em seu altar (os rebotalhos de seu rebanho, que não tinham valor ou preço para ninguém). E, após oferecer tais sacrifícios, diziam: “isso é mais que suficiente” ou “que fardo que é tudo isso”.

Você pode até imaginá-los bocejando ou olhando para seus relógios enquanto cumpriam o expediente no templo sagrado de Deus. Se fosse hoje em dia, estariam mandando mensagens de texto para seus amigos ou brincando com joguinhos de seus celulares.

Deus tem de chegar a lembrá-los de que ele é um “grande rei” e que seu nome “é temido entre as nações” (1:14). Mas esses, que deveriam ser os representantes do Sagrado de Israel, haviam se tornado tão indiferentes e casuais sobre a relação entre eles, que Deus buscou outros que o adorassem longe dali.

Não podemos arcar com o fato de sermos complacentes sobre a Glória de Deus. A questão é: colocar sua vida cristã no piloto automático é a mesma coisa que “caminhar na carne”. Quando tornamo-nos inconscientes, assumimos que alguma coisa tão preciosa é certa e garantida, nossas orações tornam-se tediosas, nosso testemunho torna-se árido, a função perde seu brilho, os relacionamentos afundam sob o peso do egoísmo. E o que é pior: a comunicação com o Senhor e nosso melhor amigo torna-se uma tarefa difícil. Até o próprio Senhor parece perder sua vitalidade em nossa estima; ele torna-se pouco mais que um ícone de madeira em nossos corações, um mero parâmetro para medir nosso comportamento alguém que adquiriu uma vez nossa salvação, em quem acreditamos de uma forma genérica e distraída.

Em resumo, não lhe damos mais a glória.

Como isso acontece? Acontece quando não inspiramos seu nome durante as horas em que estamos acordados. Também, quando assumimos que nosso Senhor é certo e garantido. Oh, como poderíamos achar que a salvação virá, não importa o quê?

Nada é mais mecânico do que tentar viver uma vida espiritual alienados de Deus. É por isso que o apóstolo nos diz em Romanos 6:11 “considerem-se mortos para o

pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus". "Considerar" significa fazer um inventário diário, para saber-se conscientemente "vivo". Estou vivo — estamos vivos — para Deus em Cristo Jesus.

Jesus é o sopro de vida que alcançamos a cada momento de cada dia. Inspire seu amor — não importando sua condição ou circunstâncias naquele momento — e você não poderá evitar expirar gratidão. Isto é algo que posso fazer mesmo quando estou presa à minha cama ou tentando navegar meu caminho pelos estreitos corredores da dor opressiva.

Posso não conseguir fazer muitas coisas quando estou sofrendo intensa dor, mas ainda posso inspirar sua presença e expirar o "meu obrigado". Ainda posso inspirar sua graça e perdão e expirar minha gratidão e amor. Ainda posso inspirar sua bondade e socorro momento a momento; ainda posso expirar o reconhecimento de que ele está comigo.

À medida que o faço, ainda que algumas vezes somente os anjos possam ver, estou acrescentando relevância à sua reputação e brilho a seu esplendor. E isso faz minha vida infinitamente valer a pena.

2. Não despreze a disciplina do Senhor

É algo sobre o qual reflito bastante: essa dor que estou sentindo não seria a forma de Deus disciplinar-me? É uma questão difícil, e, sim, estou convencida de que muito do sofrimento que atravessamos é uma maneira de Deus nos disciplinar. Note bem: eu não disse castigar. O castigo por toda minha má conduta já foi tratado por Jesus em sua cruz. Ele suportou a ira de Deus por meus pecados para que eu não tivesse de fazê-lo.

No entanto, Deus me ama demais para deixar-me afundar em minha má conduta sem qualquer tipo de consequência. Isso significa que, ocasionalmente,

sentirei o bastão da disciplina de Deus. Podemos não gostar da ideia e até desprezá-la. Dói quando sentimos a mão da reprovação e correção de Deus. Mas Hebreus 12:7-9 tem sábios conselhos a dar:

> Suportem as dificuldades, recebendo-as como disciplina; Deus os trata como filhos. Pois, qual o filho que não é disciplinado por seu pai? Se vocês não são disciplinados, e a disciplina é para todos os filhos, então vocês não são filhos legítimos, mas sim ilegítimos. Além disso, tínhamos pais humanos que nos disciplinavam, e nós os respeitávamos. Quanto mais devemos submeter-nos ao Pai dos espíritos, para assim vivermos!

Sempre penso nessa passagem das Escrituras quando estou diante de meu cavalete. As pinturas de que mais gosto são justamente aquelas em que empreguei a mais rígida disciplina. Eu rabisco e marco o desenho preliminar com uma porção de correções e alterações. Coloco meus pincéis para executar traços impossíveis na tela. Exijo bastante das tintas a óleo que misturo, esperando por cores que são tão sutis que você não tem nem como encontrar no espectro. Cada pintura que amo, passa por um crivo exigente. Mas essas são as pinturas que as pessoas mais admiram uma vez que são emolduradas e exibidas nas paredes do saguão da *Joni and Friends*.

Nem todo sofrimento é a disciplina de Deus e, se você for como eu, sente certa repugnância à ideia de um Deus o corrigindo ou reprovando. Porém, eu tenho um grande conselho, ou melhor, Deus tem: “da palavra de ânimo que ele lhes dirige como seus filhos: ‘Meu filho, não despreze a disciplina do Senhor, nem se magoe com a sua repreensão, pois o Senhor disciplina a quem ama, e

castiga todo aquele a quem aceita como filho’” (Hebreus 12:5-6).

Primeiramente, não chegue ao extremo de tornar leve seus pesares, achando que todos serão algo pequeno, que você pode resolver por conta própria, sem ajuda alguma, inclusive de Deus. Não seja alguém inflexível. Ou um mártir. Só vai fazer com que seus problemas piorem. Em vez disso, peça a Deus para mostrar como você pode trabalhar em colaboração com seu Espírito para cumprir seu propósito em sua vida.

No outro extremo, não se desanime. Não desmorone emocionalmente ou recolha-se, achando que Deus está perseguindo-o e que tem pavio curto e que vai ficar com raiva para sempre. Deus não está perseguindo-o. E ele não é um estraga-prazeres, segurando sua cura até que você entre no prumo e ajeite sua vida. Ele não é um grande ogro, torcendo seu braço com mais sofrimento até que você “peça penico”. Peça a Deus para remover qualquer traço de medo injustificado e retome o caminho que leva a ele e à sua disciplina.

Então voltemos à minha pergunta inicial: será que minha dor é a maneira de Deus me disciplinar? Só posso dizer que o amor de Deus está somente em busca do que é puro e digno de louvor em minha vida. E, quando se trata de sua disciplina, ele faz o que é melhor para mim: para que a imagem de Jesus possa brilhar radiante no meu caráter; no seu também. Assim, se a dor e o desconforto das suas circunstâncias difíceis persistirem, não os subestimem. Mais importante, porém: não desanime. Deus está aprontando uma coisa muito especial para sua vida!

3. Permaneça supercarregado

Não faz muito tempo, meus companheiros de voo e eu precisamos trocar de avião. Já que não havia ônibus

disponível para transportar-nos até o outro lado do terminal, tive de ir com minha cadeira de rodas até o outro lado do aeroporto. Quando cheguei ao portão, a bateria da cadeira estava quase esgotada. (E não ajudou o fato de ter me esquecido de colocar para recarregar na véspera.)

Acredite em mim, isso me ensinou uma lição: sempre mantenha as baterias com força!

Essa é uma lição que vai muito além das cadeiras de rodas elétricas. Da mesma maneira que as baterias da cadeira têm de estar totalmente carregadas para eu poder atravessar o dia, tenho de viver do mesmo modo enquanto cristã. Não posso simplesmente abordar o dia com uma atitude de "então tá", achando que preciso só de um pouquinho de energia de Deus para conseguir passar o dia. O Senhor deseja que nós permaneçamos com carga total.

"Não se esgote, mantenha-se pleno. Seja um servo alerta do Mestre, esperando com alegria. Não desista nos momentos difíceis, orem o mais forte que puderem" (Romanos 12:11-12, paráfrase).

Outra tradução diz assim: "Trabalhem com entusiasmo e não sejam preguiçosos. Sirvam ao Senhor com o coração cheio de fervor. Que a esperança que vocês têm os mantenha alegres; aguentem com paciência os sofrimentos e orem sempre." [45]

Em outras palavras, não deixe que seu combustível chegue ao fim. Não deixe que sua luz seja coberta ou ofuscada. Não permita que suas baterias descarreguem.

Temos um exemplo dessa atitude em Atos 6. A igreja precisava de alguns diáconos que serviriam as mesas e distribuiriam a comida. Assim, escolheram sete homens, e Estêvão foi um deles. Estêvão, nesse capítulo, é descrito como um homem "cheio de fé e do Espírito Santo". Dois versículos depois, ele é descrito como um homem "cheio da graça e do poder de Deus".

Em outras palavras, o reservatório espiritual de Estêvão estava marcando “completo”. As baterias de sua alma estavam carregadas ao máximo. Mas por quê? Não seria possível esperar mais de um homem que realizasse tarefas simples. Como se servir mesas e distribuir comida realmente exigissem a superforça de Deus. Da última vez que verifiquei, servir mesas não é nenhuma atividade física complexa. São tarefas cotidianas e ordinárias, não?

Mas Estêvão — seja abençoado seu coração e somos gratos a Deus por seu exemplo — não ousava começar o dia sem manter-se no compasso do Espírito, não deixava de alimentar-se da Palavra e preencher-se com a oração. O resultado? Este homem não era um diácono comum. Uma vez que a força de Deus vertia em sua vida, seus serviços nos bastidores resultaram na oportunidade de revolucionar a Igreja. Seu testemunho era tão irresistivelmente poderoso que os líderes judeus não tinham como se opor a ele. Eles tiveram de convencer outros a caluniarem-no, o que levou à sua prisão. Como resultado, levou a uma das mais sangrentas e poderosas mensagens de toda a Bíblia.

Não permita que o inimigo de sua alma o convença de que suas tarefas de hoje são “então tá” e comuns; nada de especial, nem extraordinário. Mantenha suas baterias carregadas e não terá como evitar ser uma poderosa influência sobre os outros. Completamente carregado, como Estêvão, você será tudo, menos comum.

E você trará glória a Deus.

4. Mantenha um coração humilde:

Você não ama as maneiras que Deus encontrar para manter-nos humildes e confiantes nele?

Não posso dizer que sempre aprecio o processo, mas dou valor aos resultados! Você sabe do que é que estou

falando: você está levando a vida numa boa, com boa aparência, se virando bem, conseguindo fazer o que se propôs a fazer e então — pau! — as circunstâncias adversas te dão uma rasteira, e você cai de cara no chão. Isso já aconteceu comigo (mais de uma vez), e não faz muito tempo.

Estava me arrumando para um compromisso de palestrar em uma prestigiosa conferência. Era uma daquelas coisas exclusivas, e eu sabia que haveria muitos executivos de grandes corporações lá: curadores, patronos e reitores de muitas fundações e universidades. Eu tinha trabalhado muito duro em minha mensagem, tentando acertar as coisas ao máximo. Não só saí para comprar uma roupa nova como pedi a uma amiga que limpasse e polisse minha cadeira de rodas. Eu queria que essa apresentação fosse perfeita.

Três dias antes, eu deveria ter partido para a conferência, porém algo inesperado aconteceu. Nunca havia acontecido antes. Estava circulando em minha cadeira de rodas quando ouvi um "tum-tum-tum". Olhei para baixo e, para meu espanto, o pneu de minha cadeira havia estourado. Toda a espuma que o recheava começou a formar um caroço e a sair na lateral do pneu. O aspecto era horroroso — e eu sabia que, se não fizesse alguma coisa rapidamente, estaria em breve danificando minha roda.

Quando mostrei o problema para Ken, ele foi imediatamente atrás do seu amado rolo de *silver tape*. Olhei para ele, incrédula: "*Silver tape*? Você vai consertar meu pneu com essa fita adesiva?" Ele me explicou que, até conseguirmos um novo pneu, era nossa única solução. Então procedeu a amarrar firmemente meu pneu com camadas após camadas de *silver tape* (e parecia gostar do que estava fazendo) em torno de minha roda até que o caroço estava contido.

"Ok", disse Ken. "Agora tente circular nela."

Pus minha cadeira em marcha lenta para frente. Ainda estava fazendo o “tum-tum-tum”, mas pelo menos o aro estava a salvo. Porém, a aparência era absolutamente cafona. Quando minha amiga viu a coisa, disse: “Hum... Joni, pense nisso como... uma joia para cadeiras.”

Tenho de confessar que meu primeiro pensamento foi: “Ah, não. Não acredito que terei de ir para a conferência dessa maneira. Era como se o pneu tivesse um tumor repugnante!”

Mas assim que formei esse pensamento infeliz em minha mente, me dei conta de que isso era simplesmente a maneira de Deus manter-me humilde. Talvez, para as outras pessoas, ele permita uma mancha de café em suas camisas, espinafre nos dentes da frente, ou caspa por sobre a jaqueta preta. Para mim, era um bulboso, feito e chamativo remendo com *silver tape* no pneu da minha cadeira de rodas.

É impressionante como uma coisinha simples como essa pode revelar o quanto somos autocentrados. Mas o Senhor foi gracioso para mim, apesar de minha vaidade. Ken foi capaz de, com alguns telefonemas, conseguir um pneu novo antes de dirigir-me à conferência. Que alívio! Mas, quando lá cheguei, fiquei atenta ao texto de Deuteronômio 8:16: “[Ele fez] para humilhá-los e prová-los, a fim de que tudo fosse bem com vocês.”

O simples fato é que não posso ficar me glorificando (acrescentando peso e brilho a meu próprio nome e reputação) e ao Senhor ao mesmo tempo. Em Isaías 42:8, ele nos diz: “Eu sou o Senhor; esse é o meu nome! Não darei a outro a minha glória nem a imagens o meu louvor.”

Portanto, se ele permite circunstâncias humilhantes em sua vida, sei que ele o faz por boas razões. Assim como Pedro, serei humilde sob a mão poderosa de Deus, para que ele me erga no momento certo.[46]

5. Mantenha um deslumbramento infantil a respeito da vida:

Recentemente, passei a tarde com um amigo que tem um bebê de 18 meses. Benjamin tem olhos azuis-claros, cabelo louro quase branco, é precoce e moleque. Ama bolas e blocos. Mas, acima de tudo, ama a vida.

Ele conhece várias palavras, mas a frase que ele mais vezes emite é “Oh, uau!”.

Mostre a ele um novo brinquedinho e ele dirá “Oh, uau!”. Ou leve ele para um passeio curto na calçada, só para encontrar uma lagarta, e ele, de novo, dirá: “Oh, uau!” Tudo é “Oh, uau!” para Benjamin, tudo na vida é novo, excitante e causa espanto; é como um presente de aniversário que emerge do embrulho. As maravilhas espreitam em todos os cantos. Os objetos e animais, a grama, o céu, as outras crianças e até visitas em cadeiras de rodas o deslumbram e deleitam. Ele parece engolir a vida com extremo prazer!

Enquanto observava o entusiasmo desenfreado de Ben ao ver patos, bolas ou insetos na calçada, eu refleti sobre como seria maravilhoso se pudéssemos manter a mesma atitude “oh, uau!” sobre Deus e sobre o que ele fez.

Davi, talvez ainda um jovem nas amplidões com as ovelhas de seu pai, olhou para a Via Láctea uma noite e escreveu essas palavras:

> Quando contemplo os teus céus, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas que ali firmaste, pergunto: Que é o homem, para que com ele te importes? E o filho do homem, para que com ele te preocupes?
>
> (Salmos 8:3-4)

E, outra vez,

> Os céus declaram a glória de Deus; o firmamento proclama a obra das suas mãos.
> Um dia fala disso a outro dia; uma noite o revela a outra noite.
> Sem discurso nem palavras, não se ouve a sua voz.
>
> (Salmos 19:1-3)

Não tenho certeza de qual seria o equivalente em hebraico antigo para “Oh, uau!”, mas tendo a acreditar que quando Davi proferiu essas palavras estava perdido nas maravilhas que vieram pelas mãos majestáticas de seu Deus.

Certamente o apóstolo Paulo passou pelo mesmo momento quando escreveu sua carta para os Romanos: “Miserável homem eu que sou! Quem me libertará do corpo sujeito a esta morte?” Então ele mesmo responde essa pergunta, dizendo: “Graças a Deus [...] agora já não há condenação para os que estão em Cristo Jesus.” [47]

Em outras palavras: “Oh, uau!”

Um pouco mais tarde, em Romanos, ele escreve: “Pois estou convencido de que nem morte nem vida, nem anjos nem demônios, nem o presente nem o futuro, nem quaisquer poderes, nem altura nem profundidade, nem qualquer outra coisa na criação será capaz de nos separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus, nosso Senhor.” [48]

Essa é outra passagem que me faz tão saltitante quanto Benjamin, pensando “isso é tanta coisa para se pensar! Uau, isso é demais!

Cultivar essa apreciação imensa pela vida (do tipo que parece vir tão naturalmente para Benjamin) e possuir esse sentido de maravilha é realmente uma dádiva. Você não conseguiria isso pelo esforço, nem pela persistência e muito menos pelo fingimento. Para desfrutar — verdadeiramente — das obras de Deus e de seu caráter

até o ponto em que “Oh, uau!” venha somente de uma forma: o quão menores nós formos, maior Deus aparecerá. E, quanto maior fizermos Deus, mais próximos chegaremos à sua Palavra; assim, quanto mais tivermos pensamentos puros, honestos e louváveis, mais vezes seremos surpreendidos dizendo: “Oh, uau!”

O cinismo irá neutralizar aquele sentido de deslumbramento em um piscar de olhos; um espírito amargurado e ingrato irá impedir a entrada do deslumbramento em nossos corações. Mas se nos colocarmos integralmente, ao glorificar a Deus como Davi ou como o pequeno Benjamin, a doce alegria de viver voltará a crescer em nós, como a tímida e frágil flor do campo, chegando até os terrenos mais inóspitos.

6. Sirva de todo o coração

Essa manhã, quando cumprimentei minha amiga que chegou para me vestir e colocar na cadeira de rodas, a primeira coisa que eu disse para ela foi: “Oba! Vamos servir a Jesus hoje!”

Dana deu uma risada.

Mas, ei! Esse é o jeito que eu tenho para acordar, com dor ou sem dor. Não posso me permitir ficar rabugenta, amarga ou implicante, mesmo que esteja cansada da paralisia, mesmo se estiver desgastada pela dor crônica. Deus me pôs viva (ainda estou aqui!) e isso significa que há um propósito e um plano para minha vida, uma corrida para correr. Deus preparou para mim esse novo dia; para que eu traga a ele glória da melhor maneira que puder e assim servi-lo com júbilo.

Portanto hoje, apesar de tudo, darei o máximo da minha capacidade para amparar-me Nele, dizendo: “Oba! Vou servir ao Senhor hoje!”

Você sabia que esse tipo de atitude é na verdade um mandamento? O Salmo 100:2 diz: “Prestem culto ao

Senhor com alegria.” Em outras palavras, não é uma opção. Servi-lo com alegria não é uma sugestão, como se Deus estivesse dizendo: “Ah! E, a propósito, quando você me servir hoje, será que poderia dar um sorriso? Significaria muito para mim.” Não. Servir ao Senhor com alegria não é algo que ele gostaria que nós fizéssemos (se acontecer de lembrarmos disso ou de estarmos com vontade). É alguma coisa que fomos mandados a fazer.

Quem quer que você seja, na situação em que estiver, Deus manda a alegria no seu serviço para o Reino. E essa diretiva se aplica mesmo se você for um tetraplégico em cadeira de rodas, um residente em um asilo ou alguém se preparando para um estudo bíblico. Vale também para pessoas de ministérios em tempo integral, construtores de casas, lavadores de louça e guardas de trânsito. Como filho ou filha de Deus, qualquer atividade que ele o colocou para fazer *é* serviço em seu nome. E ele diz que, não importa em qual área atue, é preciso que faça de todo coração (com alegria) para ele. Sirva o Senhor com alegria, com felicidade. Não é uma opção.

Vejam o que Deus diz a seu povo em Deuteronômio 28:47-48: “Uma vez que vocês não serviram com júbilo e alegria ao Senhor, ao seu Deus, na época da prosperidade, então, em meio à fome e à sede, em nudez e pobreza extrema, vocês servirão aos inimigos que o Senhor enviará contra vocês. Ele porá um jugo de ferro sobre o seu pescoço, até que os tenham destruído.”

Meus amigos, não é suficiente vocês servirem ao Senhor. Vocês devem servir a ele com júbilo e alegria. Ele fica totalmente contrariado com o que for apresentado abaixo desse padrão. Eu chegaria a dizer, considerando Deuteronômio 28, que ele não irá abençoar tais serviços quando desempenhados com uma disposição amarga, entediada, irritada ou ressentida.

Enquanto escrevo essas palavras, não posso evitar pensar em minha nova amiga, Pam, que vive em uma casa para garotas que tentam deixar as ruas.

O lar, no centro de Hollywood, fornece um lugar a salvo e um refúgio para as mulheres que abandonaram a prostituição e o tráfico de drogas em algumas das ruas mais sombrias da cidade. Elsie, que cuida da casa, caminha por essas ruas, compartilha do Evangelho e guia essas meninas para Cristo. Se essas novas convertidas desejarem de coração modificar suas vidas e comprometerem-se com novas responsabilidades, terão um lugar para ficar na casa de Elsie.

Pam é uma dessas novas cristãs. Ainda que seja uma cristã com um espírito doce, ainda tem as cicatrizes de lutas de canivete e de agulhas de heroína. Seus braços estão marcados com tatuagens. Mas ela não é uma cristã comum. Eu me surpreendi imediatamente com seu júbilo genuíno e abundante, quando me explicou sobre seu novo ofício na casa de Elsie.

“Eu limpo os vasos e os banheiros!” ela exclamou, com grande entusiasmo. “Este é meu trabalho e eu amo isso!” Pam estava tão grata por ter uma estrutura em sua vida, segurança à sua volta e um trabalho honesto servindo o Reino de Cristo.

Enquanto a observava desempenhando suas tarefas naquele dia em que visitei a casa de Elsie, pensei no Salmo 84:10, que diz: “Melhor é um dia nos teus átrios do que mil noutro lugar; prefiro ficar à porta da casa do meu Deus a habitar nas tendas dos ímpios.” Acho que Pam poderia parafrasear a passagem dessa forma: “Um dia na casa de Elsie é melhor que mil dias nas ruas, e preferiria lavar banheiros sob o teto desta mulher de Deus do que morar nos bordéis do trottoir.”

Fiquei profundamente impressionada pelo espírito humilde e alegre de Pam em relação ao seu trabalho. Seu deleite em limpar banheiros nasceu de sua

consciência alerta sobre o papel que ocupa no corpo de Cristo. Poucos entre vocês que estão lendo essas páginas têm um passado como o de Pam, mas cada dia, cada um de nós arregaça as mangas para desempenhar tarefas corriqueiras e enfadonhas. Pode ser colocando gasolina no posto, trocando o cartucho de tinta das impressoras, trocando a roupa de cama em hotéis, ou mesmo trocando a fralda de um bebê ou de um pai ancião.

Como Pam, quando você e eu consideramos esses trabalhos como serviços a Cristo, descobrimos a alegria de ser “um porteiro na casa de Deus”. É somente uma forma de vivenciar as palavras de Paulo em 1Coríntios 10:31: “Quer vocês comam, bebam ou façam qualquer outra coisa, façam tudo para a glória de Deus.”

Um dia de ministério no Reino de Cristo é bem melhor que mil dias vividos em busca dos prazeres autodestrutivos.

E, para mim (por favor, me dê ouvido, meu amigo e minha amiga, e pondere a importância dessas palavras), um dia servindo a ele, um dia representando a ele através das garras de sua dor incansável, é melhor que mil dias autorreferentes vivendo sem dor e com meus pés exercendo suas funções. Esta é uma lição que pessoas como Pam e eu estamos aprendendo a cada dia.

7. Verta-se por inteiro

Uma de minhas histórias favoritas nas Escrituras é a que relata sobre Maria de Betânia e como ela verteu seu frasco de perfume valiosíssimo sobre o Senhor Jesus.

Penso muito sobre aquele perfume.

Pergunto-me há quanto tempo ele estava repousando na prateleira na casa de Maria, Marta e Lázaro. Será que estava escondido em um bauzinho de madeira por segurança, como o pé de meia que guardamos para dias

difíceis? Será que estava em uma prateleira coberto por uma película de poeira, uma prateleira tão alta que só poderia ser alcançada subindo-se em uma escada? Será que era uma herança de família, guardado e protegido como um tesouro, entregue de pai para filho para neto? Talvez aquele frasco de perfume caro tivesse sido guardado para as gerações futuras.

Parece não haver dúvida que a decisão de usar o perfume era só de Maria. Não temos notícias de objeção por parte de Marta ou de Lázaro quando ela o verteu sobre seu mais caro Amigo. Era Maria quem decidia.

Ela poderia tê-lo guardado para si, é claro. Poderia ter continuado na prateleira, juntando poeira no lugar de ser aberto e despejado sobre o Senhor. Mas então Jesus teria se encaminhado à cruz sem nenhuma fragrância persistente do amor sacrificado de uma mulher de Deus, e a história de Maria nunca teria sido contada às multidões sem número em idiomas e dialetos pelo mundo afora.

Estou tão feliz que Maria não guardou seu tesouro especial para um dia de chuva. Estou tão grata por ela não ter mantido trancado em um baú como uma herança de família intocável. Estou tão grata por ela ter aberto o frasco e despejado o conteúdo naquele que era o único merecedor daquilo e de tudo mais.

O que Maria fez com aquele perfume significa muito para mim. Há algo sobre “verter-se por inteiro” ou dedicar-se de corpo e alma: no serviço, na dedicação e no amor a Cristo fazendo sua vida perfumada. E não somente sua vida: você torna-se uma oferta perfumada, lembrando ao Pai de tudo o que Jesus sacrificou quando Ele caminhou sobre a Terra. Há algo de doce e precioso sobre derramar seu coração e dar sua afeição ao Salvador em meio a situações turbulentas ou dolorosas, que toma um simples testemunho como o seu e o empurra até o topo. Porque não há nada como uma

canção de louvor erguida através do que foi partido ou quebrado para trazer glória a Deus.

No processo, também abre uma fonte de alegria e contentamento a respeito da vida.

Meu amigo, minha amiga, no que você está persistindo tão firmemente? Que presente, recurso ou talento você escondeu e separou por segurança? O que é que você está segurando e não está vertendo como uma oferta de sacrifício, em louvor e gratidão ao Senhor? Sim, eu realmente acredito que todos nós temos talentos enviados pelo céu e que poderíamos usá-los para promover o nome de Deus e sua reputação. Além disso, você tem alguma gratidão a mostrar, gratidão que você pode verter para outros, sorrisos que você pode dar, tempo e tesouros a oferecer, e palavras de encorajamento que você pode compartilhar com uma alma carente.

Não guarde tudo dentro de um frasco.

Não deixe seu amor tampado, “a salvo” e colocado em uma prateleira alta.

Não guarde seus sorrisos e sua amizade só para aqueles que você conhece ou gosta ou “com quem se sente confortável”.

Mostre gratidão no meio da turbulência e você descobrirá que é como verter perfume no próprio Senhor. Será um sacrifício de louvor e gratidão, doce e perfumado, e assim trará alegria ao Salvador.

Há pouco tempo estava lendo Mateus 25, e uma breve paráfrase formou-se em minha mente.

> Então o Rei dirá àqueles à sua direita. “Venham vocês, que são abençoados por meu Pai, recebam sua herança, o reino a preparou para você desde a criação do mundo. Porque eu fui desencorajado, e você me deu um sorriso de encorajamento e uma palavra gentil... Eu estava

enlutado e você enviou-me um bilhete e um buquê de flores da primavera... Eu estava confuso e ansioso, e você levou-me para um café e deu-me um conselho enquanto bebíamos um cappuccino... Sentia-me solitário e você levou-me para almoçar... Estava preocupado, preparando o imposto de renda, mas você me mostrou o que fazer e aonde ir... Eu era uma criança que queria sair da cidade e ir para o acampamento bíblico, e você pagou minha viagem."

Então os justos responderam a ele: "Senhor, quando foi que o vimos desencorajado e falamos gentilmente com o Senhor? Quando foi que lhe enviamos flores ou o levamos para tomar cappuccino? Quando foi que o ajudamos a preparar o imposto de renda e quando foi que pagamos sua viagem para o acampamento bíblico?"

O Rei responderá: "Em verdade digo, o que quer que vocês tenham feito de bom pelos irmãos e pelas irmãs mais necessitados, terão feito por mim."

8. Não fique atrás na vida:

Outro dia minha amiga Karen viajou lá da Costa Leste só para me ver.

Não parece grande coisa, não é?

Bem. É de fato grande coisa. Porque Karen veio sozinha e ela é praticamente cega. Com um bocado de coragem e da velha e boa determinação, ela embarcou no avião, encontrou uma amiga que a buscasse no aeroporto, procurou por mim e veio encontrar-se comigo.

Na noite de sua chegada, nós duas fomos jantar em um restaurante local. Achei que ela iria convidar sua

amiga para acompanhar-nos, mas a amiga tinha de ir embora e explicou que só tinha vindo para deixar Karen.

Isso me fez hesitar um pouco. Não haveria ninguém para prestar-nos assistência no restaurante? Uma cega e uma paralítica? Isso seria no mínimo interessante. Quando a amiga de Karen partiu e nos deixou, achei que a equipe do restaurante estava tão nervosa quanto eu.

Karen, no entanto, era só sorrisos. Aquilo não seria problema nenhum para ela.

Assim que nos sentamos, tive de dar instruções a minha amiga.

—Alcance a parte de trás de minha mochila, pegue minha colher especial e, por favor, enfie-a na pequena abotoadura aqui no meu braço. Obrigada. Isso. E você poderia colocar o guardanapo em meu colo, deixar meu copo d'água perto de você onde você possa segurá-lo e colocar na minha boca para mim — cuidado para não esbarrar nele!

Não ligo de contar a vocês como alguns dos outros clientes daquele restaurante pareciam um pouco nervosos ao ver-nos preparar para a refeição. Vi alguém nos espreitando quando Karen — que Deus a abençoe — encontrou meu copo d'água e colocando ambas as mãos em torno dele, ergueu o canudinho — seguindo minhas instruções verbais — até a minha boca.

Apesar de toda a situação, tive de rir.

"Será que isso é a cega conduzindo a paralítica?" ela perguntou, lembrando o ditado.

"Não", eu disse, ainda rindo. "Isso é a paralítica conduzindo a cega, porque eu tenho que ficar dizendo para você onde sua comida está em seu prato!"

Passado algum tempo, as pessoas pararam de ficar encarando. Acho que foi porque viram como estávamos relaxadas, apesar de todo aquele circo. Eu também acho que essas pessoas foram um pouco abençoadas por poderem ver uma mulher cega e uma tetraplégica

limitada a uma cadeira de rodas desfrutando da companhia uma da outra. E talvez eles se perguntassem um pouco mais quando viram ambas abaixando a cabeça e orando em voz alta, juntas.

Foi um testemunho, e acredito que trouxe glória ao Senhor.

Ele é nossa força, nossa coragem. Ele é nosso capacitador, a fonte de nossa verdadeira alegria. E sim, atravessamos a refeição sem derrubar a comida ou a água na mesa. (Ainda que eu tenha precisado do garçom para retirar minha colher, lavá-la e recolocá-la em minha mochila.)

A vida, minha amiga e meu amigo, é uma aventura. Karen disse aquela noite:

— Joni, minha deficiência está se agravando. Sei que um dia não poderei mais fazer atividades como essa (voar por conta própria e jantar a sós com uma amiga). Portanto, estou aproveitando todo o tempo que resta para fazer o máximo com o pouco que me sobrou.

Ao longo dos dias mais recentes, enquanto batalhava para ter o mínimo de normalidade e de tranquilidade em minha batalha contra a dor, não sinto como se me sobrasse muito para oferecer.

Mas, no esquema final das coisas, sei que isso não importa.

Ele é quem fará o máximo com o pouco que tenho. Ele é quem notou o dinheirinho da viúva, depositado na esmola e afirmou que seu pouco valia mais aos olhos do céu, do que as ofertas daqueles que tinham dado muito, mas que tinham guardado mais ainda.

Sete

Como posso recuperar minhas esperanças?

As pessoas que olham através das fechaduras estão aptas a ter a ideia de que a maioria das coisas tem o formato de fechadura.

AUTOR DESCONHECIDO.

Eu imagino uma madrugada logo antes da alvorada: o arrulhar de pombas, o chamado de uma perdiz à distância, o murmúrio de água corrente, e o doce ruído de dois pares de pés em sandálias sobre o cascalho fino.

O profeta e seu filho caminham lentamente até o fim do aqueduto, onde a água jorra no Tanque Superior. E, naquele mesmo momento, o rei de Judá desce de sua carruagem.

Eu imagino o rei olhando estupefato, sem estar esperando pessoa alguma na estrada para o Campo do Lavandeiro, muito menos Isaías, o lendário profeta de Jeová, conselheiro de seu pai e avô.

Será que o rei teria escapulido de seu cortejo real para refletir sozinho sobre alguma crise nacional, ou será que está apenas verificando o fornecimento de água e perguntando-se como poderia protegê-lo das mãos inimigas? A Bíblia não fala.

Mas sabemos que esse encontro não é acidental.

Deus havia especificamente dito a Isaías para encontrar-se com o rei nesse exato lugar, nesse exato momento e para levá-lo uma mensagem específica.

Por um momento (ainda estou imaginando), ninguém disse palavra alguma. O rei observa enquanto a brisa matinal balança os longos e prateados cabelos e barba do profeta. Acaz tem direito de estar desconfiado! Tantas vezes os profetas de Deus trouxeram mensagens feéricas de julgamento iminente. Mas, nesse dia, Isaías traz uma palavra que o jovem rei necessita muito ouvir. Esta palavra do Senhor deve trazer conforto e segurança a seu coração, mas será que ele terá fé suficiente para recebê-la? Será que ele permitirá que a palavra de Deus realmente mude sua visão da realidade?

É uma questão que vale para todos nós.

Será que permitiremos que a verdade das promessas de Deus modifique o modo como vemos a vida, com todos seus desafios e obstáculos? Para acalmar nossos medos e aplacar nossas ansiedades? Para dar-nos esperança e confiança quando não parece haver nenhum motivo para tê-las?

Algo que a Bíblia parece fazer repetidas vezes é colocar a visão de um homem e uma mulher, sua compreensão de uma determinada situação e, em seguida, a visão de Deus sobre a mesma situação. E o contraste? Bem, algumas vezes, isso o faz perguntar-se se as pessoas e Deus poderiam estar olhando para a mesma circunstância!

O recém-coroado rei Acaz, um jovem mal saído da adolescência, herdou o trono em uma época bem parecida com a qual vivemos hoje nos Estados Unidos. Relatórios assustadores e manchetes atemorizantes deixavam todos os moradores de Judá tensos. Dizia-se que Aram, ou Síria, acabara de se aliar com o outro grande inimigo de Judá naquele tempo, o reino setentrional de Israel. Juntos, eles planejavam atacar Jerusalém, matar o rei e fatiar o pequeno reino entre eles.

Você deve imaginar que houve orações em massa quando as notícias dessa terrível aliança chegaram a Jerusalém. Mas não. Em vez disso, houve pânico nas ruas e no palácio. A Bíblia diz que "o coração de Acaz e do seu povo agitou-se, como as árvores da floresta agitam-se com o vento" (Isaías 7:2).

Dois inimigos unindo-se contra a pequena Judá? Como o reino poderia defender-se? Como sobreviveriam? O que aconteceria? Sentiam-se profundamente assombrados.

Será que você já esteve em uma situação parecida? Ou talvez eu deva dizer: será que você já esteve em uma situação parecida ultimamente? Já olhou para sua situação e sentiu os joelhos tremendo por conta do que vê? Aquilo que você achava que seria uma aposentadoria tranquila acabou erodida pela queda no mercado de ações. Como você vai se manter na velhice? Seus filhos desgarraram-se dos bons caminhos que você ensinou desde que eram pequenos e agora parecem determinados a seguir o caminho da destruição. O que acontecer*á* com eles? O resultado do laboratório chegou pelo correio, entre a conta do telefone e um anúncio de pizzaria. Eles acharam a presença do câncer em um dos exames, e você precisa fazer uma consulta de acompanhamento. Será isso uma sentença de morte?

Algumas vezes os desafios e os fardos da vida parecem impossíveis de tão grandes. Você sente-se como se estivesse olhando para o alto, para uma montanha diretamente sobre o caminho que você tinha para seguir.

Foi assim que o rei Acaz sentiu-se naquela manhã, ao lado do aqueduto. Como sabemos disso? Porque, por intermédio de seu profeta, Deus imediatamente tratou de acalmar o coração do jovem:

> Tenha cuidado, acalme-se e não tenha medo. Que o seu coração não se desanime.
>
> (Isaías 7:4)

Como assim?! Não tenha medo? Está brincando? Com dois exércitos inimigos vindo para cá? Com rumores de ameaças fazendo sombra no horizonte como uma tempestade que se aproxima?

Esse era o momento que Deus escolheu para fazer ao rei um convite impressionante. E acredito que é um convite que ele estende a cada um de nós, em momentos diferentes de nossa vida. Isaías convidou Acaz para mudar seu ponto de vista por um momento e olhar para a mesma situação, através dos olhos de Deus, no lugar de usar seus próprios olhos. E, puxa! Como o quadro pareceu diferente. O Senhor disse: “Que o seu coração não se desanime por causa do furor destes restos de lenha fumegantes.” E, sobre a tal invasão: “Não será assim, isso não acontecerá” (Isaías 4:7).

Acaz via os dois reis se aliando contra ele como um gigantesco incêndio na floresta, consumindo tudo à sua frente. Mas, do ponto de vista de Deus, eles não passavam de dois pedaços de lenha soltando fumaça; enegrecidos e carbonizados, usados, já estavam queimados.

Então o Senhor tinha outra palavra para o rei tímido: “Se você não firmar-se na fé, não poderá firmar-se de modo algum”.[49]

Deus nem sempre mudará nossas situações turbulentas, mas, se assim pedirmos, ele aparecerá para mostrar-nos como mudar nossa perspectiva! Ele nos ajudará a dar uma espiada na vida pelos olhos da fé, maneira como ele enxerga as situações. E essa espiada é valiosíssima.

Nas próximas páginas, gostaria de sugerir algumas formas que podem nos ajudar a ganhar uma perspectiva mais ampla do que precisamos. E, para o caso de você se sentir realmente perdido no escuro, deixe-me começar com três passos bem simples que vão colocar-lhe no rumo.

Um lugar para começar

Tenho de admitir que o tímido rei Acaz e eu tivemos muito em comum ao longo dos anos.

Algumas vezes olho para o futuro e sinto-me… massacrada. Por mais que eu tente, não consigo ver além de meus medos. O caminho à minha frente parece tornar-se nebuloso por conta da ansiedade.

Você sabe como é. Algumas vezes basta um telefonema, um e-mail ou uma má notícia para tirá-lo do caminho da fé e jogá-lo nas sombras da preocupação e da dúvida.

Isso aconteceu comigo não faz muito tempo, quando soube que a melhor amiga de uma colega minha — ela não tinha mais que 61 ou 62 anos de idade — tinha sido diagnosticada com o mal de Alzheimer. Eu pensei: “Na idade dela?!” Isso me assombrou. Comecei a pensar: “Puxa, tenho uma idade próxima a dela. O que Deus tem preparado para mim?”

É difícil encontrar um cristão que não tenha olhado para o futuro e pensado: “Quais são os desígnios de Deus para mim? O que ele fará? Como é que as coisas se resolverão? Qual é seu plano para o restante da minha vida?” Você não precisa ter mais de sessenta anos para fazer essas perguntas. A maioria se faz essas perguntas quando têm vinte anos, ou mesmo até antes.

Para qualquer que seja sua idade ou situação de vida, eu gostaria de lhe sugerir 1Tessalonicenses 5:16-18: uma mensagem curta e doce, como um lugar para começar quando precisar de uma mudança de perspectiva.

> Alegrem-se sempre. Orem continuamente. Deem graças em todas as circunstâncias, pois esta é a vontade de Deus para vocês em Cristo Jesus.

Soa um pouco como o conselho do Senhor para o jovem rei Acaz, não acha? Tenha cuidado. Mantenha-se calmo. Não tenha medo. Não se desanime o coração. Você se flagra lutando para discernir os desígnios de Deus, quando os

problemas começam a esmagá-lo? O sucinto conselho de Paulo servirá muito bem, não importando qual seja sua situação.

- Tenha sempre alegria.
- Ore continuamente.
- Seja grato em todas as circunstâncias.

Isso certamente é o que basta para uma pessoa começar a descobrir os desígnios de Deus. De fato, você poderia trabalhar nessas três coisas pelo resto de sua vida e nunca chegar a fazer com maestria. Você poderia até chegar a me dizer:

— Ah! Mas, Joni, você não sabe a situação em que estou. Você não faz ideia! Recebi essa ligação ontem à noite da minha filha. Recebi a conta do hospital pelo correio de hoje. Meu marido voltou a beber. Há todo tipo de problema e pesar na minha família nesse instante. Como demonstrar gratidão se estou enfrentando tantas tribulações?

A verdade é: Deus não está pedindo para você ser grato. Ele pede que você dê graças. Há uma grande diferença. Uma resposta envolve emoções, a outra está relacionada com suas escolhas e decisões a respeito de uma situação, sua intenção, seu “passo de fé”.

É necessário fé. Algumas vezes exigem grande fé quando a situação é por demais terrível: para escolher o perdão, escolher o amor (e não o ódio) como resposta. Isso é efetivamente difícil. Especialmente quando suas emoções — como a força de um rio que corre veloz — estão tentando te empurrar para a outra direção. Confiar em Deus não tem nada a ver com seguir seus sentimentos.

Dê graças por ele ser soberano. Dê graças por ele estar no controle. Dê graças por ele estar planejando tudo para seu bem (para o bem de sua família), pois no fim das contas, será tudo para sua glória.

O mandamento bíblico que se divide em três partes (porque é como ele e nada menos), de ser alegre, de sempre orar e de dar graças, o levará a uma compreensão mais clara de para onde Deus o está conduzindo e o que ele quer que você faça a seguir.

É o que me aconteceu há alguns anos, após o acidente que quebrou meu pescoço. Naquele hospital de Baltimore eu rangi os dentes e com intenção dei graças a tudo — da comida horrorosa até as horas torturantes de terapia física.

Meses mais tarde, um milagre ocorreu. Comecei a me sentir grata. Minha visão exterior permitiu-me ser grata por coisas maiores. Então, mais tarde, outro milagre ocorreu. Pude alegrar-me mesmo diante do sofrimento. E ainda encontrei os desígnios de Deus? Parecia o desdobramento natural.

Recuse a focalizar seus medos

Ah, mas os tais medos!

Aquela fria sensação de temor rastejante.

A ansiedade que algumas vezes parece algo apertando nosso peito.

É fácil demais, não acha, isso de ser pego em situações que nos fazem ter medo? Acredite em mim, sei do que falo. Você e eu podemos não estar encarando dois exércitos inimigos avançando contra nós, como aconteceu com o rei de Judá, mas a vida está cheia de outras ansiedades que podem nos roubar a paz e nos levar para baixo.

Minha amiga Jean, por exemplo, recentemente descobriu um relatório médico que dizia que ela era portadora de esclerodermia. Quando as pessoas em volta souberam da notícia disseram “esclero-quê?”

São poucas pessoas que conhecem essa enfermidade, que causa problemas nos tecidos musculares e pele. Jean certamente não conhecia e assim decidiu-se tornar uma expert. Nos dias que seguiram, afundou em todas as

informações disponíveis. Estava constantemente em frente ao computador, pesquisando artigos, escrevendo a médicos, comparando relatórios e investigando as opções de tratamento.

Mas logo os dias tornaram-se semanas e comecei a notar uma coisa a respeito de minha amiga. Sem dúvida, tudo o que ela estava aprendendo era útil, mas não pude evitar notar que o foco dela em Deus começava a mudar.

Você perguntava como ela estava se relacionando com o Senhor, e ela respondia com o relatório médico mais recente. Jean até comparecia ao Estudo Bíblico e você esbarrava com ela na igreja e, bem, esse encontro acabava virando uma oportunidade para conhecermos um pouco mais sobre a esclerodermia.

No começo, isso era compreensível. Era de se esperar que Jean estivesse preocupada com sua saúde. Depois de um tempo, porém, me perguntei se a fé dela em Deus estava começando a ficar abalada.

Caso você se encontre em situações dolorosas ou de limitação física, não há nada errado em pesquisar os fatos relevantes e as opções de tratamento. É bom saber dos diagnósticos, prognósticos e tudo o mais. Mas a sedução em saber mais e mais sobre seu problema e a falta de desejo em saber sobre Deus... bem, essa é uma clara indicação de que sua fé está diminuindo.

Mais uma vez, este é precisamente o momento em que precisamos de uma mudança de perspectiva.

O fato é: o Senhor (que nos ama) não permitiria que relatórios médicos perturbadores em nossa vida nos colocassem nos meandros da medicina. Não! Tal crise deve nos despertar para a realidade de Deus, sua proximidade, seu cuidado, sua presença e auxílio sempre presente. Com todos os desapontamentos, a crise deve nos mostrar a força por trás da ordem expressa em Oseias: “Conheçamos o Senhor; esforcemo-nos por conhecê-lo.” [50]

E, por favor, lembre-se: essas palavras foram registradas em uma época em que a nação de Israel estava sendo massacrada por problemas. A indicação de Oseias? Vamos conhecer, procuremos nos esforçar para conhecer o Senhor cada vez mais e melhor.

Quando o sofrimento nos atinge sem aviso, abala um pouco a nossa fé; da mesma maneira quando estamos com um carro pequeno atravessando uma ponte e o vento forte nos sacoleja. Você tem de certificar-se que está com as duas mãos ao volante! Mas as provações também têm o sentido de acordar-nos para a verdade de Daniel 11:32, onde se diz: “O povo que conhece o seu Deus resistirá com firmeza.”

Se você está encarando o que parece ser uma situação massacrante em sua vida, nessa semana, quero encorajá-lo a manter-se firme. Não deixe que esse fator preencha todo o seu horizonte. Não deixe sua ansiedade engoli-lo ou ressecar sua fé. Pelo contrário, permaneça firme e aja. Considere isso uma oportunidade para fazer uma pesquisa por conta própria sobre a Palavra de Deus. Compare versículos da Bíblia, investigue os exemplos de Paulo, José, Daniel ou Pedro e como eles lidaram com más notícias e com o sofrimento em suas vidas.

Que desperdício será uma enfermidade, ou mágoa se ficarmos lendo — ou seguirmos falando — dia e noite sobre a enfermidade e não sobre o Deus que a permitiu por conta de suas razões soberanas.

Meu amigo Dave Powlison tem alguns conselhos muito bons para oferecer nesses casos.

Dave é professor na Fundação de Educação do Aconselhamento Cristão. No momento, também está travando uma guerra contra o câncer que parece devastar seu corpo. Acostumado a ser um homem ativo e independente, Dave foi forçado a diminuir o ritmo e aprender novas lições sobre paciência ao caminhar por essa temporada inesperada em sua vida.

Eu mesma nunca tive de lidar com o câncer, mas, ao acompanhá-lo, absorvi tanto encorajamento, tanto auxílio e esperança somente por observar a maneira com que ele aborda os desafios e a enfermidade.

Como você bem sabe, o câncer é uma palavra que causa alarme e transmite imediatamente o medo e a dúvida. Dave já passou pelas rotinas usuais de quimioterapia: a espera, a incerteza, e a terrível reação às drogas. Mas estou impressionada com o modo como manteve seu equilíbrio emocional e sua coragem.

Em face do medo, da dor e enfermidade, basta ouvir o que Dave me escreveu, não faz muito tempo:

> Joni, eu aprendi que, de cada frase que você disser sobre o câncer para as outras pessoas, deve-se dizer dez outras sobre seu Deus, sua esperança e o que ele está ensinando para você, e as pequenas bênçãos de cada dia. Para cada hora que você passa pesquisando ou conversando sobre o câncer, passe dez horas pesquisando, conversando e servindo seu Senhor. Relacione tudo o que você estiver aprendendo sobre o câncer de volta para ele e para seus propósitos, e você não se tornará obcecado [com o medo e com as dúvidas].

Que conselho notável! Que verdade poderosa! Eu preciso lembrar-me dessa percepção especial de Dave quando sentir-me massacrada pela dor nessa cadeira de rodas. Você pode se identificar, não? Quando somos atingidos pelo sofrimento, nossa tendência é seguir falando e pensando sobre nossos problemas — especialmente os problemas relacionados à saúde. Começamos a nos afundar nos detalhes de nossa esclerodermia, uma cirurgia no joelho que não será uma cura definitiva, um programa de reabilitação que é muito difícil ou mesmo o regime de quimioterapia.

Eu preciso mesmo é aprender com Dave. Para cada frase que eu disser ou escrever sobre “meu problema”, tenho de dizer dez frases sobre a graça, encorajamento e bênçãos de Deus.

A verdade é: nesse mundo, há 100% de certeza de que iremos sofrer. Mas, ao mesmo tempo, Jesus Cristo é 100% certo de nos encontrar, encorajar, confortar, nos dar a sua força e perseverança e até restaurar a alegria em nossa vida. Ele estará conosco 100% do tempo, em todos os novos desafios.

A Bíblia nos fala diversas vezes que Deus é fiel; maior é ele que está em você, não a dor, o desconforto ou mesmo a doença terminal.

Lembre-se: hoje, se você começar a falar sobre seus problemas de saúde (ou sobre qualquer problema, na verdade) certifique-se em falar também sobre a graça de nosso maravilhoso Senhor para sustentar e salvar!

Um exemplo brilhante

Recentemente, li algo escrito por John Piper que pensei ter sido escrito somente para mim.

Piper fazia uma reflexão sobre uma situação que o apóstolo Paulo descreveu em Filipenses 2. Aparentemente, a igreja em Filipos havia enviado um de seus membros, Epafrodito, com a tarefa de emissário para levar a Paulo um presente enquanto este estava na prisão. De acordo com a passagem, Epafrodito caiu doente e quase morreu enquanto visitava Paulo.

Eis o que Paulo disse aos filipenses:

> Contudo, penso que será necessário enviar-lhes de volta Epafrodito, meu irmão, cooperador e companheiro de lutas, mensageiro que vocês enviaram para atender às minhas necessidades. Pois ele tem saudade de todos vocês e está

> angustiado porque ficaram sabendo que ele esteve doente. De fato, ficou doente e quase morreu. Mas Deus teve misericórdia dele, e não somente dele, mas também de mim, para que eu não tivesse tristeza sobre tristeza. Por isso, logo o enviarei, para que, quando o virem novamente, fiquem alegres e eu tenha menos tristeza.
>
> (versículos 25-28)

Recuperando-se por fim de seu quase encontro com a morte, Epafrodito estava “angustiado porque ficaram sabendo que ele esteve doente”.

Piper escreve:

> Que magnífica reação! Não somente diz que os filipenses estavam angustiados por ele estar doente, mas que Epafrodito estava angustiado por eles terem ouvido falar que ele estava enfermo. Este é o tipo de coração que Deus tem em mente criar (quando sofremos): um coração cuidadoso e profundamente afeiçoado para seu povo. Não gaste seu sofrimento recolhendo-se a si mesmo.

Aparentemente, Epafrodito era um homem tão cuidadoso e humilde que não queria que os outros se preocupassem com ele. Não queria deixar seus colegas cristãos angustiados. Epafrodito provavelmente pensou — ainda que quase tivesse morrido — que seus problemas de saúde eram insignificantes comparados às tribulações que seus amigos vinham enfrentando.

Você quase pode vê-lo sacudindo a cabeça e dizendo ao apóstolo: “Puxa, Paulo! Eu não queria que isso acontecesse. Diga a eles que estou melhor. Diga a eles que estarei bem. A

última coisa com que eles precisam se preocupar nesses dias é com minha saúde!”

Será que isso fala a você como fala para mim?

Epafrodito é o modelo de uma perspectiva louvável e maravilhosa, e espero que, quando escrevo sobre minhas limitações ou batalhas com a dor, eu o faça de modo a encorajar os outros em Cristo — e não a deixá-los ansiosos por mim ou preocupados comigo. Porque, digo, minha tetraplegia não é nada de mais comparada ao que a maioria dos cristãos está enfrentando em partes do mundo onde há guerras e perseguições, e tão pouca ajuda às pessoas com deficiências ou dores lancinantes.

Talvez você possa se identificar comigo um pouco, mas sei que há ocasiões em que falo demais sobre mim. Se tivermos um problema de saúde, uma nova dor, mágoa ou algum problema que nos tem feito andar (no meu caso, circular) com ainda mais dificuldade, então precisamos falar sobre isso, não? Será que eu ousaria usar a expressão “resmungar”?

“Erga seus olhos”

Quero sugerir que você se una a mim, pedindo a Deus para nos ajudar a cultivar um foco genuíno nos outros e focalizar menos em nossos próprios problemas e dores. Esta é uma escolha que minha amiga Hannah fez: e tenho um forte pressentimento de que ela nunca se arrependerá de tê-la feito.

Ontem à noite, estava eu no telefone com Hannah. Ela tem lutado com três problemas que parecem similares aos que Acaz deveria ter enfrentando naquela manhã perto do Tanque Superior.

Primeiro, Hannah tinha enormes dúvidas sobre a bondade de Deus.

Segundo: tinha pensamentos paralisantes a respeito de um futuro incerto.

Por último, ela sabe que se tornou terrivelmente autocentrada. Está desencorajada porque, ao que parece, não consegue parar de pensar em seus próprios problemas. É como se tivesse dando voltas na mesma pista: volta após volta, sem sair do lugar.

Hannah está espiritualmente madura para perceber que algo está errado nessa situação. Mas também sabe que está sendo assombrada pelas memórias de tantos abusos quando criança: ela sofreu com abuso sexual. Hannah me disse ontem à noite: “Joni, sinto-me como se eu fosse a deficiente de verdade, e não você.” Eu entendia o que ela queria dizer, entendia aqueles sentimentos que aprisionavam: as dúvidas, os medos, o sempre-pensar-em-si-mesmo.

Fiz silêncio por um tempo, esperando virem do Senhor as palavras para dizer a ela.

De repente me lembrei de uma menininha chamada Jenny.

A mãe de Jenny é uma prostituta que vive entrando e saindo de motéis, e trabalha no lado leste do Vale de São Fernando, na Califórnia. Os serviços sociais de Los Angeles tiraram Jenny de sua mãe quando ela tinha cinco anos de idade — mas, naquela época, a menina era vítima de abuso sexual havia anos. Eles a entregaram para minha amiga Rebecca, que já havia adotado a meia-irmã mais velha de Jenny. Expliquei a Hannah como, juntamente com Rebecca, unira-me em oração por essas duas menininhas, que, tão jovens, já acumulavam tantos traumas psicológicos.

Hannah ouviu tudo. Finalmente, pedi a ela: “Hannah, você poderia orar por Jenny, por favor? A menina de seis anos de idade?”

Fez-se uma longa pausa, um silêncio do outro lado da linha. Por fim, Hannah disse: “É claro. Sim. E vamos orar por todas as Jennys que não têm uma mãe adotiva como Rebecca.”

Uma de nós lembrou-se da palavra de Jesus a seus discípulos “Vocês não dizem: ‘Daqui a quatro meses haverá a colheita’? Eu lhes digo: Abram os olhos e vejam os

campos! Eles estão maduros para a colheita.” E, “peçam, pois, ao Senhor da colheita que envie trabalhadores para a sua colheita” (João 4:35 e Mateus 9:38).

Lá, ao telefone, concordamos ainda que, apesar da carência ser grande, trabalhadores como minha amiga Rebecca são poucos.

Nesse exato momento Hannah vivenciou uma mudança divina de perspectiva. No lugar de ver a assombrosa natureza de seus próprios problemas, ela havia “erguido seus olhos” além de si para ver a necessidade de outra pessoa.

“Joni”, ela disse, calmamente. “Eu quero ser um desses trabalhadores. Quero ajudar menininhas que passaram por problemas ainda piores que os meus.”

Quando nossa conversa terminou, Hannah havia feito uma grande curva em seu caminho. Havia aprendido que as dúvidas, medos e egoísmo são realmente o oposto da fé, esperança e amor descritos em 1Coríntios 13. Ela sabe que ainda lhe faltava a fé e a esperança, e batalhava com as dúvidas e os medos. Mas a pequena Jenny lhe mostrou que a resposta ao egoísmo não é a autocrítica, mas simplesmente o amor: um amor que alcança além de si mesmo e focaliza em ajudar aqueles cuja peleja é ainda pior que a nossa.

Agarre-se à esperança

Preciso de toda esperança que puder guardar, e não estou com vergonha de admitir. Tenho uma deficiência, as coisas não são fáceis, e sobrevivo pela esperança. Amo tudo o que tenha a ver com esperança. Uma paráfrase contemporânea das palavras de Paulo em Romanos 15 coloca dessa maneira:

> Oh! Permita que o Deus de nova esperança preencha-o com alegria, preencha-o com paz, para que suas vidas de crença, preenchidas com

> a energia vital do Espírito Santo, abundem com esperança![51]

Assim, quando confiamos em Deus nas horas mais difíceis, ele nos fornece ainda mais esperança, estimulado pela alegria e paz de nossas mentes e corações. Um cristão que está pleno de júbilo, em paz com aquilo que o cerca, é o cristão que tem esperança. Ele possui o Deus da esperança acima e à frente de seu coração.

É por isso que mantenho uma pintura feita com giz pastel sobre meu cavalete (o mesmo desenho está sobre meu cavalete há mais de um ano). É a cena de uma igreja na floresta, coberta de neve, com as montanhas à distância. Comecei a pintá-la há mais de um ano, esperando terminar em pouco tempo.

Mas não foi assim que aconteceu.

Por conta da dor que tenho sentido nas costas, precisei ficar distante do cavalete, segurando o lápis entre meus dentes e inclinando-me em um ângulo esquisito para desenhar... Como resultado, isso só traz mais dor. Mesmo assim, muitas vezes me pego entrando em meu ateliê para olhar para o rascunho não concluído que ainda está lá, sobre o cavalete. Recuso-me a retirá-lo de lá e colocar em meu arquivo.

Por quê? Porque tenho esperança. Acredito — realmente — que, em algum ponto do futuro, talvez em poucos meses, terei condições de voltar ao desenho sem interrupções. Minha arte é um ministério e, mesmo se eu terminasse fazendo apenas traços, no lugar de uma pintura completa... tudo bem.

Coloco em Deus toda a esperança. Confio que ele tem me dado um talento para usar em sua glória, para encorajar meus irmãos e irmãs em Cristo.

Não sei quando será, porém sei que voltarei a desenhar.

Não estou me enganando. Isso é esperança, extraída dos profundos poços contidos no Deus da esperança.

Não olhe para o muro

Começamos esse capítulo com a história sobre um jovem rei que estava tão amedrontado que não conseguia absorver as palavras de Deus de conforto e esperança, embora estivesse muito próximo ao profeta do Senhor.

Acaz não conseguia despregar os olhos do horizonte Norte, por onde ele sabia que os dois exércitos inimigos estariam atacando em breve.

Meu amigo Dan, piloto de corridas, teria algumas palavras apropriadas para o rei de Judá (caso ele não quisesse dar ouvidos a Isaías). Ele diria: “Acaz! Cara, você tem olhado para o muro. Vire o volante para os espaços abertos!”

Dan tem visto muitas voltas na pista. Não posso dizer que entendo muito sobre esse esporte — ou da paixão para arriscar a vida e os membros viajando às altas velocidades em que esses motoristas dirigem. Mas certamente dou valor ao amor de Dan e seu entusiasmo por seu carro e pela sua equipe.

Há algum tempo perguntei a Dan sobre o acidente de carro de Dale Earnhardt em 2001, que levou a vida desse grande astro das corridas de *Nascar*. A cena horrível está no Youtube agora, sendo vista por milhares de pessoas.

À medida que você assiste, fica óbvio que Dale não conseguiria escapar daquele mergulho contra o muro. Sua velocidade e a trajetória de seu carro tornariam a fuga impossível. Perguntei a Dan se esse é o tipo de situação que acontece com frequência numa pista de alta velocidade.

“Ah, sim”, ele disse. “Os caras nos carros muitas vezes entram em um rodopio ou batem em uma lombada e veem os muros chegando na direção deles. Mas vou lhe contar uma coisa que eles não fazem, Joni. Eles não olham para o muro! Seu instinto natural os leva a ver o muro, mas seu treinamento os leva a manter os olhos na pista e usar o volante para sair do rodopio. Você sabe como é: se eles olharem para o muro, vão congelar. Seu corpo reage assim, você não consegue evitar. Porém, se você olhar lá para a

pista e girar o volante para os espaços abertos, todas as suas terminações nervosas estarão concentradas nisso, não em preparar-se para o impacto."

É assim com a natureza humana. Quando fixamos nossos olhos na provação à nossa frente, deixamos que o medo tome conta de nós. Dizemos a nós mesmos: "Isso é impossível! Nunca vou conseguir me livrar dessa! Nunca irei me recuperar! É melhor me preparar para o impacto, porque será um golpe duro. AAAAAHHHHH..."

Após ter escutado Dan e sua sabedoria como piloto de corridas, dou-me conta de que a chave é tirar os olhos do muro e começar a se concentrar no futuro e em suas oportunidades (virar o volante para os espaços abertos!), no lugar de se concentrar nos dilemas que nos congelam e levam à impotência.

O apóstolo Pedro foi bravo em caminhar sobre a água em direção a Jesus, porém tirou o foco do Senhor e olhou para o muro. Seus instintos naturais o fizeram preparar-se para o impacto. O que teria acontecido aos israelitas cruzando o Mar Vermelho se tivessem parado para contemplar, assombrados, as paredes de água de cada lado, no lugar de terem olhado adiante, rumo ao caminho que Deus havia criado para eles cortando o mar?

Não é de se espantar que o livro dos Hebreus nos fale para mantermos nossos olhos fixos em Jesus, que o autor de Colossenses diga, "coloque seu coração nas coisas do alto" e o Evangelho diga, "erga sua cabeça, pois sua salvação está próxima".

Isso pode muito bem evitar de você bater contra o muro!

E, agora, só mais um pequeno conselho para mudança de perspectiva.

E, por fim, o poder de uma canção

Sempre que estou circulando pelo escritório, pelo saguão, dirigindo pela autoestrada, ocupando-me no quintal ou

sentada na cozinha, eu amo cantar. Ao acordar pela manhã, meu coração já quer cantar. Assim desfruto a rotina diária, cantando.

Você já se perguntou alguma vez se Jesus cantava?

No livro infantil de C. S. Lewis, *O sobrinho do mago*, o grande leão Aslam canta para que surja o mundo de Nárnia. Mas o que diz a Bíblia sobre o Filho do Homem?

Eu acho bem fácil imaginá-lo cantando, solfejando uma melodia enquanto caminhava pela estrada de Jericó para Jerusalém. Sabemos que os judeus de sua época cantavam nas sinagogas e nos dias de celebração sagrada. Não teria a família de Jesus cantado também? Certamente, houve ocasiões em que o coração do Senhor encheu-se de alegria até transbordar, e você sabe que ele deve ter extravasado tanta alegria com uma canção.

Mas será que o Novo Testamento diz isso concretamente? Será que há no compilado dos livros algum registro de canto? Para falar a verdade, há sim. Há somente uma menção, em Mateus 26:30. A cena em que ocorre essa cantoria, no entanto, não é a de nenhuma colina ensolarada, não de quando ele navegou com seus discípulos no barco nem quando ele caminhou por um parreiral ao crepúsculo.

Foi no salão, na noite em que Jesus foi traído. Está registrado que “depois de terem cantado um hino, saíram para o monte das Oliveiras” (Mateus 26:30).

Foi logo antes dele ter ido ao *Getsêmani* e, dali, para a cruz.

De todas as ocasiões e lugares, Jesus escolheu esse momento para nos lembrar do Senhor cantando, o momento que antecede seu sacrifício.

Isso diz muito para mim enquanto cadeirante. Mostra-me como seguir o Senhor através do canto quando meu coração estiver pesado e encarando a desilusão; quando a dor descer com força, quando estou encarando enfermidades ou turbulências, ou quando estou só tentando lidar com mais um dia de paralisia. Efésios 5:19-20 tem um conselho

“musical” para mim. Lá se diz para seguirmos “cantando e louvando de coração ao Senhor, dando graças constantemente a Deus Pai por todas as coisas, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo”.

Você entendeu? Recebemos o mandamento de cantar enquanto damos graças a Deus por tudo! Mais cedo, lemos sobre dar graças “em” todas as coisas, mas, nessa passagem, Deus nos diz para sempre dar graças “por” tudo. Essa pequena palavra, “por”, pode incluir um bocado de dor e sofrimento. Mas talvez seja por isso que Deus nos recorda que devemos cantar.

O fato é, à medida que seguimos seus passos do Monte das Oliveiras acima até o jardim do Getsêmani, enquanto descemos a estrada para o Calvário, também temos de levar nossa cruz e cantar. Como nessa manhã, quando voltei ao trabalho, e circulei pelas portas da frente, cantando:

> *Dia feliz! Que dia feliz!*
> *Quando Jesus lavou os meus pecados.*
> *Ele me ensinou a observar e a orar*
> *e a viver em júbilo a cada dia.*
> *Dia feliz! Que dia feliz!*
> *Quando Jesus lavou os meus pecados.* [52]

Nossa inclinação natural é não cantar quando estamos em sofrimento, claro. Porém, não falamos aqui de nossas inclinações naturais ou nossos sentimentos. Estamos falando sobre cantar como um ato de fé, confiança e devoção ao Salvador que se deu por nós (pense no apóstolo Paulo, que cantou, apesar de seus grilhões, naquela masmorra em Filipos).

Então, queridos, não importa se suas emoções estão para cima ou para baixo, siga a condução do Senhor hoje; para que a mente de Cristo viva em você a cada dia, peça a Deus para simplesmente pôr uma canção em seu coração quando você começar sua cruzada diária ao segui-lo.

Cantar é uma maneira de mudar a perspectiva.

Mas nada acontece até você abrir sua boca e, com fé, cantar a primeira nota!

Oito

A cura definitiva

Quando Cristo me chamar para casa, irei com a alegria de um menino cabulando a escola.
ADONIRAM JUDSON

Ao longo dos anos de minha paralisia, ansiei — desejei, sonhei, chorei e orei — por uma cura de Deus em meu corpo partido.

Após mais de quarenta anos na cadeira de rodas, no entanto, conformei-me que em seu amor, sua soberania e cuidado perfeito — mesmo que muitas vezes incompreensível —, ele escolheu dizer de modo gentil e determinado: “Não, minha filha. Agora não. Ainda não.”

Como resultado, pensamentos sobre a cura definitiva no céu tornaram-se meu foco, minha paixão, minha meditação e minha canção. A cura virá, e não vai ser um trabalho pela metade. A restauração da minha integridade física será apenas uma pequena fração de seu bom plano e propósito em minha vida.

Esses pensamentos trouxeram-me grande paz, mesmo em face de grandes provações.

Em 1995, escrevi um livro sobre o céu, meditações acerca do nosso futuro lar eterno, pois esse tem sido um dos

principais temas do meu ministério, entre o que escrevo, aconselho e palestro, desde sempre.

Mas quando a intrusa hostil, desagregadora e indesejada dor crônica veio à minha vida há dois anos, tornou-se uma terrorista e ladra, roubando-me o repouso, a paz e a habilidade de fazer coisas satisfatórias e frutíferas que Deus havia me permitido desde os anos de tetraplegia. Pintar? Fazer palestras? Escrever? Cantar? Viajar? Gravar programas de rádio e televisão? Planejamento estratégico do ministério? No momento em que escrevo, todas essas atividades tornaram-se infinitamente mais difíceis. Até que algo mude, honestamente não sei por quanto tempo poderei continuar.

Todas as velhas questões sobre a cura física — algumas das quais tratei neste livro — voltaram a mim com um imediatismo renovado e uma urgência daquelas de piscar luz vermelha. Como posso explicar isso? É como pensar que você preencheu todos os requerimentos e concluiu um curso na faculdade só para descobrir que, na verdade, você não passou, e que você tem de enfrentar agora uma complexa e abrangente prova.

Eu havia “me acostumado” com a paralisia, se é que posso dizer assim. Mas não sei como poderia “me acostumar” com a dor latejante e constante. Eu havia aprendido a lidar com as atribulações, dificuldades e necessidades físicas aparentemente sem fim da tetraplegia, mas não sei como lidar com a agonia ininterrupta. Preciso de resgate. Preciso de redenção. Preciso de cura para esse sofrimento. Preciso que Deus faça alguma coisa, o mais rápido possível.

Costumava ligar para seu número várias vezes durante o dia e à noite. Agora o tempo todo é hora de fazer uma ligação de emergência para Deus.

Costumava orar para maximizar cada dia. Agora oro para sobreviver.

“Salmos ligeiros”

Como resultado dessas mudanças indesejadas em minha vida, tornei-me grande fã do que chamo de “salmos ligeiros”. São aqueles salmos — a maioria deles escritos por Davi — nos quais não faz somente seus pedidos a Deus, mas também um “adicional de urgência” para eles. Em outras palavras: “Senhor, estou fazendo esse pedido (e sei que preciso contar com você), mas realmente não tenho muito tempo de lazer para esperar por sua resposta. Se você não resolver isso bem rápido, então nem precisa se preocupar em responder, porque já estarei frito!”

Ouçam a franca urgência desses antigos gritos por socorro, retirados dos Salmos:

> Tu, porém, Senhor, não fiques distante!
> *Ó minha força, vem logo em meu socorro!*
> (Salmos 22:19)

> Inclina os teus ouvidos para mim,
> vem livrar-me depressa!
> *Apressa-te a ajudar-me,*
> Senhor, meu Salvador!
> (Salmos 31:2; Salmos 38:22)

> Agrada-te, Senhor, em libertar-me;
> *Apressa-te, Senhor, a ajudar-me.*
> (Salmos 40:13)

> Não escondas do teu servo a tua face;
> *responde-me depressa, pois estou em perigo.*
> Aproxima-te e resgata-me (…)
> (Salmos 69:17)

> Livra-me, ó Deus!
> *Apressa-te, Senhor, a ajudar-me!*
> (Salmos 70:1)

Quanto a mim, sou pobre e necessitado;
apressa-te, ó Deus.
Tu és o meu socorro e o meu libertador;
Senhor, não te demores!
(Salmos 70:5)

Não fiques longe de mim, ó Deus;
ó meu Deus, apressa-te em ajudar-me.
(Salmos 71:12)

(...) venha depressa ao nosso encontro a tua misericórdia,
pois estamos totalmente desanimados!
(Salmos 79:8)

Não escondas de mim o teu rosto,
quando estou atribulado.
Inclina para mim os teus ouvidos;
quando eu clamar, responde-me depressa!
(Salmos 102:2)

Clamo a ti, Senhor; vem depressa!
Escuta a minha voz quando clamo a ti.
(Salmos 141:1)

Apressa-te em responder-me, Senhor!
O meu espírito se abate.[53]

Você tem de amar isso. Davi está dizendo: “Oh, vai mais depressa um pouco, Senhor. Sim, eu o honro por sua graça, sua provisão, sua compaixão, e seu livramento. Mas será que poderia pisar mais fundo no acelerador? Talvez mandar o socorro por envio expresso, e não por trem parador”.

Gosto disso. Gosto do fato de a Bíblia reconhecer que iremos nos encontrar em emergências e ocasiões de perturbação profunda — ou medo intenso —, em que precisaremos tão somente de socorro imediato, de uma

injeção emergencial de esperança na principal artéria de minha alma.

Quando Pedro descobriu que a superfície do mar na qual caminhava tornou-se subitamente mais líquida que alguns momentos antes, ele vocalizou talvez a mais curta oração da Bíblia: “Mas, quando reparou no vento, ficou com medo e, começando a afundar, gritou: ‘Senhor, salva-me!’” (Mateus 14:30).

Isto é o que acontece. Estou citando uma oração de Pedro e “salmos ligeiros” por conta própria. Minhas orações por cura voltaram ao nível de urgência — lembrando efetivamente mais os dias em que era uma adolescente assustada em um hospital de Baltimore, do que qualquer outro momento ao longo dos muitos anos que se passaram.

Mas essa crise de vida atual tem também outro efeito: ela sintonizou os anseios do meu coração para a cura definitiva que ocorrerá dentro de muito breve. Meu amigo, minha amiga, isso não é um devaneio ou uma distração prazerosa para mim: é uma linha de vida, de esperança e saúde mental. É um lugar no qual minha mente pode ir quando está difícil demais contemplar o lugar onde estou.

Um desejo de morte?

De modo algum. É um simples anseio pelo conforto, alívio e alegria da casa de meu Pai. Lá, tenho um quarto com meu nome — pago, reservado, aguardando por mim —, Jesus me disse isso.

> Há muito espaço para você na casa do meu Pai. Se não fosse assim, teria eu dito que estou indo em frente para preparar o seu quarto? E, se estou indo prepará-lo, também voltarei para buscá-la para morar onde moro.
>
> (João 14:2-3, paráfrase)

Isso ainda soa mórbido para você? Pois não deveria.

Deixe-me dar um exemplo. Tenho amigos que viajam com mochilas nas costas, e me descrevem as experiências que tiveram. Imagine uma mala de 30 quilos nas suas costas — as alças apertando seus músculos dos ombros — uma longa caminhada com trilhas em zigue-zague e uma ladeira inclinada. Agora imagine que você está fazendo a viagem de retorno, de volta para o começo da trilha, para seu carro, para seu lar. O sol queima, você tropeça em raízes e pedregulhos, você está coberto de pó, arranhões e picadas de mosquitos. Seus ombros doem, suas pernas estão começando a parecer dois rolos de borracha, e você sabe, através da situação de seu tênis de caminhada, que as bolhas serão das maiores.

Com certeza, ainda pode desfrutar de uma boa conversa com seus amigos de trilha. Você pode estar caminhando sobre um terreno espetacular — com vistas para montanhas por todos os lados, uma fauna fantástica, nuvens em formato de algodão deslizando por um céu azul, e adoráveis riachos serpenteando pelos campos. É tudo muito bonito de se ver, e parte de sua alma reconhece cada cena de beleza e dá graças ao poderoso Criador.

Mas, acima de tudo, você quer voltar para casa.

Você não pode esperar para tirar a mochila das costas, os tênis de seus pés exauridos, sair daquele sol inclemente que consome sua energia, beber alguma coisa extremamente gelada, entrar em um banho quente cheio de espuma, e começar a contar a seus entes queridos sobre sua jornada.

É o anseio dos santos no livro dos Hebreus:

> Todos estes viveram pela fé, e morreram sem receber o que tinha sido prometido; viram-no de longe e de longe o saudaram, reconhecendo que eram estrangeiros e peregrinos na Terra. Os que assim falam mostram que estão buscando uma pátria.

> Se estivessem pensando naquela de onde saíram, teriam oportunidade de voltar. Em vez disso, esperavam eles uma pátria melhor, isto é, a pátria celestial. Por essa razão Deus não se envergonha de ser chamado o Deus deles, pois lhes preparou uma cidade.
>
> (Hebreus 11:13-16)

Esses, exaustos e cansados da longa jornada, viram uma cidade brilhando no claro horizonte, e sabiam do que se tratava: seu lar. O único lar que realmente desejavam. Estavam cheios de anseio e forte saudade por um lugar que nunca haviam visto, mas que realmente compreendiam como casa.

“Felizes para sempre”

Todos temos aquele livro especial que nos foi passado por alguém, e não sou exceção. Estou pensando em um grande livro vermelho de fadas que ficava em uma prateleira no quarto de minha irmã. Tinha guardas lindas, e cada história era ilustrada com uma porção de detalhes.

Até o dia de hoje, se você perguntasse para mim qual era a aparência do flautista de Hamelin, eu poderia dar uma descrição exata — desde seu chapéu engraçado aos sapatos pontudos. Até mesmo quando vejo carvalhos com os galhos enroscados, penso nas ilustrações daquele grande livro vermelho de fadas.

E que memórias maravilhosas! Posso até fechar os olhos e ouvir o papai subindo as escadas de noite para nos ajudar a dormir. Ele abriria aquele livro e leria para Kathy e para mim. *João e Maria, Cachinhos Dourados, Chapeuzinho Vermelho e Os três porquinhos* (será que ainda se leem essas histórias para as crianças?) Eram histórias clássicas sobre o bem e o mal, e a melhor parte estava sempre ao fim da história.

A voz de meu pai ficava mais lenta quando ele lia aquelas palavras finais e acalentadoras: “E assim viveram felizes para sempre.” Isso queria dizer que João e Maria viveram, e que a bruxa má morreu, que Chapeuzinho Vermelho sobrevivera, e que o Lobo Mau fora expulso e que outro lobo fora expulso pelos três porquinhos, que viveram em paz, brincando. É maravilhoso viver feliz para sempre.

Não importa o quão pequena seja a criança — não importa o que acredita a respeito de Deus e do céu — todos os meninos e meninas instintivamente sabem o que significa “felizes para sempre”. Você não precisa ensiná-los sobre isso. As crianças se dão conta de que esse mundo é cheio de lobos maus, bruxas e ursos malvados. Estão cientes de que nem tudo está certo no mundo, que há coisas erradas e que todos esperamos — ansiamos — pelo momento em que seremos felizes para sempre. Quando encontraremos, por fim, o príncipe encantado que nos dará um final feliz a toda essa estranheza terrena.

Isso soa um tanto bíblico, não?

Simplesmente porque é bíblico!

O livro de Eclesiastes diz que Deus colocou a eternidade no coração do homem. Não podemos identificar com precisão, mas está lá, com certeza. Essa ânsia pela eternidade, a vontade de que tudo fique “certo”, de viver feliz para sempre.

É por isso que a fé em Jesus nos satisfaz incomparavelmente. Pois somente em Cristo todos os anseios serão atendidos, todas as esperanças serão realizadas e cada ânsia por paz e bem-estar será finalmente respondida. Através dele culminará a batalha que resultará no fim de todas as coisas más.

Há um final feliz logo em frente. Eu quase posso ouvir seus passos se aproximando. Jesus, venha depressa!

Em conflito?

Será que estou em conflito quando reflito sobre essas coisas? É claro que estou. Como poderia estar de outra maneira — como qualquer um de nós poderia estar? Temos um endereço temporário aqui, nesse planeta, mas sabemos, sem dúvidas, que somos cidadãos de outro lugar. Na verdade, a verdadeira essência de quem realmente somos já está efetivamente com Cristo no céu, como diz Colossenses 3:1.

Portanto, sim, estou em conflito.

Por um lado, gostaria de estar com o Senhor Jesus — não há hesitação nisso. Eu realmente quero que ele feche a porta para Satanás e para o sofrimento. Chega de morte, chega de dor, chega de pesar, chega de cadeira de rodas, chega de muletas e pernas flácidas. E, quando leio a Bíblia, vejo toneladas de versículos que nos encorajam a fixar nossos corações e mentes nas promessas celestiais de Deus. Deparo-me todo tempo com versículos que tratam de como é bom ansiar pela volta de Cristo e pela chegada no céu.

Pois bem, do mesmo modo, nos deparamos com a mesma quantidade de versículos que afirmam o nosso dever de arregaçar as mangas e trabalhar duro aqui na Terra. Coloque sua mão no arado — trabalhe, porque a noite vem chegando —, invista em seus talentos. Um exemplo disso é o próprio apóstolo Paulo que, por mais que desejasse profundamente estar no céu, pensa duas vezes, e então diz a seus amigos na igreja: “É melhor que eu permaneça.” E prossegue: “Trabalhem sua salvação com medo e tremor. Plantem as sementes, sacudam o sal, façam brilhar, convertam-se em pescadores de gente, espalhem as boas novas, viajem às partes mais distantes da Terra. Temos muito trabalho a fazer! É preciso espalhar o Evangelho!” (Filipenses 1, paráfrases)

A verdade é que a Bíblia comunica as duas mensagens ao mesmo tempo. E onde fica o céu nisso tudo? Aí é que eu entro em conflito. Assim como o apóstolo, estou profundamente desejosa de ir estar com Jesus. No entanto, por outro lado, muitos de meus amigos, parentes e

conhecidos na minha comunidade ainda não conhecem Cristo. Então tenho de manter minha mão no arado, trabalhar duro e plantar as sementes, fazendo-as brilhar e crescer!

Mas isso significaria que não estou ansiando pela volta do Senhor com a mesma urgência?

Estava pensando sobre isso com uma amiga essa manhã. Conversávamos sobre as muitas pessoas que conheço e que não estão salvas. Conversamos também sobre o trabalho diário (algumas vezes especialmente pesado) de arar os sulcos no parreiral de Deus e com justiça exigir a terra para o Senhor. Eu a expliquei que algumas vezes me sentia em certo conflito por não desejar tão desesperadamente pelo céu, porque ainda resta muito trabalho a fazer aqui na Terra.

Sabe o que ela respondeu?

Ela citou Apocalipse 22:20: “Aquele que dá testemunho destas coisas diz: ‘Sim, venho em breve!’ Amém. Vem, Senhor Jesus.”

Olhei meio intrigada para minha amiga, e ela então explicou: “Talvez seja por isso que diz ‘Vem’, como quem diz ‘Vem logo.’”

Foi como se uma luz cintilasse em minha mente. Sim, há trabalho para fazer aqui na Terra, mas não preciso pensar que estou ansiando excessivamente pelo céu, porque a Bíblia pede que ele venha logo. Em outras palavras, ainda que haja muito trabalho a fazer, pessoas a vencer e coisas a conquistar, mesmo à luz dessas coisas, temos de ansiar em paz e dizer de todo coração: “Venha logo, Senhor Jesus”.

E eu gostaria de enfatizar esse “Logo”.

Farei isso através de quatro simples meditações sobre o céu de um mochileiro que o vê e não pode esperar para dar o último passo da trilha, concluir o percurso, deixar a mochila deslizar de suas costas, e abraçar seu Salvador — seja hoje, amanhã, na semana que vem, ou daqui a vinte anos.

Meditação número 1: muito fácil de se contentar?

As boas coisas dessa vida são só um relance do que está guardado para nós, filhos e filhas de Deus. O problema é que estamos tão presos ao aqui e agora que terminamos por ficar por demais satisfeitos com as coisas boas daqui de baixo, na Terra. Inclinamo-nos a esquecer das coisas ainda melhores que estão por vir.

C.S. Lewis disse uma vez que, se considerássemos as fabulosas promessas de recompensas adiantadas pelos Evangelhos,

> Pareceria que o Senhor acha nossos desejos não demasiadamente fortes, mas demasiadamente fracos. Somos criaturas um tanto desanimadas, deixando a vida nos levar, quando a infinita alegria nos é oferecida. Como uma criança ignorante que quer continuar a fazer bolos de lama em uma favela porque não pode imaginar o que significariam férias à beira-mar. Somos muito fáceis de se contentar.

Somos facilmente contentados desde a infância. Isto é um fato e posso ilustrar isso com minha própria experiência.

Crescendo em Baltimore, no estado de Maryland, só a ideia de ir para as montanhas já me deixava encantada. Quando era jovem, meu pai e minha mãe anunciaram para a família que iríamos fazer uma viagem até as Montanhas Rochosas. *Montanhas.* Era tudo o que eu precisava escutar. Fiquei tão animada com a ideia de escalar as rochas. Sempre ouvira falar das magníficas vistas que se tinha a partir desses grandes picos. E eu esticava minha imaginação ao limite, pensando sobre como seria ver, do carro, os penhascos que cortavam o céu.

Quando começamos nossa viagem, só levamos um dia ou dois para chegarmos às Montanhas Apalaches. Paramos em uma porção de mirantes e estava extasiada pela

oportunidade de caminhar pelas colinas. Tudo parecia tão lindo e amplo — não poderia imaginar um lugar mais bonito que aquele.

Em resumo: eu não queria seguir adiante. Por que deveria? Eu queria ficar. Estava mais do que contentada.

Prosseguindo em nossa jornada, descemos dos Apalaches e seguimos pela planície do meio-oeste norte-americano. Eu tinha certeza de que meus pais haviam errado de caminho. Pensei: “Vamos voltar para os Apalaches! Quem quer saber das Rochosas?” No entanto, tudo o que eu conseguia ver, em milhas à nossa volta, era chato e plano como uma panqueca.

Mas posso até hoje lembrar-me do êxtase que foi ver aquelas magníficas rochosas surgindo altas, do meio do nada. Montanhas com as quais eu nunca tinha sequer sonhado. Foi como se estivesse esquecido tudo sobre os Apalaches.

Sim, nós, os humanos — tão entretidos com o presente, o aqui e agora, tão envolvidos nas coisas que podemos tocar e ver — estamos por demais contentados.

Só precisamos deixar de nos contentar em fazer bolos de lama aqui embaixo, na Terra. Férias à beira-mar nos foram oferecidas. Uma viagem às montanhas maiores e mais majestáticas que jamais poderíamos imaginar. E é melhor nos darmos conta — e começarmos a viver conforme — de que as boas coisas na Terra são meros relances das infinitamente melhores que temos à frente.

Meditação número 2: o melhor do melhor

Como você descreveria o céu para alguém que nunca ouviu falar sobre ele ou na Palavra de Deus?

Algumas vezes, quando quero compor uma pintura do que será o céu — especialmente para aqueles que não acreditam em Deus — eu tomo emprestadas as palavras do profeta Isaías, deixando que ele monte a cena:

> Neste monte o Senhor dos Exércitos preparará
> um farto banquete para todos os povos,
> um banquete de vinho envelhecido,
> com carnes suculentas e o melhor vinho.
> (Isaías 25:6)

Quando leio esse versículo da Bíblia para as pessoas — particularmente para os não cristãos — elas me olham e dizem “Como é?”. Nunca em sua vida tinham escutado tal coisa. Sua ideia de céu era a de um bando de santos fantasmagóricos sentados por aí em nuvens, cercados de anjos dedilhando harpas. Nunca pensaram que o céu pudesse ser tão… como a Terra.

Ou será que não?

O que Isaías está tentando passar é que o céu é real. Muito mais real que qualquer coisa que possamos ver, tocar, ou experimentar nesse mundo.

Não é só carne: é a melhor das carnes.

Não é só vinho: *é o melhor* dos vinhos.

Tudo será muito melhor que qualquer coisa que tenhamos vivenciado ou experimentado na Terra. Também digo a esses que não creem: “As coisas mais belas e agradáveis que podemos desfrutar aqui nesse planeta são apenas dicas, amostras e presságios — meros rabiscos a lápis em um papel de embrulho — de coisas mais grandiosas e mais gloriosas. Os prazeres terrenos são apenas sombra de suas realidades no céu.”

Continuo: “Estarei sentada na ceia matrimonial do Senhor, com Moisés, brindando com Martinho Lutero e o rei Davi, e dando abraços no profeta Daniel. Irei olhar para cima e quem virá em minha direção serão meu pai e minha mãe e, antes que você se dê conta, vamos começar a gargalhar, limpando os olhos para tentar parar, e então voltaremos a gargalhar, dizendo: ‘Estamos aqui, eles estão aqui, você está aqui.’ E Jesus Cristo abrirá nossos olhos para a grande fonte de amor em seu coração, além de tudo o que vivenciamos

na Terra. E, quando finalmente pararmos de rir e chorar, o próprio Jesus secará as lágrimas de cada um. Isso mesmo, de cada um" (Apocalipse 21:4, paráfrase).

Por fim, falo a esses que não acreditam ou desconhecem a mensagem: "Você está preparado para o céu? Está preparado para encontrar seu Criador? É um lugar sagrado, feito para habitantes santos. Permita-me explicar como você poderia se preparar."

O céu está chegando. E ele é real.

Eu realmente quero que você — e todos os meus amigos — estejam lá.

Meditação número 3: semeado na desonra, criado na honra

Há um anel especial que tem sido passado por toda a minha família — um lindo anel de diamante sobre base de platina —, uma antiguidade. Eu o possuí por alguns anos, mas em seguida o passei adiante para minha sobrinha Jayme Kay.

É um anel deslumbrante — possui um diamante de um quilate. Mas se você olhar bem de perto, através da pedra translúcida, verá um pequeno ponto de carvão preto na pedra. Agora eu me dou conta de que era uma falha menor, mas isso me faz lembrar de onde vêm os diamantes, isto é: de seus começos.

O diamante é, claramente, o material mais duro formado naturalmente no planeta, reputado por sua resistência, durabilidade e beleza admirável. O nome dessa pedra preciosa veio de "adamas", a palavra grega para "invencível".

Formado através de incrível pressão e temperaturas inimagináveis dentro do manto da Terra, um diamante começa como um pedaço de carbono no interior do planeta. Uma vez garimpado, eles são separados em milhares de categorias, de acordo com o formato, qualidade e cor. Não há, por exemplo, dois diamantes iguais no mundo.

Cada diamante, no entanto, começou igualmente como um carbono que por fim tornou-se uma gema preciosa e belíssima. Semeado na desonra, é semelhante a um pedaço de carvão. Crescido na honra, o carbono pode tornar-se uma gema preciosíssima. É um exemplo que sempre me faz pensar em 1Coríntios 15:42-44:

> Assim será com a ressurreição dos mortos. O corpo que é semeado é perecível e ressuscita imperecível; é semeado em desonra e ressuscita em glória; é semeado em fraqueza e ressuscita em poder; é semeado um corpo natural e ressuscita um corpo espiritual. Se há corpo natural, há também corpo espiritual.

Que lição pode um pedaço de carbono nos dar, ao servir de modelo de quão fantásticos, admiráveis e incalculavelmente diferentes — e ainda assim o mesmo — serão nossos corpos glorificados no céu em relação a nosso corpo terreno. O céu será tão indizivelmente glorioso e seremos tão diferentes e melhores do que somos hoje quanto um diamante é diferente e muito melhor que uma peça de mineral primário.

Gostaria de meditar sobre isso enquanto sento-me em minha cadeira de rodas. Meu corpo não era assim grande coisa quando estava sobre meus pés há tantos anos atrás, mas está bem pior agora — com os músculos atrofiados, as mãos e dedos disformes, e os ossos deteriorando com suas agonias constantes.

Agora, tente compreender isso por mim: se eu pudesse ter um corpo como o seu, — que efetivamente funciona — bem, isso seria fantástico! Eu sentiria como se já estivesse no paraíso, caso pudesse correr, caminhar e segurar as coisas com minhas mãos. Mas a verdade maravilhosa a respeito de 1Coríntios 15 é: no céu, eu não apenas voltarei a ter as minhas funções corporais da forma terrena como esperava.

Não é isso. Será algo muito maior: receberei um corpo glorificado — que me servirá perfeitamente para o novo céu e para a nova Terra.

Acho interessante que um diamante seja, em sua essência, a mesma coisa que o carvão. A única diferença é como o tempo e a pressão criaram uma substância inteiramente nova. Do mesmo modo, meu amigo e minha amiga, meu corpo celestial será uma nova e melhorada versão desse corpo que agora habito. A única diferença está no modo como o tempo e a pressão (bastante pressão) irão transformar essa veste terrena em algo tão radiante e perfeito que irá brilhar como uma estrela no céu à noite.

Meditação número 4: a realização absoluta

Sentar em uma cadeira de rodas por mais de quatro décadas tem me enchido de uma vida inteira de lembranças, principalmente de como eu era quando estava sobre meus pés — desde sentir meus dedos nas teclas frias de um piano, mergulhar no quebra-mar na maré alta, descascar uma laranja e até segurar a mão de alguém que amo.

Essas memórias inundam cada nervo e fibra de meu ser, incendiando a minha imaginação. Qualquer coisa que eu tenha perdido aqui na Terra — seja a habilidade de segurar e sentir as coisas ou de conseguir andar e correr — será recuperada no céu. E não apenas “recuperado”! Mesmo as melhores memórias de andar e correr ou nadar e cavalgar serão como sussurros ou imagens em jornais desbotados em relação ao que terei no céu.

E nossa relação com o Salvador? Oh, será bem, bem maior! Porque o sussurro de cada boa coisa na Terra encontrará plenitude e realização no céu. Farei bem mais do que descascar laranjas, tocar uma flor ou correr por um campo. Sem dúvida, estas são coisas boas e memórias preciosas. Mas são apenas dicas e promessas de coisas mais maravilhosas que ainda virão. Sim, eu certamente amo o

Senhor Jesus na Terra. Mas, no céu? Em sua presença física? Uau, eu o amarei com a mesma pureza, perfeição e grandiosidade com que ele me ama. Não consigo nem mesmo imaginar o quão maravilhoso será, mas a Bíblia promete-me que, um dia no céu, a Joni terrena se tornará a gloriosa Joni que Deus se agradou em ter.

A melhor coisa a respeito do céu não será correr ou caminhar, tocar ou segurar. A melhor coisa sobre o céu será um coração puro, que não sentirá mais o peso do pecado e do egoísmo. E posso dizer isso da cadeira de rodas. Corpo glorificado? Sim, eu o desejo. Mas um coração puro e glorificado é a melhor parte!

Um sonho celeste

Sonhei com o céu outro dia.

Nele, eu estava sobre meus pés, não sentada em uma cadeira de rodas. Não tenho esse tipo de sonho com muita frequência, mas quando o tenho, é um deleite.

Na verdade, eu estava lendo o livro do Apocalipse, a parte sobre Deus limpar nossas lágrimas. Fiquei pensando — maravilhada — sobre o dia em que isso será feito por Deus — e não por meu marido, meus amigos, anjos ou mesmo minhas próprias mãos — e em seu prazer por secar minhas lágrimas.

De qualquer modo, estava sentada em frente ao meu velho piano — o mesmo piano negro de cauda da sala dos meus pais. Antes do meu acidente e da paralisia, tive aulas de pianos naquele instrumento. Ao contrário de algumas crianças — que detestam suas aulas de piano — eu amava aquilo.

Em meu sonho, curiosamente, não podia ver a mim mesma sentada na banqueta do piano, só conseguia ver minhas mãos. Estava me observando tocar uma peça de Schumann, uma de minhas favoritas, intitulada “*Romanze*” — a mais adorável das peças que ele compôs para o piano. E

aqui está a parte mais impressionante: eu sabia que estava tocando após meu acidente ter acontecido. E me perguntava, sentada, vendo-me tocar: “Como é que ainda me lembro disso? Faz séculos que não toco essa coisa!”

Mas o inacreditável em meu sonho foi que minhas mãos e dedos tinham decorado todos os movimentos das teclas, todos os acordes e todas as modulações, onde um compasso da música levava ao outro — meus dedos a tudo conheciam. E, enquanto eu estava lá — sentada, tocando e sorrindo —, posso lhe dizer que me sentia deliciada.

Acordei espantada e me perguntei imediatamente se aqueles, de fato, seriam as notas e acordes corretos para a peça que tocava em meu sonho. De algum modo, eu não conseguia fazer meu cérebro esquecer daquilo. É como decorar as Escrituras ou um velho hino, não é? Você compromete sua memória com algo, pratica-o através de muitas repetições — a fim de o conhecer de cor — e, quando o tempo passa e você acha que já o esqueceu — pimba! — eis que a ideia reaparece.

Oh, meu amigo e minha amiga, o céu será maravilhoso. As vistas, os sons, as pessoas, as coisas e amigos que faremos, os lugares que exploraremos, o reino que governaremos, as coisas divertidas que aprenderemos, a alegria de estar com o nosso Deus, o louvor de coração aberto que daremos ao nosso Salvador, os anjos, os anfitriões celestes. E a música? Basta imaginar-se seguindo o rio de música até sua fonte primária — a nascente celestial e sublime que está em Cristo.

Sim, eu tive um sonho, e então acordei de volta à Terra com toda a dor e pressão de mais um dia.

Isso me lembra da história que alguém me contou sobre um homem em seu leito de morte. Seu pastor vinha acompanhando-o ao seu lado, segurando sua mão e fazendo-lhe companhia. O homem moribundo havia se adormecido por um tempo, e quando abriu os olhos, perguntou:

—“É você, pastor?”

—“Sim, sou eu” — o ministro respondeu — “Ainda estou contigo.”

—“Oh” — gemeu o homem— “Estou tão desapontado! Eu achei que ia ver Jesus, e é só você!”

Logo, no entanto, o homem esvaiu-se dessa vida terrena. E não podemos ter dúvidas: quando ele abriu seus olhos na próxima vez, não se desapontou nem um pouco.

Longe disso!

Nove

O sofrimento e a colheita

Aqueles que semeiam com lágrimas, com cantos de alegria colherão. Aquele que sai chorando enquanto lança a semente, voltará com cantos de alegria, trazendo os seus feixes.
SALMOS 126:5-6

Comecei esse livro descrevendo essa temporada específica de minha vida como uma guerra franca contra a dor ininterrupta.

Certamente, eu já travei muitas batalhas ao longo dos anos, em muitas frentes diferentes. Porém, no tempo da sabedoria e soberania de Deus, ele escolheu permitir esse momento em minha vida, próximo ao meu sexagésimo aniversário, quando a guerra tornou-se extraordinariamente intensa.

Talvez seja como você está em sua vida, hoje. Contra sua inclinação e seus desejos, você teve de se tornar um lutador. Poderia ser uma luta por seu casamento, uma batalha pelo emprego ou pelas finanças, uma longa batalha pela guarda de um filho ou uma queda de braço com a burocracia para adotar uma criança. Talvez você tenha um filho ou filha com necessidades especiais e, cada dia parece-se com uma batalha árdua somente para manter a cabeça para fora

d’água. Ou talvez, como eu, você tenha de subir ao ringue pela milésima vez com uma dor latejante e cruel.

Ninguém deseja uma guerra pessoal, e todos que vivenciam alguma gostariam de se livrar dela. Mas, em Cristo, no entanto, as próprias tribulações não são desperdiçadas. Como ferramentas nas mãos de um Deus amoroso e soberano, essas mesmas batalhas que nos trazem frustração, ansiedade e lágrimas, trarão de volta benefícios a nossa vida multiplicados por mil.

Eu disse multiplicado por mil? O apóstolo Paulo desprezaria esse número, afirmando que seria ridículo até tentar comparar. Ele escreveu: “Considero que os nossos sofrimentos atuais não podem ser comparados com a glória que em nós será revelada.”[54] O escritor do livro dos Hebreus nos lembra que, se suportarmos nossas dificuldades atuais com amorosa disciplina, será produzido em nós “fruto de justiça e paz para aqueles que por ela foram exercitados.”[55]

Para mim, a dor tem sido grande... mas também tem permitido a colheita.

Entre outras questões, meu conflito pessoal trouxe um benefício inegável: é um vívido lembrete da guerra sem fim entre o reino das sombras e o reino da luz, ocorrendo no mundo neste exato momento.

Algumas vezes, quando nossos dias estão confortáveis e fáceis, quando estamos embrulhados na tépida rede da família, amigos, atividades diárias e abundância de recursos, podemos nos esquecer das mais básicas realidades (como acontece com a minha vida): somos um grande corpo mundial no qual acontece muito sofrimento.

Algumas pessoas usam equipamentos eletrônicos para lembrá-las dos eventos e compromissos em suas vidas: telefones celulares e agendas eletrônicas que soam campainhas com clipes musicais dançantes.

A dor física também é um lembrete.

É uma vara pontuda e incansável para lembrar que muitos homens, mulheres e crianças que pertencem a nosso Senhor Jesus estão (nesse momento) também lutando contra a dor.

Ou batalhando contra forças odiosas das sombras, cujo objetivo é o de esmagá-los.

Ou lutando pela própria vida.

Há alguns anos, tive o que você poderia chamar de uma "oportunidade forçada" para orar pelos povos, necessidades e ministérios em quase todos os cantos do planeta. Por conta de minha condição, preciso ser colocada na cama muito cedo, com horas sobrando até estar pronta para dormir.

Em muitas dessas noites, eu costumava passar essas horas conectada em uma rede mundial incomparável (e não estou falando da CNN, Fox, BBC ou do Travel Channel). Simplesmente, comecei a orar por meus irmãos em Cristo espalhados em diversas nações onde sei (ou onde aprendi ao longo dos anos), que há extremos de pobreza, dor, opressão e carência; ou por aqueles que têm devotado seus dias para trabalhar com essas almas queridas.

Quando você assiste à CNN, você acaba absorvendo e escutando as histórias — relatos de assombro — sobre pessoas que suportam todo tipo de desastres naturais e feitos pelo homem, além de tragédias. Mas quando você desliga a televisão e começa a interceder ante o trono de Deus por santos dispersos como poeira de diamantes em todo o planeta, você realmente está se tornando parte da história! E você tem o privilégio de ver essas histórias tristes se modificarem, à medida que Deus entra com sua graça, provisão, esperança e cura milagrosa.

Por algumas pessoas, em uma base que vai mudando, oro semanalmente. Por outras, como minha colega Dor, oro todos os dias.

"África: meu correspondente na dor"

Algumas vezes me sinto desencorajado e penso que meu trabalho é em vão.
Mas então o Espírito Santo reaviva minh'alma.
Há um bálsamo em Gileade que torna novas minhas feridas;
Há um bálsamo em Gileade para curar a alma doente pelo pecado.

Canto esse *spiritual* afro-americano muitas vezes, quando me sinto desencorajada ou cheia de medo e dúvida. Canto quando estou lutando com a ansiedade, pensando se minha deficiência irá piorar. Canções como essas são um encorajamento para mim, e estou feliz pelo senhor ter me dado "canções na noite", como disse a Bíblia.

Mas Deus também me deu outra coisa para encorajar-me quando minha cadeira de rodas começa a me deixar mais triste. É uma fotografia pendurada ao lado da escrivaninha em minha sala. Eu não sei o nome do homem na fotografia e não tenho certeza sequer da cidade em que ele vive. Mas ele é minha inspiração.

Deixe-me explicar o porquê: os membros de nossa equipe *"Our Wheels for the World"* ("Nossas rodas para o mundo") encontraram esse homem, deitado do lado de fora de sua casa, durante uma distribuição de cadeiras de rodas na África. Sua "casa" era pouco mais que um barraco sem teto, feito de blocos de concreto e de folhas de bananeira. Quando os membros de nossa equipe o encontraram, ele estava deitado contra a metade de uma lata de lixo, suas costas fazendo ângulo com a parede (aparentemente, era a única posição que lhe dava algum conforto).

As pessoas do vilarejo sabiam que ele passava por uma grande e constante dor. Ele é cristão, sua igreja ajuda a atender algumas de suas necessidades, e outras pessoas dão-lhe álcool para aliviar a dor. Dia após dia ele segue ali deitado. É tudo o que pode fazer no momento.

Quando meu amigo da equipe ***Wheels*** perguntou se poderia tirar uma foto, o homem disse: “Espere!” e lentamente levantou a camisa até cobrir os ombros. “Agora pode”, ele disse. Esse homem com uma dor mortal ainda possuía o sentido da dignidade humana. E, ele não queria uma cadeira de rodas. Para que lhe serviria uma? Doeria demais tentar usar uma. Ele queria somente que orássemos por ele.

Assim eu faço. Todos os dias.

Romanos 12:4 diz que cada membro do corpo de Cristo faz parte do outro. Esta é uma declaração poderosa, e vale meditar sobre ela. Deus me diz em sua Palavra que estou intimamente conectada com aquele homem sentindo dor. Ele faz parte de mim e eu faço parte dele. Minha vitória contra a dor de alguma forma o ajuda. Por isso que mantenho essa fotografia sobre minha escrivaninha. Sua batalha é minha, e minha batalha também é a dele.

As pessoas que entram no meu escritório algumas vezes me perguntam sobre esse homem na foto. Bem, eu não sei dizer seu nome e posso nunca conhecê-lo deste lado da vida. Mas posso dizer sua história. E, caso comece a sentir um pouco de pena de mim mesma, bastará olhar para cima e lembrar-me de que ele é corpo de Cristo, assim como eu. E cada membro do corpo faz parte do outro.

Talvez você não tenha pensado muito a respeito de Romanos 12:4 e de sua família maior espalhada nos quatro cantos do mundo. Talvez não tenha ocorrido a você por um tempo: há irmãos e irmãs com necessidades, esperanças, sonhos e pesares que caminham com o mesmo Jesus diariamente.

Gostaria que esse curto capítulo pudesse lembrá-lo, quando estiver lutando em épocas difíceis, dificuldades financeiras ou mesmo com graves dores, de que sua família na fé também sofre por situações semelhantes e busca a provisão do Senhor. Lembra-se das palavras de Pedro?

> “Resistam-lhe, permanecendo firmes na fé, sabendo que os irmãos que vocês têm em todo o mundo estão passando pelos mesmos sofrimentos.”
>
> (1Pedro 5:9)

Nas próximas páginas, venha conhecer alguns dos membros especiais de sua família em lugares distantes. Deixe-me apenas acrescentar: eu nunca teria a oportunidade de conhecer esses cristãos (ou ajudá-los) se não fosse por minha deficiência e minha cadeira de rodas.

De Cuba: cura após 47 anos

Jesus é um cubano de 47 anos que não está somente paralisado, mas que também padece de um dano cerebral. Seu pai o trouxe para nossa distribuição de cadeiras de rodas, naquele dia 22 de outubro, que, por coincidência era também o aniversário de Jesus. Uma nova cadeira de rodas e uma Bíblia foram dois presentes de aniversário de que todos na família se lembrariam para sempre. Enquanto a cadeira era melhor ajustada para Jesus, seu pai nos contou o que acontecera no dia em que seu filho nasceu.

Era 1962, durante o que ficou conhecido nos livros de História como o primeiro dia em que o público soube da Crise dos Mísseis Cubanos. Naquele dia, os Estados Unidos ficaram em alerta vermelho, o Presidente Kennedy foi à televisão e os norte-americanos de todos os lugares se prepararam para um ataque nuclear soviético maciço lançado de Cuba. Nos anos mais tarde, o general soviético encarregado das operações, Anatoly Gribkov, escreveu que “a catástrofe nuclear estava por um fio... e não contávamos os dias, e sim minutos”.

O dia 22 de outubro de 1962 foi assustador tanto para os norte-americanos quanto para os cubanos. Haviam dito a eles que seriam bombardeados pelos Estados Unidos, o

governo de Fidel Castro soou um alerta e houve uma corrida insana para evacuar as ruas, incluindo os hospitais. Nesse momento infeliz em Havana, Jesus nascia. Todas as enfermeiras tiveram de deixar o prédio, mas a mãe que estava em dores certamente não poderia. Ela teve de fazer o próprio parto, sem a assistência de ninguém. Durante o processo, seu pequenino bebê caiu no chão e bateu a cabeça, causando dano cerebral permanente. Você pode imaginar a mágoa e o ressentimento que o pai e a mãe de Jesus nutriram pelos norte-americanos desde então.

Então ali estávamos, mais de 46 anos depois. Quinze norte-americanos, presenteando Jesus, sua mãe e seu pai com uma nova cadeira de rodas, assim como o Evangelho de Jesus Cristo para mudar a vida. Esse Evangelho trouxe cura, socorro e esperança para essa família cubana. Jesus ficou muito animado. Seu pai, em meio às lágrimas, nos disse: “Agora vou poder levar meu filho para passear, do lado de fora, em sua cadeira de rodas.”

Você sabe: um desastre nuclear não foi somente evitado naquele mês de outubro, há alguns anos atrás. Um desastre de outra natureza foi evitado, e essa família foi resgatada das sombras espirituais. O Salmo 57:1 diz: “Tem misericórdia de mim, ó Deus, por teu amor; por tua grande compaixão apaga as minhas transgressões.”

Entende o que quero dizer? Essa é só uma pequena história, que jamais teria ocorrido se não fosse meu acidente de mergulho, a paralisia, o repetido “não” que Deus dá a meus pedidos de cura imediata e finalmente os ministérios que começamos e que se tornaram conhecidos como Joni and Friends e **Wheels for the World**.

Foi assim, surgida das dificuldades e do sofrimento, uma vida eterna para uma família cubana que tinha conhecido tanta amargura.

Você pode estar lendo essas palavras sobre nossa equipe em Cuba, e talvez esteja pensando que não estaria muito confortável fazendo o que eles fazem, deixando para trás

sua zona de segurança familiar para socorrer a pessoas paupérrimas em lugares espiritualmente sombrios e, algumas vezes, muito perigosos. Sim, de fato isso pode ser uma proposta arriscada em algumas situações. E, se você decidir nunca tomar parte de tais ações, você evitará alguns desses riscos.

Porém também perderá algumas das dádivas especiais que não poderá encontrar em nenhum outro ponto da vida.

De Camarões: a canção de Joyceline

Tenho uma amiga fisioterapeuta que recentemente recebeu o mais valioso presente que se pode imaginar.

Mas não era um presente normal. De modo algum.

Minha amiga desembarcou em Camarões, um país muito pobre na costa Oeste da África com nossa equipe, pronta para ajudar crianças com deficiências a receberem suas cadeiras de rodas.

Era muito difícil para nossa equipe deslocar-se até o lugar onde deveriam distribuir as cadeiras. Levava seis horas de jipe em estradas inclinadas e mal pavimentadas e, para o caminhão lotado com centenas de cadeiras de rodas, levou o dobro do tempo. Horas mais tarde, a noite estava negra como piche quando chegou a hora de estacionarem no pequeno centro onde estavam todas as pessoas com deficiências.

Elas tinham chegado durante toda a tarde, vindas de vilarejos distantes, literalmente se arrastando na terra, ou sendo carregadas por parentes. Agora aquele pequeno centro — mesmo naquelas altas horas da madrugada — estava tomado de pessoas com deficiências ao chão, cobertas com cobertores finos.

Mesmo assim, as pessoas ficaram extremamente felizes quando nossos fisioterapeutas desceram do caminhão. Nossa equipe deixou os faróis e o motor do jipe ligados, enquanto que as crianças e adultos com deficiências se

deslocavam para o estacionamento, onde celebravam a chegada de nossa equipe com uma canção de boas-vindas. Estavam tão animados que a canção durou mais de uma hora!

Na manhã seguinte, nossa equipe começou a auxiliar cada criança e cada adulto. Havia uma menininha chamada Joyceline, que tinha uma cabeça expandida por conta da hidrocefalia, estava enfrentado a malária e também não conseguia caminhar. Ela foi aquela que observou quietinha tudo o que se passava, sentada silenciosamente no chão com um sorriso tímido, olhos arregalados, sem perder nada.

Ela esperou por sua vez, sem reclamar ou chorar. Finalmente, depois de muitas horas, foi a vez de auxiliar Joyceline em sua cadeira de rodas.

E foi nesse momento que aconteceu o presente extraordinário.

Enquanto minha amiga terapeuta começou a tomar conhecimento das medidas corporais daquela preciosa criança africana, a menininha começou a cantar (como se estivesse sussurrando) uma canção para a terapeuta. Ela colocou sua mãozinha nos ombros de minha amiga, e começou a compor seu próprio canto de louvor.

> *Jesus ama nossos amigos, e ele cuida tanto deles.*
> *Ele o ama por nos ajudar, e compartilhar seu cuidado conosco.*
> *Jesus é quem amamos tanto, estamos felizes em seu amor.*
> *Queremos dizer que amamos você também.*

Joyceline criou essa curta música à medida que a cantava como adoração a Deus, repousando sua mãozinha nos ombros da terapeuta. (Nossos amigos carismáticos podem dizer que ela estava “cantando no Espírito.”)

Naquele dia o Espírito de Cristo permeou todo aquele vilarejo em Camarões, e a equipe da **Wheels** descobriu que os pobres são muitas vezes ricos em fé. E além disso, a fisioterapeuta recebeu o melhor presente de todos: a gratidão dessa adorável filhinha de Deus.

Sim, é claro. Ela havia dado a Joyceline o presente da cadeira de rodas. Mas o que recebeu foi bem mais valioso e realmente não tem preço: a incalculável gratidão da “mais pobre entre os pobres”.

Ainda olho a fotografia de Joyceline, de tempos em tempos, com seu sorriso brilhante e seus olhos radiantes. Um retrato do júbilo de Jesus — que fluía, inexplicavelmente, do sofrimento.

De Uganda: Lázaro, apareça!

O dia final de nossa distribuição de cadeira de rodas e Bíblia aconteceu numa casa de pau a pique em uma pequena vila chamada ***Nyarushanje***.

A senhora Dimbirwe trouxe seu marido, Semu, para receber uma cadeira de rodas. Alguns anos antes, ele havia caído de uma árvore, partido sua perna direita e quadril, e sofreu graves danos cerebrais. Seu queixo pendia sobre o peito, sentado no chão em silêncio, quase catatônico. Era como se todo mundo à sua volta não existisse, ele ficava ali, sentado e encolhido.

Ninguém conversava com Semu, nem mesmo sua mulher. De fato, ninguém nunca conversava com ele. Mas, enquanto esperavam pela cadeira de rodas, um de nossos membros, Dana Croxton, começou a explicar à senhora Dimbirwe a importância de se manter a comunicação com alguém que sofreu dano cerebral.

Erguendo a cabeça de Semu, Dana começou a lhe pedir que executasse algumas tarefas, coisas simples como apertar a mão de Dana ou resistir a um empurrão.

Então o Espírito Santo surgiu com uma coisa que não fazia parte da interação normal entre terapeuta e paciente. Dana começou a conversar diretamente com Semu, dizendo que ele era um homem como qualquer outro, um igual e um irmão, que Deus o amava e que Jesus havia morrido por ele. Dana disse a ele que Deus não tinha raiva por seu ferimento, e que dava muito valor a Semu.

Isso levou uns dois minutos. Os que assistiam à cena devem ter achado que Dana tinha perdido a noção, porque não havia resposta visível da parte do homem debilitado.

Então, de repente, Semu voltou à vida.

Em um instante, o homem machucado ficou animado, gargalhando e falando com uma voz firme de volta a Dana. Logo, os dois homens estavam chorando e se abraçando, enquanto Semu apertava firme as mãos da terapeuta.

Finalmente, logo antes de Dana começar seus ajustes na cadeira de rodas, Semu estendeu as mãos e trouxe Dana para abraçá-lo. Disse então ao ouvido de Dana, em inglês perfeito: “Você é meu irmão, meu amigo, e Deus me ama.”

Todos ficaram espantados e deslumbrados, porém ninguém mais do que a esposa de Semu. Pouco tempo antes ele estava lá, largado e encolhido, sem ninguém que falasse com ele. Ninguém acreditava mesmo que houvesse alguém dentro daquela “casca” de homem.

João capítulo 11 nos dá o relato de Jesus e Lázaro. É um momento de arrepiar os cabelos e desfiar as fibras do coração o momento em que Jesus chama o homem morto, dizendo: “Venha para fora!” E você sabe o que acontece na história a seguir. Lázaro caminha para fora de sua sepultura para o grande espanto de todos.

Bem, naquele dia na pequena vila de Nyarushanje, Uganda, um homem chamado Semu, com graves dificuldades — e provavelmente sofrendo muita dor — saiu de uma sepultura vivo. Pode não ter saído da morte física, como fez Lázaro séculos atrás, mas certamente esse homem

foi retirado da morte espiritual para a vida pelo próprio Filho de Deus.

O milagre aconteceu porque um membro de nossa equipe resolveu não apenas notá-lo, mas, com compaixão e palavras gentis, da mesma forma disse a Semu: “Venha para fora!”

Dana foi atrás dele e o tratou com respeito e dignidade, sabendo que, sim, havia alguém de fato dentro daquela casca física: um homem muito amado por Jesus.

Do Peru: a cadeirinha de rodas vermelha

É sempre muito difícil se conformar quando seu filho parte para se encontrar com o Senhor. Não era para ser assim, as crianças deveriam enterrar seus pais, e não o contrário.

Foi assim que Kim e Jay se sentiram quando sua filha de 8 anos de idade, Lindy, com paralisia cerebral, foi encontrar-se com Jesus após um grave ataque em 1998.

Tudo que lhes restou foi a cadeira de rodas de Lindy. Era uma cadeira vermelha, com cinto e ombreira e alças para os pés, que sustentavam bem a menina nas viagens no ônibus escolar pelas estradas de terra do Estado do Alasca, com tantas poças e buracos.

A Jay e Kim restou um algo a mais, no velório da partida de sua filha. Eles tinham um desejo profundo de honrar a pequena Lindy ao levar pessoalmente sua pequena cadeira de rodas em uma viagem do **Wheels** for the World, para assim dá-la para outra criança deficiente.

Foi assim que Jay e Kim terminaram reunindo-se a nossa equipe no Peru, alguns anos depois do falecimento de Lindy. Quando viajavam para a América do Sul, frequentemente orando juntos, se perguntavam quem poderia estar recebendo a pequena cadeira de rodas vermelha de Lindy.

Ao mesmo tempo, outra mãe e outro pai estavam se perguntando por uma cadeira de rodas. Gladys e Ruben Suarez viviam na pequena vila de Pichus, no alto das

Montanhas da Sierra, a 120 quilômetros a leste de Lima, com seus seis filhos. Por conta de uma paralisia cerebral, seu filho de 11 anos, Christian, não podia caminhar ou mesmo se arrastar, e assim seus pais tinham de carregá-lo para todo lugar que precisasse ir.

Sem uma cadeira de rodas, Christian nunca teve a oportunidade de frequentar uma escola. Esse era o motivo pelo qual Gladys e Ruben oravam, algo que, para eles parecia quase impossível de conseguir. Precisavam de uma cadeira de rodas infantil, uma que tivesse apoios para os ombros e alças para os pés, o tipo de cadeira de rodas que Christian pudesse usar nas estradas esburacadas e cheias de poças em torno de sua vila.

Não é de se espantar que, no dia que nossa equipe chegou a Lima para a distribuição, Gladys e Ruben não se incomodaram em viajar de ônibus por quatro horas, com o pequeno Christian em seu colo. Estavam viajando com grandes esperanças, da mesma forma que Jay e Kim do distante Alasca. Nenhum deles sabia que suas esperanças seriam realizadas em poucas horas. Uma cadeirinha de rodas com apoios para os ombros e alças para os pés encontraria um lar. Entre sorrisos e canções, as famílias se encontrariam, uma fagulha iria chispar e, vencendo qualquer barreira de idioma, haveria riso e lágrimas.

Seria fácil imaginar o Senhor Jesus olhando para a cena, e talvez em seus braços estivesse a pequena Lindy.

Lembra-se daquela “rede” que mencionei anteriormente neste capítulo?

Lembra-se como eu disse que Deus não desperdiça nossa dor?

Para seu agrado, trouxe duas famílias, separadas por meio mundo, juntas em seu nome. Os detalhes superficiais de língua e cultura que os dividiam eram nada, comparados aos vívidos e eternos laços com os quais ele cercou suas vidas: amor da família, amor de Jesus, paciência no sofrimento e pertencimento a uma rede mundial que permite a uma

pessoa vivenciar a dor de outra... e ser erguida pela alegria do outro.

Do Peru: a oração de uma mãe

Na cidade de Arequipa, Peru, no penúltimo dia da distribuição, todas as cadeiras de rodas infantis foram distribuídas. Tudo o que restava à equipe era uma cadeira de rodas pediátrica que era tão larga que provavelmente seria inutilizável. A equipe a havia dispensado porque não se adequava a nenhum menino ou menina com deficiência.

Foi bem nessa hora que uma mulher chegou das montanhas com sua filha deficiente chamada Claudia, envolta em um cobertor nas costas. A viagem tinha sido longa e difícil; e ela tinha medo — você podia ver isso em seu rosto — que fosse tarde demais.

E, verdade seja dita, era tarde demais.

A mãe de Claudia, no entanto, havia vindo de longe demais, com esperança demais para ser dispensada e voltar à casa de mãos vazias. No lugar disso, ela sentou-se bem na porta do centro de distribuição e orou a tarde toda. Partia nosso coração vê-la lá fora, com a pequena Claudia em seu colo, esperando que o Senhor provesse a solução que ela mesma não poderia. Simplesmente não havia mais cadeiras de rodas! O que eles poderiam fazer por ela?

Naquela noite, Samuel, um dos membros de nossa equipe, também orou pelo dilema. Era o tipo de resposta descrita em Isaías 30:21, onde se diz “quer você se volte para a direita quer para a esquerda, uma voz atrás de você lhe dirá: ‘Este é o caminho; siga-o.’”

Para Samuel, com habilidades mecânicas, deitado em sua cama de hotel e incapaz de pegar no sono, a voz do Senhor soava mais ou menos como isso: “Corte o eixo um pouco, desse jeito. Ajuste a barra transversa dessa forma. Vire a chave inglesa para a direita, depois para a esquerda... e

você conseguiu. Você vai poder ajustar aquela cadeira para Claudia.”

Na manhã seguinte, Samuel seguiu direto para trabalhar na cadeira de rodas dispensada que, até então, parecia inutilizável. Ele conseguiu ajustá-la a tempo, momentos antes daquela determinada mãe peruana e sua filhinha deficiente retornassem ao centro de distribuição.

Aquela mãe havia orado. Samuel havia orado. E Deus, miraculosamente, respondeu.

Da Índia: para fora do túnel

Mahesh era um líder em sua família, um homem de educação avançada com um impecável sotaque britânico. Mas numa noite ele teve uma queda da varanda de casa, quebrando gravemente ambas as pernas. Ainda que tivessem colocado suas pernas no gesso, ele nunca se curou apropriadamente. Por causa disso tornou-se paraplégico.

Sua deficiência desgraçou sua família, e eles o colocaram para fora de casa, na rua.

Quando conhecemos Mahesh e escutamos sua história, ficamos espantados. Poderia ser assim? Poderia a família de um homem decente realmente o tratar assim? Mas Mahesh simplesmente não se importa com isso, dizendo-nos que essa era a tradição na Índia. Afinal de contas, recordou-nos, ele havia perdido todo o respeito. Quando o encontramos pela primeira vez, estava vivendo dentro de um túnel que conectava duas autoestradas. Sua cama não era mais que um leito de trapos sujos e toalhas desfeitas, e ele vivia ali há muitos anos.

Com sorte, os membros de nossa equipe o localizaram quando estavam passando de carro pela cidade. Ficamos espantados ao ver que esse homem, com a aparência de um mendigo, tinha um alto grau de educação e articulava-se muito bem. Ele estava igualmente espantando por esses

estrangeiros terem parado um pouco suas vidas para falar com um rejeitado como ele.

Por meio de um intérprete, conseguimos compartilhar com ele o Evangelho de Cristo e, no dia seguinte, voltamos ao túnel com uma cadeira de rodas. Trabalhamos duro para ajustá-la para ele, ali mesmo no túnel, na calçada entre duas autoestradas. Então os membros de nossa equipe o levaram para uma clínica de saúde e o conectaram com um ministério indiano que trabalha com deficientes.

Mahesh agora está sendo reintegrado à sociedade e teve sua dignidade restaurada. Sim, este resultado é devido ao esforço da clínica e do trabalho de algumas igrejas locais. Mas, acima de tudo, por causa de Jesus Cristo. Isso mesmo! Mahesh tornou-se cristão, e isso fez toda a diferença em sua vida. O amor curador de Deus tornou-se mais real naquele túnel infecto do que seria em qualquer catedral gloriosa. É o que acontece quando se alcança os intocáveis em nome de Jesus.

De Camarões: “Onde está meu alimento?”

Amidou é um muçulmano que sofreu paralisia por conta de um derrame e tem permanecido nessa situação por muitos anos. Quando nossa equipe o encontrou, ele precisava seriamente de socorro.

Depois que ajudamos esse senhor a se adaptar em sua nova cadeira de rodas, ele ouviu nossa mensagem com muita atenção, especialmente quando entregamos a ele o Evangelho, explicando todo o plano de salvação a partir das contas coloridas de uma pulseira evangelística. Dissemos a ele que as contas negras representavam o pecado; as vermelhas, o sangue de Cristo; a branca representava o perdão, a verde representava o crescimento, e assim por diante.

Quando nosso voluntário lhe explicava a conta verde, Amidou perguntou subitamente: “Onde está o alimento para

meu crescimento? Estou esfomeado por esse alimento que os outros estão recebendo.”

Demo-nos conta de Amidou não estava se referindo à comida física, mas sim à Bíblia que ele havia visto os outros receberem naquela manhã. Então não perdemos tempo e entregamos uma Bíblia em francês para Amidou e sua mulher, Adizai. Eles ficaram totalmente fascinados, e Adizai nos disse que, apesar de ter escutado o nome de Jesus, nunca tinham lhe contado nenhum detalhe sobre ele. Estava espantada por ouvir que ele ainda estava vivo!

É difícil escrever a alegria no rosto daquele casal ex-muçulmano quando deixaram o centro de distribuição naquele dia. Tocando a capa de sua nova Bíblia, Amidou disse: “Certamente iremos comer esse alimento. Um Deus do qual nunca tínhamos ouvido falar.”

Da Tailândia: uma cadeira de rodas canhota

No ano passado, quando estivemos na Tailândia, estávamos desembarcando nossas cadeiras de rodas em Banguecoque quando percebemos uma cadeira desenhada para uma pessoa que possuísse somente um braço — o braço esquerdo.

Se você girasse somente uma roda em uma cadeira de rodas normal, você iria, evidentemente, vagar em círculos. Mas essa cadeira em particular tinha um mecanismo de alavanca que poderia ser empurrado pelo braço esquerdo de uma pessoa de forma a propeli-la para frente. Quando os membros de nossa equipe viram a cadeira, coçaram a cabeça. Parecia realmente rara, e não entendíamos como ela havia ido parar ali, no meio das outras cadeiras de rodas. Era especializada demais. Não havia ninguém na nossa lista na Tailândia que fosse tetraplégica e não pudesse usar o braço direito.

Após uma semana trabalhosa de distribuição, quando estávamos para fechar o centro, um homem veio pela rua,

arrastando-se. Seu nome era Francis, e ele havia ouvido falar que nós estávamos na cidade. Assim, tinha rastejado para dentro de um ônibus e tinha viajado uma grande distância para nos encontrar. Quando chegou, esgueirou-se para dentro do centro de distribuição, arrastando atrás de si seus pés, e usando apenas um braço para fazê-lo.

Seu braço esquerdo.

Miraculosamente, Francis conseguia puxar todo o peso de seu corpo somente com o braço esquerdo. Soubemos que havia se acidentado no trabalho muitos anos antes e nunca tinha recebido o tratamento apropriado. Porém, naquele dia não apenas cuidamos de sua saúde, como demos uma cadeira de rodas que lhe cabia perfeitamente. Era aquela cadeira diferente com o mecanismo em alavanca, no qual uma pessoa poderia operar somente com o braço esquerdo.

Era a cadeira perfeita para Francis?

Quem iria saber?

Deus sabia.

Da África ocidental: o testemunho de Mal

Mal, com seus 75 anos de idade, é um mestre mecânico que vinha do Estado de Minnesota, sendo um de nossos membros mais experientes. Apenas um ano antes de viajar com nosso time da **Wheels** para a África Ocidental, Mal tinha estado em coma e quase morrera. Mas os doutores deram-lhe uma medicação que o trouxera da beira da morte e salvara sua vida. Porém, quando ele saiu do hospital, tinha ambas as pernas amputadas logo abaixo do joelho.

A maioria das pessoas estaria arrasada por esse desdobramento, pensando que havia perdido tudo. Mas Mal estava grato por ter recuperado sua vida e havia prometido ao Senhor que, por qualquer porta de ministério aberta pelo Senhor, ele entraria, ainda que fosse sem suas pernas.

Seis meses mais tarde, quando a porta se abriu para Mal tornar-se um membro de uma de nossas equipes,

entregando cadeiras de rodas e Bíblias na África Ocidental, ele instalou suas pernas protéticas e alistou-se como mecânico de cadeira de rodas. Mal fez um trabalho incrível com sua chave de fendas e serrote, consertando todas as cadeiras de rodas e ajustando-as perfeitamente para as necessidades de cada deficiente.

Mas aqui está a verdadeira razão pela qual Deus quis Mal naquela viagem.

Os africanos (especialmente os mais velhos) ficaram de queixo caído quando viram aquele senhor, já idoso e sustentado por pernas de aço, andando tão seguro de si. A fé de Mal no Deus soberano era um poderoso testemunho para as muitas famílias que vieram ao centro de distribuição. Ele era um exemplo visível do que se diz em João 9:3: “Isto aconteceu para que a obra de Deus se manifestasse na vida dele.”

Muitos africanos daquela região — incluindo um grande número de idosos — vieram a Cristo durante a distribuição das cadeiras de rodas. Aquelas cadeiras eram um sonho que se realizava, e rapidamente eles aceitaram o Evangelho de Jesus Cristo. Mas o que arrebatou seus corações foi aquele homem de 75 anos e sem pernas, que atravessou metade do mundo para ajudar os que têm necessidade.

Do Egito: os novos amigos de Yasser

Minha amiga Rebecca Atallah dirige um acampamento para crianças deficientes que vivem em um depósito de lixo nos arredores do Cairo, no Egito. É chamado de Acampamento da Vila do Lixo e, algumas vezes, uma porção de adultos aparece no local. Como Yasser.

Yasser é um egípcio de 30 anos cujas pernas foram amputadas não faz muito tempo. Ainda que ele possua uma cadeira de rodas — algo com o qual muitas pessoas deficientes podem apenas sonhar —, Yasser vem lutando contra a depressão em decorrência de sua perda.

Preocupada com a situação, Rebecca permitiu que ele permanecesse mais do que uma semana no acampamento.

De forma gentil, mas persistente, Rebecca desafiou Yasser a começar a trabalhar e a ganhar seu sustento. No começo, ele não tinha certeza do que poderia fazer, porém, mais tarde, disse a Rebecca que talvez fosse capaz de entrar no negócio de reciclagem de latinhas, recuperando latas de refrigerantes do depósito de lixo. A parte de cima das latinhas de refrigerantes é feita de alumínio, e vale cinco vezes mais que o resto da lata. As pessoas que vivem de catar o lixo, no entanto, geralmente não têm acesso às tesouras especiais necessárias para cortar a parte de cima das latas. Elas têm de vender a lata inteira para a reciclagem, e seus ganhos são reduzidos ainda mais. Muitas crianças que vivem nas beiradas dessas montanhas de lixo ajudam suas famílias a se sustentarem por meio da reciclagem.

Mas como poderia Yasser, amputado de ambas as pernas, competir com as crianças pelas latas? Ou circular com sua cadeira de rodas por entre as montanhas de lixo? Isso o assombrava tanto que o impedia de pensar, e ele estava prestes a reconhecer a derrota, antes mesmo de começar a empreitada. Foi aí que Rebecca ofereceu-se para catar as latas no lugar dele, se ele fizesse o trabalho de cortar a parte de cima de todas elas. Yasser ficou muito grato, e com disposição aceitou a oferta. Com mãos fortes e habilidosas, isso era uma coisa que ele certamente poderia fazer.

Não demorou muito tempo para que as notícias sobre o arranjo entre Rebecca e Yasser se espalhassem pelo acampamento. Um grupo de adolescentes surdos que caminhavam à tarde começou a falar (na verdade, a gesticular) entre si sobre Yasser e sua esperança de começar um pequeno negócio de reciclagem.

Enquanto estavam andando e gesticulando, começaram a notar todas as latas de refrigerante jogadas ao largo daquela estrada de barro. Isso deu a eles uma ideia. Dois deles

correram de volta e trouxeram algumas sacolas plásticas para recolher as latas descartadas na beira do caminho. Trouxeram de volta ao acampamento três grandes sacos cheios de latas para Yasser trabalhar!

Quando Rebecca viu a cena, ficou maravilhada! Com lágrimas em seus olhos, ela me disse:

—“Joni, esses adolescentes surdos têm tanta dor em suas vidas… tanta rejeição. E aqui estão, mesmo sofrendo. Porém, ainda assim, foram tocados pelo Senhor para compartilhar na batalha de Yasser de uma forma tão prática!”

Para mim, esse é um maravilhoso exemplo daquele lindo versículo em Gálatas, em que nos dizem para suportar os fardos de outros. Sim, temos nossas mágoas e dores. Sim, temos nossos pesares. Tenho minha tetraplegia e minha dor crônica, e você tem o seu próprio conjunto de dificuldades e desafios. Mas as Escrituras nos forçam sempre a considerar as necessidades dos outros, não importa o quão pouco você possua em bens materiais ou quão difíceis sejam suas experiências.

Eu agradeço àqueles jovens e surdos adolescentes egípcios que não focalizaram nas próprias aflições, mas que ficaram animados em suportar o fardo de Yasser: um homem sem pernas, mas com uma nova dose de esperança.

Dez

Agradeço ao Senhor, Deus, por esta cadeira de rodas

SENHOR, tu és o meu Deus; eu te exaltarei e louvarei
o teu nome, pois com grande perfeição tens feito maravilhas, coisas há muito planejadas.
ISAÍAS 25:1

Seu nome é Shantamma.

Quando nossa equipe do Wheels esteve na Índia recentemente, encontramos essa jovem de 18 anos, filha uma família hindu, morando em Ongole.

Ninguém que tenha nascido na pobreza das favelas dessa cidade leva uma vida fácil. Porém, muitos levam uma vida mais fácil que a de Shantamma. Nascida com uma deficiência, ela passou a vida no chão da casinha da família, arrastando suas pernas atrás de si, e raramente se aventurando para fora da porta da frente.

A mensagem de boas-novas em Cristo, no entanto, permeou a cidade costeira de 300 mil habitantes. Quatro anos antes de nosso encontro com Shantamma, um pastor de uma pequena igreja evangélica fez contato com a família. Quando soubemos da condição de Shantamma, voltamos ao

pequeno escritório, pegamos o exemplar batido de um antigo livro *Joni* em sua esquálida biblioteca e o levamos à jovem como presente.

Ainda que por toda a vida ela fosse hinduísta, Shantamma leu o livro, de uma capa à outra. Com lágrimas rolando pela face, ela decidiu confiar em Jesus Cristo, “como a Joni”. Na verdade, ela leu o livro oito vezes, ensaiando repetidas vezes como uma pessoa pode alcançar a salvação por meio de Jesus. Finalmente, foi isso que ela fez. Em uma grande decisão teria consequências dentro de sua família e de sua comunidade: Shantamma deixou a religião hinduísta e tornou-se uma cristã.

Então nossa equipe chegou, trazendo cadeiras de rodas e Bíblias para Ongole, para entregar aos deficientes com necessidades. Após tantos anos se arrastando de um lado para outro, Shantamma descobriu que iria receber sua própria cadeira de rodas. A cadeira, no entanto, trazia para ela uma animação que ia muito além do presente em si. Estes voluntários eram representantes de Jesus que forneciam aquelas cadeiras às pessoas! Shantamma estava tão orgulhosa e animada em pensar que o Deus em quem ela havia aprendido a confiar, a partir da leitura do livro *Joni* tantas vezes repetida, que esse Deus — seu Senhor — mostrou a ela sua bondade especial, fornecendo uma oportunidade para que ela recebesse uma cadeira de rodas ajustada para ela.

Após Shantamma terminar de ter sua cadeira ajustada, no entanto, ela ficou chocada e imóvel ao descobrir de onde vinham as cadeiras. Ela começou a chorar, quando se deu conta que aquelas cadeiras de rodas haviam sido enviadas “por sua própria Joni, lá de tão longe.”

Desde aquele dia, Shantamma tem vivenciado um novo nível de júbilo e confiança. Ela tornou-se mais audaz em compartilhar sua fé em Cristo com seus amigos e vizinhos, ainda aferrados na religião hinduísta. Ela disse a um dos membros de nossa equipe: “Estou pronta para ir a qualquer

lugar a que Deus me conduzir nessa cadeira de rodas... *como a Joni.*"

Meus amigos, esta é apenas uma das milhões de razões pelas quais sou grata por Deus não ter me curado de minha paralisia. E se eu estivesse curada na Cruzada de Cura de Kathryn Kuhlman lá nos anos 1970? E se Deus decidisse responder positivamente minhas orações quando eu tinha 17 anos, livrando-me da paralisia e permitindo-me voltar à vida normal (sobre meus próprios pés)?

Poderia até estar bem para mim, mas e para Shantamma?

Não existiria nenhum livro *Joni* para o pastor dar a essa jovem com tão pouca esperança e tão poucas perspectivas, e não haveria o *Joni and Friends* nem o ***Wheels for the World*** para distribuir cadeiras de rodas para o povo empobrecido de Ongole, Índia.

Será que Shantamma teria vindo para Jesus de qualquer maneira? Teria Deus ganho glória, e seria o nome de Jesus erguido naquele local através do alegre e brilhante testemunho dela?

Este é um mistério para a providência divina, e, como alguém já disse: "Não cabe a nós entender." No clássico infantil de C.S. Lewis, ***Príncipe Caspian****,* Lucy pergunta ao grande leão Aslam o que teria acontecido se ele tivesse feito uma escolha diferente em uma encruzilhada crucial na sua jornada por Nárnia. Aslam respondeu: "Saber o que teria acontecido, criança? Não, a ninguém jamais foi dito isso."

Não posso saber o que teria acontecido a Shantamma se não tivesse existido uma jovem tetraplégica nos Estados Unidos chamada Joni, para inspirá-la e guiar sua fé para o único e verdadeiro Deus. Talvez, como disse Mordecai a Ester, "o alívio e o livramento" para essa garota viessem "de algum outro lugar".

Eu acredito que um dos motivos para não ter sido curada reside nos planos soberanos de Deus para minha vida, que são mais amplos, altos e profundos e me envolvem como um instrumento vivo nas mãos do Senhor, como na vida da

Shantamma, que futuramente estará comigo no céu. Em novos corpos gloriosos que jamais irão exaurir-se ou desbotar, vamos explorar as altas montanhas daquele lugar, as amplas e verdejantes pradarias, e vamos rir alto de alegria pela bondade e graça de nosso Pai celestial.

E o que significarão então essas décadas de deficiência para mim? O que esses poucos anos de dor crônica, lágrimas e frustração serão em relação a eles*?*

Já tenho aqui o suficiente para me permitir dizer: "Obrigada, Deus, por essa cadeira de rodas."

Esta é só uma história. Deixe-me apresentar ainda outra.

Cada vez que faço qualquer tipo de viagem, peço ao Senhor para mostrar-me seu favor, e revelar-se a nós em qualquer lugar ao longo do caminho.

Há algum tempo, eu e minhas amigas Bev e Francie, na volta ao hotel em que estávamos hospedadas, após eu ter feito uma palestra em uma escola para os debilitados fisicamente. A camareira ainda estava arrumando meu quarto de hotel, e assim foi ao quarto de Bev e Francie ao lado (sempre pedimos quartos unificados, para que possamos facilmente ir de um para outro). De qualquer modo, enquanto esperávamos, notamos um bilhete escrito à mão na mesa de cabeceira de Bev. Era da camareira. Ela havia acabado de limpar o quarto e havia escrito essas palavras em um bloco de hotel:

> *Querida Joni, li seu livro quando me tornei cristã, em 1980, e o Senhor usou você para me ajudar quando atravessei tempos difíceis.*

Seria ela a mesma camareira que estava há pouco limpando meu quarto? Isso é o que eu queria descobrir, então fui com minha cadeira até o quarto contíguo e perguntei à jovem que estava fazendo a cama: "Perdoe-me, foi você quem deixou um bilhete no outro quarto?"

A pequena camareira encarou-me com os olhos arregalados. Imediatamente, ela pegou um travesseiro da cama, enfiou seu rosto nele e começou a chorar. Entre soluços, descobri que seu nome era Rachel, e que havia lido meu livro e depois assistido ao filme *Joni* na televisão cristã. Tinha sido uma bênção maravilhosa para ela, disse-me.

"Não, Rachel", respondi. "Você é a bênção para nós hoje, pois é uma resposta de oração. Pedimos ao Senhor Jesus encorajamento quando deixamos aquela escola há alguns minutos, para que pudéssemos sentir seu desígnio e servi-lo. E voltamos aqui para esse hotel, e ele deixou você esperando por nós. Esperando para entregar uma bênção!"

Sim, este é só outro pequeno incidente em minha vida — não muito dramático, suponho. Mas é sobre histórias como essas que minha vida se sustenta. Por conta do livro *Joni*e e do filme *Joni* que foi feito a partir do primeiro, uma jovem chamada Rachel, lidando com um ponto de ruptura de sua vida em 1980, encontrou coragem em Cristo para seguir adiante. E esses "momentos difíceis" que ela enfrentava na época sombria de sua juventude, o que foram? Eu não sei, e talvez nunca saiba.

Mas sei bem que quando Deus escolhe não me curar, ele está vendo a pequena Rachel em sua mente, amando-a, provendo cuidadosamente suas necessidades e consolando seu coração. E, sem dúvidas, ele também estava vendo Shantamma, que se perguntava se alguém no mundo poderia socorrê-la ou se importar com sua vida enquanto se arrastava por sua casinha em Ongole. E ele estava vendo milhares, talvez milhões de outros que eu jamais conhecerei nesse lado do paraíso, cujas vidas foram de alguma forma tocadas pela história de uma garota paralisada em sua cadeira de rodas.

E, pensando nisso, estou tomada de assombro, e digo mais uma vez: "Obrigada, Deus, por esta cadeira de rodas."

“Maravilhas... há muito planejadas”

Não faz muito tempo, deparei-me com essas palavras impressionantes do livro de Isaías:

> “Senhor, tu és o meu Deus; eu te exaltarei e louvarei o teu nome, pois com grande perfeição tens feito maravilhas, coisas há muito planejadas.”
>
> (Isaías 25:1)

Em uma época de confusão espiritual, declínio nacional, num dia em que as tempestades surgiram no horizonte e os rumores de guerra, na distância, o profeta Isaías ocupou-se em refletir sobre a perfeição de Deus, seus feitos maravilhosos e planos que não conseguimos compreender com totalidade.

Senhor, ele disse, *não importa o que aconteça. Eu declaro que vós sois meu único Deus. Sois meu! Não importa o que as pessoas digam ou façam no meu entorno, irei erguer seu nome o mais alto que puder, enquanto for vivo, e colocar minha total confiança em vossos planos. Senhor, sois fiel. Há muito tempo, vós já havíeis previsto este dia, e vós havíeis planejado tudo sobre ele — coisas maravilhosas! Agradeço a vós, Deus, por esse ministério que me havíeis dado.*

Um ministério difícil? Uma tarefa de, algumas vezes, partir o coração?

Com certeza.

Desde o começo, foi dito que sua plateia imediata não iria dar ouvidos a suas palavras nem veria suas ações. Seus corações estariam calejados, seus ouvidos moucos, seus olhos estariam fechados.[56] Pediram-lhe que fizesse algumas coisas difíceis, coisas que teriam sido humilhantes à sua dignidade como cavalheiro e homem de Deus.[57]

Mas, no fundo do seu coração, Isaías estava grato. Ele havia dito ao Senhor: “Eis-me aqui. Enviai-me”, e não olhou para trás. O plano de Deus era o melhor entre os planos

possíveis e, portanto, a vida que ele havia recebido — por mais difícil que fosse — era a melhor vida que poderia ter pedido.

De qualquer modo, ele sabia o que estava por vir. Ainda que os santos do Antigo Testamento não tivessem todas as revelações que temos a respeito do céu, Isaías havia recebido uma visão radiante que ardeu, floresceu e dançou na sua mente. No mesmo capítulo, alguns versículos adiante, ele escreveu:

> “Neste monte o Senhor dos Exércitos preparará um farto banquete para todos os povos, um banquete de vinho envelhecido, com carnes suculentas e o melhor vinho.
> Neste monte ele destruirá o véu que envolve todos os povos, a cortina que cobre todas as nações;
> destruirá a morte para sempre. O soberano Senhor enxugará as lágrimas de todo o rosto e retirará de toda a terra a zombaria do seu povo. Foi o Senhor quem disse!”
>
> (Isaías 25:6-8)

Eu junto minha voz ao seu louvor.

Obrigada, Senhor, pela vida que me deu. Obrigada pelas muitas oportunidades para lhe servir, mesmo em meio à dor. Obrigada, Deus, por essa cadeira de rodas. Pois foi-me assegurado não apenas acreditar em seu filho, mas sofrer em seu nome. Oh, júbilo!

> *... pois com grande perfeição tens feito maravilhas, coisas há muito planejadas.*

Como declarei nas páginas deste livro, muitos quiseram me levar a declarar que meu acidente, há 43 anos, não fazia parte do plano de Deus. Que minha paralisia nunca foi sua intenção. Que a tetraplegia não era necessária. Que a dor

crônica não tinha razão de ser. Que o sofrimento nunca foi parte de seus planos. Que as lágrimas, gemidos e noites sem sono foram inúteis e um desperdício de minha energia e de minha vida.

Eu sei que não é assim.

Tudo foi planejado, há muito tempo. Deus fez com que tudo acontecesse, em sua grande perfeição. E, porque ele o consentiu, por caminhar comigo em cada momento, seu plano tem sido maravilhoso para mim, Joni Eareckson Tada.

E, deixe-me acrescentar, digo estas palavras com profunda convicção:

Estou contente.

O Segredo do contentamento

“Estou contente em Deus, muito mais do que você poderia adivinhar...”

Paulo escreveu essas palavras em uma solitária cela de prisão, longe de casa, separado de seus amigos e familiares, do ar puro e da luz do dia. Ele havia sido encarcerado simplesmente por sua fé em Jesus Cristo — e por ter tido a ousadia de falar e ensinar às pessoas sobre ele. No entanto, se os inimigos de Paulo acreditavam que a masmorra iria partir seu espírito, eles não poderiam estar mais enganados.

Ele continuou: “Na verdade, não tenho sentido a necessidade de coisas alguma. Já aprendi a ficar contente com quaisquer que sejam minhas circunstâncias. Tenho permanecido igualmente contente, tendo pouco ou tendo muito. Encontrei a receita para a alegria — com fome ou satisfeito, com as mãos cheias ou abanando. O que quer que tenha, o que quer que eu seja, posso tudo naquele que me faz quem sou”.[58]

“Contente em Deus?”

“Mais feliz do que você poderia adivinhar?”

“Encontrei a receita para ser feliz?”

Realmente, não há muito sentido lógico nisso. Como poderia o apóstolo Paulo estar contente — ou mesmo alegre — com tão pouco?

Isso me traz recordações de quando conheci Summer, no ano passado — uma bela e atlética jovem que treinava para ser salva-vidas. Há pouco tempo, ela teve um acidente em seu pescoço e agora está paralisada em uma cadeira de rodas.

No dia em que a visitamos, Summer tinha algo animador para compartilhar comigo. Ela desejava me mostrar os pequenos movimentos que começará a fazer com seus pulsos e dedos.

“Uau!”, eu disse. “Isso é fantástico! Que maravilha! Você tem todas as razões para acreditar que conseguirá ainda mais. Pessoas com machucados na coluna podem recuperar muitíssimos movimentos dentro do primeiro ano.”

Todos em torno de nós sorriam, olhando com curiosidade. Tenho certeza de que éramos uma dupla e tanto. Lá estávamos, ambas em cadeiras de rodas com grave paralisia — sem poder usar as pernas ou pés, com movimento limitado de braços e sem poder usar as mãos — sabendo muito bem que a maior parte de nossa paralisia é permanente.

Estávamos todos encantados com o fato de a jovem Summer poder mexer seu pulso em pouquíssimos milímetros. Sério, era quase imperceptível, mas, se você olhasse com muita atenção, conseguiria ver o movimento da junta, bem leve. Por algum caminho desconhecido e incompreensível, um comando do cérebro de Summer havia contornado o maciço bloqueio neurológico criado por seu acidente, e lá estava um movimento — abençoado movimento — em um de seus membros. Nós estávamos em êxtase. Rimos e conversamos tão animadas como se tivéssemos acabado de completar nossa primeira maratona, concluir a faculdade ou anunciar um casamento.

“Mas não era lá grande coisa”, você poderia dizer. “Foi só um mero movimento”.

Sim, é verdade, mas quando você está paralisado, sua felicidade pode ser medida a partir de desenvolvimentos milimétricos. Cinco milímetros de boas-novas recebidas do Senhor podem nos trazer tanta alegria quanto um quilômetro o faz para alguns.

Enquanto celebrávamos juntas, sentíamos como se a realidade apavorante do nosso corpo paralisado não importasse mais naquele momento — como se não fizesse mais parte da nossa realidade.

E você sabe o que mais? Não fazia mesmo.

Summer tinha uma equação para o contentamento, e sua paralisia simplesmente não aparecia nesse cálculo.

É como quando, por vezes, você escolhe olhar para um copo quase cheio, em vez de quase vazio. E isso precisa ir além, mesmo quando restam apenas algumas gotas no fundo do copo, pois devemos pensar: “Tem alguma coisa lá. Não é maravilhoso? Poderia estar vazio, mas, não: há alguma coisa para nos satisfazer!”

E assim você se alegra, com alegria e com o coração amadurecido, conforme permite o Senhor.

Summer tinha toda razão por confiar na recuperação gradativa do movimento de suas mãos. Talvez ela alcance movimentos de um centímetro, ou mesmo de um centímetro e meio. Se isso acontecer, sem dúvida, ficaremos extasiados, e a festa continuará. Mas, mesmo se isso não se realizar, acredito que essa jovem continuará contente. O contentamento reside na confiança de que Deus já nos deu tudo o que é preciso para a felicidade nessa vida. O sábio é aquele que não lamenta pelas coisas que não tem, mas que se alegra pelo que tem.

Você orou para receber uma cura e Deus disse “espere”, ou “não”? Você estará contente com ele — e somente com ele — mesmo que suas mais fervorosas orações sejam colocadas em espera?

Summer aprendeu (e está aprendendo) a lição que Fanny Crosby, uma escritora cega da geração passada uma vez observou. Ela disse: “Ah, que alma, a minha! Ainda que não possa ver, estou decidida a ser contente nesse mundo. São tantas as bênçãos que eu recebo e outras pessoas, não! Chorar e soluçar por ser cega, eu não posso, e não farei!”

As pessoas com copos meio cheios são chamadas de otimistas, pois, realmente, esta é a melhor e mais alegre maneira de viver. Portanto se reunirmos nossa fé em Jesus Cristo, teremos algo que vai além do mero otimismo, do pensamento positivo ou dos óculos com lentes cor-de-rosa: uma esperança que não enche somente o nosso copo pela metade, mas que o faz transbordar. Romanos 15:13 diz: “Que o Deus da esperança os encha de toda alegria e paz, por sua confiança nele, para que vocês transbordem de esperança, pelo poder do Espírito Santo.”

Se temos a ele, do que mais precisamos?

Um pequenino movimento no pulso de minha amiga Summer encheu-nos de alegria. Por mais estranho que pareça, é assim quando o que você tem é muito pouco — quando a vida o reduziu ao básico.

Tenho um amigo (que hoje pode pagar por alguns luxos) que me disse ter vivido um dos mais felizes verões de sua vida quando era um jovem solteiro, recém-formado na Universidade Bíblica, que trabalhava para ganhar um salário-mínimo em uma livraria e morava no quartinho de um velho dormitório de estudantes. Segundo ele, essa foi uma época de sua vida em que podia acomodar todos os seus pertences (à exceção de uma bicicleta) em seu fusca. Ele não sabia o que estaria por vir, pois só tinha dinheiro suficiente para o quarto, a pensão e pouquíssima coisa além. Ele encontrava-se com alguns amigos duas vezes por semana para as mais animadas sessões de estudo bíblico de sua vida, e, em suas horas de folga, explorava o campo no verão com sua bicicleta.

Era, definitivamente, uma fase de transição na vida dele. E, sem dúvidas, ele não gostaria de se manter naquela situação para sempre. Mas, olhando para trás, podia ver o que aquilo representou: um intervalo alegre e pacífico da vida, no qual tinha poucas responsabilidades, menos posses e bastante tempo para procurar uma relação mais próxima com Deus.

"Estou igualmente feliz, tendo pouco ou muito. Encontrei a receita para ser feliz com fome ou satisfeito, com as mãos cheias ou abanando. O que quer que tenha, o que quer que eu seja, posso tudo naquele que me faz quem sou". [59]

Tenho outra amiga cuja situação de vida é ainda mais restrita e limitada que a de Summer. Outra linda e atlética menina, Cathe — de apenas 13 anos, com uma grande voz para cantar —, que, descendo a rua onde mora para chegar à escola antes que soasse o sino, foi atingida por um carro em alta velocidade. Ela também ficou paralisada pelo acidente, porém muito mais do que Summer ou eu.

Summer pode mover alguns dedos e girar o pulso, e eu posso balançar meus braços usando os músculos de meus ombros. Mas Cathe fica sentada absolutamente rígida, dependendo do uso de um aparelho pneumático para respirar. Ela só pode manobrar sua cadeira de rodas pressionando sua língua contra um equipamento especial em sua boca.

Na última vez que a vi, haviam se passado dez anos desde seu acidente, e ela havia se tornado uma jovem de 23 anos. Logo que a conheci, percebi que era uma garota confiante, com personalidade, e, ainda que não pudesse falar normalmente, compartilhava conosco um testemunho radiante sobre o cuidado de Cristo em todas as necessidades de sua vida.

Ouça alguns versos do poema que ela escreveu há algum tempo — que segue o compasso marcado pelo aparelho de respiração.

Quando as pessoas me veem
em minha cadeira aferrada
Ninguém sabe (ainda que esteja parada)
da alegria que me foi ofertada

Meus braços já voltarão a se mover
Minhas pernas já não fazem andar
e, sem minha válvula vocal especial,
nem mesmo posso falar.

Esses fatos simples não significam nada
essas coisas que você pode ver sim
são as invisíveis, as internas modificadas
por ele que habita dentro de mim.
Ninguém conhece o contentamento
tal como o que ele me deu
a não ser que deem seu coração a ele
e então esperem com paciência
para que ele faça sua obra de moldar
da forma que ele fez por mim.

Tudo de que preciso, já tenho

Você pode assinar seu nome ao fim dessa declaração?

Isso expressa o seu coração?

Isso expressa o meu?

Tenho de me fazer essa pergunta numerosas vezes — ainda mais depois que a dor pôs maiores restrições à minha liberdade e habilidades.

O que eu tenho?

Diferentemente de minha amiga Cathe, ainda tenho uma voz. Posso falar, posso cantar hinos de louvor, e posso mesmo falar no rádio em cadeia nacional. Diferentemente de muitas pessoas com deficiência que encontrei em todo o mundo, tenho uma cadeira de rodas. Também tenho um marido que me ama, amigos que se importam comigo e

colegas que trabalham ao meu lado por um propósito em comum. Nem todos têm sido abençoados com dádivas tão maravilhosas quanto essas, mas eu fui.

E, de acordo com o Senhor, isso é tudo de que preciso. Porque, se precisasse de algo mais, ele o teria me dado.

Estou usando o que tenho?

Sim, admito que ultimamente tem sido mais difícil. É mais árduo viajar, escrever, pintar e gravar os programas de rádio que mencionei. Estou mais limitada em minhas atividades, mas ainda apareço para trabalhar, oferecendo o que tenho para que o Senhor use, e pedindo a ele por auxílio. E tenho convicção de que receberei esse auxílio, porque Deus nunca destina uma tarefa sem antes nos socorrer em nossas necessidades. Seu comando nunca vem desacompanhado do poder.

Estou preparada para perder o que tenho?

Essa é a prova de fogo do contentamento. É a pergunta que costuma me assustar um pouco.

Apesar de sua agonia, Jó gritou: “Embora ele me mate, ainda assim esperarei nele; certo é que defenderei os meus caminhos diante dele.” (Jó 13:15)[60] Ele estava preparado para confiar em Deus, mesmo a ponto de morrer. Para ser honesta, pensar sobre o futuro algumas vezes me assusta. E se minha dor nunca for embora — ou ficar ainda pior? E se a paralisia tornar-se ainda mais profunda, e eu perder as poucas habilidades que me restam? Bem, no fundo eu sei a resposta: meu chamado não se resume somente em abandonar os planos futuros, mas, principalmente, em depositar minha confiança nas mãos de Deus e entregar o que já possuo.

Estou pronta para receber o que não tenho?

E o que seria isso? Não faço ideia. Mais responsabilidades? Mais portas abertas? Mais sofrimento em seu nome? Posso garantir a vocês, meus amigos, que não estou procurando “aumentar minhas terras” como Jabez, e expandir meu território espiritual. Ficaria feliz se Deus simplesmente

fizesse meu coração maior afim de receber mais de sua paz e júbilo.

Quanto tempo faz desde que você fez uma profunda reflexão sobre suas posses? O segredo do contentamento está presente na verdadeira gratidão pelo que Deus já forneceu a você.[61]

Algumas vezes, quando o dia (ou a noite) parece comprida, e a vida na cadeira de rodas parece um fardo pesado, lembro que meu Senhor viveu em um estado de debilitação.

O próprio Jesus escolheu ser debilitado

Será que esse conceito o perturba um pouco?

Você me conhece: estou sempre procurando por aquilo que a Palavra de Deus tem a dizer sobre as limitações físicas. E, quando você estuda a vida de Jesus, é preciso parar e considerar que, apesar de nosso Salvador não ter padecido por intermédio de uma debilidade física, ele efetivamente debilitou a si mesmo quando desceu à Terra.

Sim, e como!

Como posso dizer isso com tanta certeza? Bem, o dicionário define “debilitado” como qualquer dificuldade que é imposta a uma pessoa superior, que crie nela impedimento ou desvantagem, tornando-a mais igual às outras.

Certamente, se usarmos essa definição, Jesus era sim debilitado.

Pense nisso!

Por um lado, a completude de Deus habitava em Cristo, mas, por outro, ele “fez de si mesmo nada”. Jesus esvaziou-se, assumindo a forma de um servo. Debilitou-se! Você conseguiria imaginar uma debilitação maior? Permanecendo Deus de um lado e, ainda assim, fazer-se como nada! Esta é uma grave limitação que, para alguns, teria impedido nosso Senhor ou o colocado em desvantagem.

Jesus, o Mestre e Arquiteto do universo inteiro, concebeu os sóis, estrelas, galáxias e planetas. Quando se debilitou, fez-se carpinteiro na Terra, limitando-se a conceber prosaicas cadeiras, banquetas, mesas e jugos para os bois.

Jesus foi quem falou o Verbo, criando tudo em torno de nós. Mas esse mesmo Jesus também verbalizou o tempo e o espaço para fazer-se debilitado na Terra, escolhendo, humildemente, estar com prostitutas, leprosos e pecadores.

Jesus, aquele que desde a queda de Satanás tem desprezado a dor e o sofrimento como um dos horríveis resultados do pecado humano, debilitou a si mesmo na Terra quando suas costas doeram, seus músculos retiveram-se, e seu corpo transpirou, derramou lágrimas de sofrimento e sangrou o verdadeiro sangue.

Quando penso em tudo isso, me choca o fato de que essas limitações não apenas "aconteceram" a Jesus da mesma forma que "acontecem" para você e para mim. O fato assombroso é que Cristo escolheu ser debilitado. Não consigo imaginar uma única pessoa que escolheria ser debilitada. Acredite em mim, eu sei que não escolheria! Não há nada fácil, divertido ou casual no que se refere a lidar com uma debilidade. Desde o começo, é *árduo.*

Mas Jesus escolheu debilitar a si mesmo para que você e eu pudéssemos compartilhar a eternidade com ele em corpos que jamais falharão ou se degradarão. Jesus escolheu vivenciar dor e sofrimento inimagináveis para que pudéssemos, um dia, caminhar pelas ruas do céu felizes e livres da dor. Jesus escolheu morrer — ainda que isso fosse uma tarefa avassaladora em si mesma. Como escreveu C.S. Lewis, Jesus "estava tão cheio de vida que, quando desejou morrer, teve de 'pegar a morte emprestada de outros'".

E de fato a tomou emprestada, levando-a para si a fim de que passemos pela sombra da morte e vivamos para sempre.

Sim, enquanto estou viva na Terra, fui convocada para suportar a debilidade. Mas como poderia estar senão grata e

contente? Estou na melhor companhia de todas.

Um último pensamento: ajoelhe-se

Algumas vezes abro o *Livro de orações* da Igreja Episcopal Reformada, onde me criei. Nesse texto, fui lembrada que será o Domingo de Epifania no próximo final de semana. Da mesma forma, da leitura do Saltério desse dia:

> *Eles o temerão, enquanto o Sol e a Lua perdurarem*
> *De uma geração para a seguinte*
>
> *Ele descerá como a chuva sobre o prado*
> *assim como as gotas que molham a terra*
>
> *Em seu tempo deve o justo florescer, sim e*
> *haverá abundância de paz, enquanto a lua perdurar*
>
> *Seus domínios estender-se-ão do rio até*
> *o fim do mundo.*

Isso me faz querer… ajoelhar.

Na nossa pequenina igreja no Estado de Maryland, as pessoas pregavam o Evangelho, liam conforme a liturgia, cantavam hinos que haviam decorado, e ajoelhavam-se em oração perante o Senhor. O louvor era um assunto sério, e aprendi desde criança o que significava dobrar os joelhos perante o Senhor.

Não é que eu queira valorizar o ato de se ajoelhar quando oramos, por si só. Somente gostaria de poder fazê-lo. Paralisada, e de cadeira de rodas, é literalmente impossível dobrar meus joelhos e curvar-me em oração.

Lembro-me de um banquete em uma grande conferência de que participei há algum tempo. Estava sentada com outras pessoas em um imenso salão. Ao fim da sua

mensagem, o orador pediu que fizéssemos uma coisa fora do comum. Pediu que afastássemos nossas cadeiras das mesas e, se estivéssemos confortáveis fazendo isso, que deixássemos as cadeiras e ajoelhássemos no chão acarpetado, juntos, em oração.

Bem, eu fiquei sentada em minha cadeira de rodas e assisti a todas as outras pessoas —quinhentas ou seiscentas — deixarem suas cadeiras e ajoelharem-se para um breve momento de louvor. Com todos ajoelhados no grande salão de banquete, receio ter me destacado como a única que permaneceu sentada.

Olhando em torno no salão, não consegui conter as lágrimas.

Oh, eu não estava chorando por autopiedade, porque me sentia uma estranha ou diferente por ser a única que estava sentada. Meus olhos ficaram úmidos porque era tão lindo ver todos que ali estavam ajoelhados em oração. (Talvez eu esteja valorizando demais o ato de ajoelhar-se!) Esse momento me fez pensar no dia em que, eu também poderei sair dessa cadeira de rodas com minhas novas e ressurretas pernas.

Mal posso esperar por esse dia, porque quando ganhar um corpo glorificado, a primeira coisa que farei com minhas novas pernas feitas para a eternidade, será cair com gratos e glorificados joelhos no chão. Poderei, assim, ter mais uma vez a chance de dizer, a partir do Salmos 95:6: “Venham! Adoremos prostrados e ajoelhemos diante do Senhor, o nosso Criador.”

Se você leu algum dos meus livros anteriores, você saberá que tenho sonhado com o dia em que poderei correr, saltar, caminhar, pular e dançar. Será como uma bênção e privilégio por um trabalho dedicado na Terra: um novo corpo em que poderei mover-me livremente. No entanto, acho que ficar quieta, ajoelhada, sobre meus joelhos flexionados será meu sacrifício de louvor. Não me mover, quando finalmente

puder, será uma boa chance de mostrar ao Senhor o quão grata sou.

Então me ajoelharei…

> *…na pradaria verdejante das ravinas do céu.*
>
> *…em uma avenida de ouro, suave como vidro, clara como uma fonte artesiana, fria como a brisa primaveril e atravessada pelo fogo.*
>
> *…com santos de todas as idades, antigos reis e rainhas, apóstolos e mártires, mulheres de fazendeiros e soldados, e as pessoas maravilhosas que através dos anos amaram a Jesus mais do que a vida.*
>
> *…com poderosos seres angelicais que aprenderam a ajoelhar-se antes de aprenderem a caminhar — ou voar.*

Faz muito tempo que de fato me ajoelhei em oração. Esses dias, há muito deixados para trás naquela pequena Igreja Episcopal Reformada, parecem-me tão distantes, suavizados e embelezados pela bruma dourada da memória.

Mas o dia está chegando. Está próxima a hora em que eu, e tantos outros que não podem andar, poderemos ajoelhar-se. Eu sei disso. Posso sentir. O céu está logo ali.

Se você sente que seu retorno é para breve, faça-me um favor? Pratique o que tantos que estão paralisados — fracos, velhos demais ou debilitados — não podem fazer. Abra sua Bíblia no Salmos 95:6, leia-o em voz alta e, então, faça o que ele diz.

Eu não posso ajoelhar-me, mas, se você puder, faça isso.

Ajoelho-me diante do Senhor Deus, seu Criador e meu também. E, já que você está ajoelhado, caso se sinta chamado para isso, agradeça a ele por ser tão bom para uma mulher paralisada chamada Joni.

Epílogo

Meses se passaram desde que escrevi a palavra final da página anterior, e não posso deixar você fechar esse livro sem uma atualização. Estou me contendo para não queimar a língua ao dizer que estou tendo muito mais dias bons do que ruins.

Talvez seja porque estou me sentando de modo diferente em minha cadeira de rodas ou por estar usando um espartilho ortopédico mais alto, ou talvez mais frouxo. Poderia ser uma mudança de dieta? Bebendo mais fluidos? Respiro mais profundamente e certamente faço mais alongamento. Ou talvez seja porque eu não estou mais tomando pesados medicamentos analgésicos — você sabe, aqueles que têm efeitos colaterais piores do que os sintomas?

Qualquer que seja a razão, estou acordando a cada manhã, abençoando Deus por um novo dia, e fechando meus olhos à noite, grata de ainda ter um papel a desempenhar no reino de Cristo. Voltei a um cronograma de viagens mais ou menos normal, e ainda tenho forças para ficar sentada o dia inteiro.

Tenho a impressão que é por causa das orações de vocês — cada dia minha alma parece vibrar com a repercussão das orações das pessoas. Eu confio que o Senhor irá me permitir

prosseguir nesta cadeira de rodas, e se você quiser seguir ao meu lado, eu o convido a visitar o “canto da Joni” no site joniandfriends.org. Lá você encontrará as mais recentes atualizações, assim como um tesouro de relatórios em louvor a nosso grande e maravilhoso Deus. E quanto ao futuro? Para o que resta da jornada, aferro-me ao versículo corajoso e revigorante de Atos 20:24, e convido-o a fazer o mesmo.

> *Todavia, não me importo, nem considero a minha vida de valor algum para mim mesmo, se tão-somente puder terminar a corrida e completar o ministério que o Senhor Jesus me confiou, de testemunhar do Evangelho da graça de Deus.*

Notas

[1] “He who began a good work in you” [Aquele que começou um bom trabalho em você], gravado por Steve Green, *Find us faifhful* [Encontre-nos com fé], 1988.

[2] GREENWELL, Dora. “I am not skilled to understand” [Não tenho a habilidade para entender], *Songs of salvation* [Canções da salvação], 1873.

[3] Lucas 18:1.

[4] FROST, Henry, *Miraculous healing: why does God heal some and not others?* [Curas miraculosas: porque Deus cura alguns e não cura outros?]. (Grand Rapids, EUA: Revell, 1939. HAGERSTOWN, MD: Christian Heritage, 2000), 36. As citações vêm da edição da Christian Heritage.

[5] *Almeida Revista e Corrigida*.

[6] 1Timóteo 5:23.

[7] Atos 12:2.

[8] Apocalipse 1:9.

[9] Atos 7:59,60.

[10] 2Timóteo 4:20.

[11] Atos 23:11.

[12]Filipenses 4:12.

[13] FROST, op. cit. 37.

[14] Ibid, 37,39.

[15] Adaptado de meu prefácio para *Miraculous healing: why does god heal some and not others?* (Fear, Ross-shine, Escócia : Christian Focus Publications, 2000).

[16] João 6:68-69.

[17] *Nova Bíblia Viva*.

[18] FROST, op. cit., 11.

[19] Ibid, 12.

[20] Ibid, 108.

[21] Salmos 103:13-14.

[22] MAYHUE, Richard. *Divine healing today* [Cura divina hoje em dia]. Chicago, EUA : Moody Press, 1983), 52-53.

[23] WOMMACK, Andrew. "God wants you well", www.awmi.net/extra/article/wants_well (acessado em 24 de Fevereiro de 2010).

[24] FROST, op. cit, 109,110.

[25] Ibid, 70.

[26] João 21:22.

[27] FROST, op. cit., 108,109.

[28] Ibid., 116.

[29] Ibid, 69.

[30] Ibid, 13.

[31] Mateus 8:2-3.

[32] EARECKSON TADA, Joni e ESTES, Steve. *A step further* [Um passo adiante]. Grand Rapids, EUA : Zondervan, 1978), 16.

[33] FROST, op. cit. 106,107.

[34] Isaías 40:13.

[35] DRAPER, Edythe. *Draper's book o quotations for the Christian world* [O livro de citações Draper para o mundo cristão]. Wheaton, EUA : Tyndale house, 1992, 198.

[36] Jeremias 2:13.

[37] BUNYAN, John. *The acceptable sacrifice: the excellency of a broken hear in the works of John Bunyan* [O sacrifício aceitável: a excelência de um coração partido nas obras de John Bunyan]. Shippensburg, EUA: Destiny Image Publishers, 2001, p. 720.

[38] Salmos 13:2.

[39] Hebreus 4:15, paráfrase.

[40] Jeremias 37:20.

[41] 2Coríntios 12:9, paráfrase.

[42] Salmos 89:15,17.

[43] Tradução da autora.

[44] *International standard Bible encyclopedia, Electronic database* [Enciclopédia Bíblica padrão internacional, banco de dados eletrônico]. Seattle, EUA : Biblesoft, Inc., 1996, 2003). v. verbete "glória".

[45] *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*.

[46] 1Pedro 5:6.

[47] Romanos 7:24-25; 8:1.

[48] Romanos 8:38-39.

[49] Isaías 7:9.

[50] Oseias 6:3.

[51] Romanos 15:13 paráfrase.

[52] "Oh happy day that fixed my choice" [Oh, dia feliz em que determinei minha escolha]. Philip Doddrige, 1755.

[53] Salmos 22:19; 31:2; 38:22; 40:13; 69:17,18; 70:1; 70:5; 71:12; 79:8; 102:2; 141:1M; 143:7.

[54] Romanos 8:18.

[55] Hebreus 12:11.

[56] Isaías 6:9-10.

[57] Isaías 20:1,4.

[58] Filipenses 4:10-11,13, paráfrase.

[59] Filipenses 4:10-11,13, paráfrase.

[60] Jó 13:15.

[61] Adaptado de EARECKSON TADA, *Pearls of great price,* leitura de 16 de outubro.